

POTENCIAR A ACESSIBILIDADE CULTURAL EM AMBIENTES CULTURAIS:

UM ESTUDO EXPLORATÓRIO EM MUSEUS

Dissertação

Dilma de Andrade Negreiros

Trabalho realizado sob a orientação da

Professora Doutora Jenny Gil Sousa, ESECS

Coorientação da Professora Doutora Carla Sofia Costa Freire, ESECS

Leiria, Setembro 2017

Mestrado em Comunicação Acessível

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.” Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Jenny Sousa pela disponibilidade, competência e rigor que atribuiu a este desafio. O seu voto de confiança foi o meu incentivo à difícil concretização deste trabalho.

À Professora Doutora Carla Freire pela capacidade de encantar e tornar-me pesquisadora. Sem o seu apoio, durante todo o Mestrado, tenho a convicção de que não teria chegado até aqui. Aos Professores do MCA, pelos importantes ensinamentos, carinho e respeito dedicados à distância e na estada em Portugal.

Aos colegas de além mar e aos parceiros de cá, Andrea Gurgel e Paulo Mauá.

Às *Experts* Amanda Tojal, Daina Leyton, Ialê Cardoso e Josélia Neves pelo profissionalismo e carinho com que receberam esta pesquisa.

À Margarete Oliveira e Marcelo Continelli pela receptividade.

À Carine Passos e Renata Mansour pela companhia e incentivo.

Aos meus parceiros do CIEMH2 Núcleo Cultural pela paciência ao me deixarem “contagia-los com a acessibilidade” e pela cumplicidade em realizar comigo os melhores sonhos.

À Tininha pelo carinho, dedicação e força e ao meu filho, nora, netos e amigos por compreenderem a minha ausência.

Às minhas filhas e genro por entenderem o distanciamento nos momentos de estudo, pela confiança, força e motivação que contribuíram para que nunca desistisse. Pelo Arthur, meu neto, que vem vindo para me fazer imensamente feliz e muito mais forte para lutar por um mundo melhor.

A todos, muito obrigada!

Resumo

Ao vislumbrarmos os avanços relacionados com a acessibilidade na contemporaneidade, podemos perceber que os movimentos de luta das pessoas com deficiência repercutiram-se social e culturalmente, em resultados profícuos para toda sociedade. Contudo, no que concerne à acessibilidade em ambientes culturais, notam-se progressos somente nos considerados de grande porte, com linhas de financiamento e gestão definidos e já bem estruturados administrativamente. No entanto, a maioria dos ambientes de pequeno e médio porte vê-se alijada desse processo de inclusão por falta de informação, recursos financeiros, materiais e humanos.

A legislação mundial, da qual Portugal e Brasil são signatários, aponta para a defesa dos direitos das pessoas com deficiência, inclusive no que tange à produção e fruição cultural. Para tanto, é premente que haja o fomento à disseminação das informações pertinentes ao tema, para que toda a sociedade aproprie-se e usufrua de seus direitos culturais.

A presente pesquisa, elaborada no âmbito da Comunicação Acessível, assume um carácter qualitativo e analisa quatro ambientes culturais: um de Portugal e três do Brasil. A investigação acontece pautada na literatura, nas visitas aos locais selecionados e em entrevistas realizadas junto às *experts* responsáveis pelos projetos de acessibilidade destes ambientes culturais.

Assim, procurou-se com este estudo encontrar respostas que possam abrir novos caminhos, especialmente, para quem desejar iniciar o processo de tornar acessível um ambiente cultural.

Palavras chave

Acessibilidade, Ambiente Cultural, Cidadania, Lazer, Museu.

ABSTRACT

When we look at the advances related with accessibility in the contemporary world, we can see that the struggle movements of people with disabilities have had social and cultural repercussions, with fruitful results for every society. However, with regards to accessibility in cultural environment, progress is only seen in those considered as large, with funding and management very lines defined and already well structured administratively. However, most of the small and medium-sized environments are excluded from this process due to lack of information, financial, material and human resources.

The world legislation, of which Portugal and Brazil are signatories, points to the defense of the rights of people with disabilities, including in terms of cultural production and enjoyment. In order to do so, it is crucial that the promotion of the dissemination of information related to the theme is supported, so that the whole society can appropriate and enjoy its cultural rights.

The current research, developed within the scope of Accessible Communication, assumes a qualitative character and analyses four cultural environments: one from Portugal and three from Brazil. The research is carried out on accessibilities' literature, on visits to the selected places and in interviewed with the experts responsible for accessibility projects in cultural environments.

Thus, we sought with this study find answers that may open new paths, especially for those who wish to start the process of making a cultural environment more accessible.

Keywords

Accessibility, Cultural Environment, Citizenship, Leisure, Museum.

ÍNDICE GERAL

POTENCIAR A ACESSIBILIDADE CULTURAL EM AMBIENTES CULTURAIS:	i
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract	vii
Índice Geral.....	ix
Índice de Tabelas	xiii
Abreviaturas	xiv
Introdução	1
I Enquadramento teórico	7
1.1 A importância do ócio e do lazer na contemporaneidade: a cultura como elemento aglutinador	7
1.1.1 O ócio e o lazer inclusivos.....	10
1.2 As estratégias de acessibilidade	13
1.3 Museus e ambientes culturais: discussão de conceitos	18
1.3.1 Museu e Conceitos-chave de Museologia.....	18
1.3.2 Museu no conceito pedagógico	20
1.3.3 Museu de outra percepção	21
1.4 Na perspectiva da legislação.....	22
II Enquadramento Empírico.....	27
2.1 Tipo de estudo	29
2.2 Caraterização do contexto empírico.....	30
2.2.1 Caraterização dos ambientes culturais	30
2.2.1.1 MCCB – Museu da Comunidade da Concelhia da Batalha.....	30
2.2.1.2 Pinacoteca de São Paulo	31

2.2.1.3	<i>MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo</i>	31
2.2.1.4	<i>Museu do Futebol</i>	31
2.2.2	Caraterização dos sujeitos	32
2.2.2.1	<i>Sujeito - Josélia Neves</i>	32
2.2.2.2	<i>Sujeito - Amanda Tojal</i>	33
2.2.2.3	<i>Sujeito - Daina Leyton</i>	34
2.2.2.4	<i>Sujeito - Lalê Cardoso</i>	34
2.3	Técnicas e Instrumentos de recolha de dados	36
III	Apresentação e discussão de resultados.....	38
3.1	Ambientes culturais	38
3.1.1	Espaços Físicos.....	39
3.1.2	Público	40
3.1.3	Programas Educativos	42
3.1.4	Equipe Profissional	45
3.1.5	Comunicação	48
3.2	<i>EXPERTS</i> na área da acessibilidade	50
3.2.1	Diretriz	51
3.2.2	Com base na literatura	51
3.2.2.1	<i>Com base em estudo de percepção por parte de públicos específicos</i> 52	
3.2.2.2	<i>Foram contatados especialistas na área</i>	53
3.2.3	Parâmetros/indicadores/aspectos/características	53
3.2.3.1	<i>Desenho Universal</i>	53
3.2.3.2	<i>Acessibilidade Arquitetônica</i>	54
3.2.3.3	<i>Acessibilidade Comunicacional</i>	54
3.2.3.4	<i>Acessibilidade Atitudinal</i>	55

3.2.4	Avaliações	56
3.2.4.1	<i>Realizadas por especialistas</i>	56
3.2.4.2	<i>Realizadas pelos visitantes</i>	56
3.2.4.3	<i>Realizadas pelos técnicos</i>	57
3.2.5	Formação	57
3.2.5.1	<i>Para os técnicos do Educativo</i>	57
3.2.5.2	<i>Para Direção</i>	58
3.2.5.3	<i>Para equipe de recepção</i>	58
3.2.5.4	<i>Para toda a equipe do Museu</i>	59
3.2.6	Viabilização de Recursos Financeiros	59
3.2.6.1	<i>Recursos próprios</i>	60
3.2.6.2	<i>Financiamento público</i>	60
3.2.6.3	<i>Financiamento privado</i>	60
IV	Conclusões	70
	Lista de Referências bibliográficas	72
	Anexos	1
	Anexo 1 – Grelha de Observação semiestruturada	2
	Anexo 2 – Guião de entrevista	6
	Anexo 3 – Transcrição da entrevista a Josélia Neves	8
	Anexo 4 – Transcrição da entrevista a Amanda Tojal	12
	Anexo 5 – Transcrição da entrevista a Daina Leyton	26
	Anexo 6 – Transcrição da entrevista a Ialê Cardoso	37
	Anexo 7 – Grelha de análise temática	58
	Anexo 8 – Diretriz para tornar o Museu acessível	60
	Anexo 9 – Parâmetros, indicadores, características, aspectos	67
	Anexo 10 – Avaliações	72

Anexo 11 – Formação	77
Anexo 12 – Recursos financeiros.....	79

ÍNDICE DE TABELAS

Quadro 1- NECESSIDADES DE ADEQUAÇÃO NO LAZER A PARTIR DAS DIMENSÕES DE SASSAKI	12
Quadro 2 - DIMENSÕES DE ANÁLISE	38
Quadro 3 - GRELHA DE ANÁLISE PARA ACESSIBILIDADE EM AMBIENTES CULTURAIS...	64

ABREVIATURAS

COPAPEG - Coordenação do Programa de Atendimento ao Público Escolar e em Geral

COPEI - Coordenação de Programas Educativos Inclusivos

DAV - Dispositivos para Autonomia de Visita

EUA - Estados Unidos da América

IBGE - Instituto Brasileiro de Estatística

ICOFOM - Comitê Internacional de Museologia do ICOMINE - Instituto Nacional de Estatística

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LBI - Lei Brasileira de Inclusão

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

LGP – Língua Gestual Portuguesa

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

MAM-SP - Museu de Arte Moderna de São Paulo

MCCB - Museu da Comunidade da Concelhia da Batalha

NAE - Núcleo de Ação Educativa

ONU - Organização das Nações Unidas

PAMF - Programa de Acessibilidade do Museu do Futebol

PEPE - Programa Educativo para Público Especiais

PISC - Programa de Inclusão Sociocultural

PNPA - Plano Nacional de Promoção da Acessibilidade

PROAC - Programa de Ação Cultural

PRONAC - Programa Nacional de Apoio à Cultura

RJ - Rio de Janeiro

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

A percepção da desigualdade em aceder ou produzir bens culturais existentes na sociedade, leva-nos a crer que é fundamental oportunizar a todas as pessoas caminhos que as remetam ao resultado efetivo do cumprimento da legislação mundial, no que tange à acessibilidade cultural. Dentro deste quadro, torna-se primordial atentar para o direito à cidadania cultural com base na legislação vigente em Portugal e no Brasil, principalmente por serem países signatários da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo (2008) que preconiza em seu artigo 30 sobre o direito de participação na vida cultural, no lazer, na recreação e no desporto. Nesse contexto, pode-se analisar a Constituição da República Portuguesa (1976) e a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) que preconizam a garantia a todos os cidadãos, indistintamente, o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura, assim como a valorização e o incentivo a difusão das manifestações culturais. Além dessas, outras leis, decretos, acordos, convenções e planos nacionais e internacionais discorrem sobre o tema e precisam ser apropriados pela sociedade, de maneira simples, com base no entendimento da existência da diversidade humana e da unicidade de cada ser humano.

Vivenciando a questão da falta de acessibilidade nos ambientes culturais brasileiros e portugueses, por escassez de informação e investimento, percebe-se a necessidade de abertura de uma nova via de mediação para que os usuários desses ambientes conquistem o direito pleno à Cultura. Na contemporaneidade, muitos museus têm investimentos para acessibilidade, mas o trabalho de formação de público é por vezes intenso e muitas vezes inócuo, pois a grande massa não tem conhecimento sequer do que é comunicação acessível, acessibilidade arquitetônica ou atitudinal. Se em seus ambientes, nas suas bases não conhecem Braille, audioguia, Língua Gestual, legendagem, legendagem descritiva, vídeo guia, piso ou maquete tátil e que existem pessoas preparadas para recebê-los bem em ambientes culturais, como é de direito, como vai saber? Como esses ambientes podem propiciar o acesso, o usufruto, o pertencimento aos bens culturais que são de e para todas as pessoas? Para tanto, esta pesquisa tem como proposta fazer uma análise do que é oferecido na literatura e em

alguns museus de Portugal e do Brasil, sobretudo no que tange a Tecnologia Assistiva. O objetivo de conhecer as práticas de acessibilidade como ferramentas, técnicas, metodologias, mecanismos de gestão museal, articulação de projetos e as estratégias utilizadas por esses ambientes, tem por propósito apresentar modelos exitosos de práticas de acessibilidade em museus, a serem disponibilizados e franqueados a quem desejar utilizá-lo. Possibilitando, assim, o direito à cultura, à cidadania cultural por meio da produção e fruição dos bens culturais por todas as pessoas, independentemente de sua condição física, sensorial, intelectual, mental, territorial ou social. Possibilitando, assim, a (in)formação para o grande público e a criação de uma nova via de acesso aos bens culturais disponíveis nos museus e inacessíveis até então à grande massa.

Assim, e em face ao exposto pretendemos com este estudo perceber como potenciar a acessibilidade nos ambientes culturais de pequeno e médio porte. Com efeito, a pertinência desta pesquisa prende-se com a falta de acessibilidade nos ambientes culturais como os que integram a Rede de Pontos de Cultura do Brasil, suscitando o desejo de buscar soluções para minimizar o problema. A Rede é composta por núcleos que englobam a diversidade cultural de todo o território nacional e que, por falta de informação e investimento tem a questão da acessibilidade realizada de maneira tímida ou quase nula. Como gestora do CIEMH2 Núcleo Cultural, contemplado como Ponto de Cultura em 2009, participo dos fóruns regionais e nacionais articulando a ampliação e o fortalecimento do trabalho político cultural nessa rede. Ao colocar em pauta a questão da acessibilidade surgia a insegurança da maioria dos participantes em relatar que não havia ou eram poucas as ações de acessibilidade em seus pontos. O mesmo aconteceu em relação ao questionário criado e aplicado em parceria pelo Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Grupo de Trabalho de Acessibilidade da Rede dos Pontos de Cultura, onde a maioria dos respondentes sentia constrangimento em negar a viabilização de acesso a todas as pessoas em seus projetos e locais de atuação.

Neste contexto, partindo da premissa de que acessibilidade pressupõe o direito à utilização dos bens e ambientes por todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, intelectuais, mentais, regionais ou sociais, estudiosos

dessa temática já não conseguem admitir que uma imensa parcela da sociedade ainda tenha seus direitos de acesso à fruição e produção de bens culturais negados em virtude da sua condição.

Segundo Sarraf (2016, para. 2), ao considerarmos os ambientes culturais acessíveis presume-se que:

as exposições, espetáculos, acervos, apresentações artísticas, cursos, oficinas, espaços de convivência e todos os demais serviços básicos e eventuais oferecidos devem estar ao alcance de todos os indivíduos, perceptíveis a todas as formas de comunicação e com sua utilização de forma clara, permitindo o conforto, a segurança e a autonomia dos usuários.

Nota-se que para os grandes ambientes culturais subvencionados pelos governos, empresas ou fundações, a oferta de acesso é viabilizada pela disponibilidade de informação e recursos financeiros para aquisição de equipamentos, tecnologia assistiva, contratação de serviços especializados de mediação e sensibilização da equipe. No entanto, de maneira inversa, os ambientes culturais de pequeno e médio porte não possuem esses recursos, perpetuando a dificuldade em obter informações que possibilitariam o acesso a uma imensa parcela da sociedade que vive no entorno e que não usufrui do direito à cultura como público assistente, nem como produtora de bens culturais. Nesse sentido, busca-se saber quais as estratégias e tecnologia assistiva que podem vir a ser utilizadas nesses ambientes para oportunizar e/ou melhorar o acesso a todas as pessoas. Para responder a esse questionamento, a pesquisa que se apresenta objetivou explorar a tecnologia assistiva e as estratégias de mediação que pudessem ser utilizadas em qualquer ambiente cultural, de forma a tornar acessível à diversidade de públicos. Para tanto, procurou identificar quais delas são adotadas por ambientes culturais acessíveis em Portugal e no Brasil, na intenção de que esses conhecimentos reverberem por onde haja fomento à cultura, por meio de uma grelha com indicações de boas práticas de acessibilidade cultural. Pois, como bem diz Cury, “A chave para o desvendamento dos direitos culturais está na sua filosofia da vinculação entre o indivíduo e seus ambientes culturais” (Cury, 2012, p. 32). E, nestes é que a

informação sobre acesso precisa chegar. São os integrantes dos pequenos e médios núcleos culturais que necessitam ter conhecimento dos recursos de comunicação acessível e, a partir disso, passarem a trilhar um novo caminho de consumo e produção de arte, de história, de cultura.

Neste contexto, definimos a seguinte questão central de pesquisa:

Como potenciar as boas práticas de acessibilidade nos Museus?

Assim, e em termos mais pragmáticos esta investigação tem os seguintes objetivos:

1. Conhecer as estratégias de acessibilidade em museus
2. Conhecer o processo de criação de soluções de acessibilidade utilizadas por *experts*
3. Criar uma grelha de análise com vista ao futuro mapeamento da acessibilidade de museus em Portugal e no Brasil

A presente investigação foi organizada em duas partes distintas: o enquadramento teórico e o estudo empírico. Subjacente a esta estruturação está a procura em conciliar a coerência conceitual dos temas abordados com o processo de investigação empírica levado a efeito.

Assim, no que se refere à primeira parte do trabalho de investigação, esta sucede-se em quatro capítulos que, no seu conjunto nos conduzem à fundamentação teórica da pesquisa.

O primeiro capítulo aborda a importância do ócio e do lazer na contemporaneidade tendo a cultura como elemento aglutinador, apresentando conceitos, abordando o ócio e o lazer inclusivos. No segundo buscamos discorrer aprofundando as estratégias de acessibilidade, embasadas nas dimensões de Sassaki (2009). O terceiro capítulo apresenta a temática *Museus e ambientes culturais: discussão de conceitos*, passando pelos conceito-chave de Museologia, seguido do conceito de Museu Pedagógico e Museu de outra percepção. No quarto capítulo encontramos a Perspectiva da Legislação como norte e respaldo para as ações pertinentes às questões da acessibilidade.

A segunda parte deste trabalho apresenta o estudo empírico e divide-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo explicita o tipo de estudo escolhido para realização da pesquisa. O segundo capítulo apresenta a caracterização do contexto empírico, detalhando a caracterização dos ambientes culturais pesquisados e, em seguida, a caracterização dos sujeitos. O capítulo três dedica-se a apresentação e discussão de resultados, apresentando, sequencialmente, os dados referentes aos ambientes culturais e aos experts. E, finalmente, o capítulo quatro apresenta as conclusões.

I ENQUADRAMENTO TEÓRICO

No âmbito desse estudo sobre a acessibilidade em ambientes culturais, acreditamos ser pertinente apresentar teorias e pesquisas sobre temas consonantes, no intuito de propiciar uma sustentação científica às análises apresentadas.

Iniciaremos pela relevância do ócio e do lazer, tendo a cultura como vetor de desenvolvimento pessoal e social, dando ênfase à cidadania cultural. Passando em sequência para as estratégias de acessibilidade discorrendo sobre o conceito de inclusão e do direito de usufruto aos bens e serviços culturais, para todas as pessoas.

Na perspectiva da legislação, a questão da legislação mundial, referente aos direitos culturais das pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, apresenta-se no trabalho com recorte para as legislações vigentes no Brasil e em Portugal.

Adiante, abordamos os conceitos de museu e ambiente cultural, temáticas eleitas para aprofundamento nesta pesquisa.

As estratégias de acessibilidade universal, embasadas nos conceitos de Sassaki(2009), são o foco do relato que se segue e primordial para compreensão da análise dos dados advindos das entrevistas realizadas.

1.1 A IMPORTÂNCIA DO ÓCIO E DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE: A CULTURA COMO ELEMENTO AGLUTINADOR

Aquino & Martins (2007) dissertando sobre ócio, lazer e tempo livre ponderam que, na contemporaneidade, o ser humano encontra-se no cerne do panorama caótico de subsistência, porém, consciente da necessidade de ser livre e com o proeminente desejo de ter tempo para si próprio. Neste contexto, apresentam a compreensão sobre o tempo de “nada fazer” como “o tempo verdadeiramente livre que se pode dispor. Neste tempo, o sujeito experimenta a sensação de vivenciá-lo sem nenhum

tipo de pressão ou compromisso com produtividade. É um tempo de compromisso consigo mesmo, pleno de autocondicionamento” (Aquino & Martins, 2007, p.498).

Os autores apresentam, ainda, os pensamentos de inúmeros pesquisadores da contemporaneidade sobre a temática (Manuel Cuenca, Fernando Mascarenhas, Sarah Bacal, Cristina de la Cruz-Ayuso, dentre outros), abordando a transição do lazer na sociedade contemporânea, sob o prisma das mudanças políticas, econômicas e culturais clarificando o nosso entendimento em relação ao panorama da atualidade. Na continuidade, nos remetem em suas citações aos 3 “Ds” de Dumazedier, que conceitua o lazer como função de descanso, diversão e desenvolvimento da personalidade, onde os indivíduos, após concluídas suas obrigações laborais, familiares e sociais, optam pelas atividades que venham trazer-lhe satisfação. Seja repousando, divertindo-se, procurando aprender algo novo, buscando informação acerca de alguns assuntos de seu interesse, exercitando sua criatividade ou realizando uma ação social espontânea, para o seu bem estar, sem obrigação.

Contudo, e como Sousa (2014), pressupomos que não há consenso conceitual entre os autores por serem vários os prismas considerados em suas teorias, podendo ser de origens subjetivas, sociais e culturais.

O lazer é um direito social, portanto, necessita estar relacionado ao modo de vida da população, às condições de saúde, socioeconômica, de nível de escolaridade, da profissão que exerce o indivíduo, a faixa etária, enfim, à todas as características de dada população.

Apresentada a importância da liberdade de escolha para o lazer, adentramos no conceito da cidadania cultural e trazemos a pesquisa de Dorneles (2011) onde discorre sobre o pensamento de Leitão (2009) referente às consequências para o ser humano, causadas pela falta de acesso aos bens e serviços culturais, impedindo o exercício de sua capacidade de experimentação, imaginação, criação, intervenção, participação e pertencimento. O que Leitão designa de “marginalidades imensuráveis” (Dorneles, 2011, p.254).

Marilena Chauí faz uma análise histórica interessante sobre o conceito de cultura, que trazemos para este estudo pela importância de sua transversalidade e por ser um tema que permeia nosso discurso. A autora discorre sobre a cultura partindo da palavra original, advinda do verbo latino *colere*, no que concerne ao cultivo fazendo “brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios”, fomentando as potencialidades de alguma coisa ou de alguém (2008, p.55). Indo para século XVIII, a cultura torna-se sinônimo de civilização com um caráter mais político e ideológico, sendo padrão mensurável do grau de evolução. No iluminismo do século XIX, a avaliação de progresso utilizada pela Antropologia como sinal de ausência ou não de cultura das sociedades, toma como parâmetro as formas de comunicação, troca e poder determinando como “primitivas” as que fossem desenvolvidas de maneiras diferenciadas do mercado, da escrita e do Estado europeu. Sendo a cultura europeia intitulada como o modelo etnocêntrico para o desenvolvimento histórico. A partir da segunda metade do século XX, Chauí pondera que o termo cultura se amplia e torna-se compreendido como

produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. (Chauí, 2008, p. 57)

A autora sinaliza que, na contemporaneidade, é necessário considerar o modo como a divisão cultural acontece e é ocultada, atentando para o surgimento da cultura de massa ou da indústria cultural. Salientando que a estratificação e a impossibilidade de acesso acontece com a criação de uma elite cultural, adjetivada de “cultas” por ser capaz de adquirir obras designadas pela indústria como raras e caras, em contraponto às massas designadas como “incultas”, consumidoras das obras classificadas como comuns e baratas. Dado perceptível em relação aos museus como ambientes de visitação elitizados. Sendo esta divisão de classes camuflada e dada pelos meios de comunicação, a impressão ilusória de liberdade de escolha e de direitos iguais de

acesso à informação, aos bens culturais. Maquiando o que o consumidor já possui para fazê-lo adquirir novamente. E determinando a cultura como lazer e entretenimento.

Por esse prisma, pensando no público não visitante dos ambientes culturais que, porventura, desejassem ter o prazer de usufruir dos bens culturais em seus momentos de ócio, como desenvolveriam esse desejo se o acesso não lhe for franqueado? De que maneira realizar-se sem sofrer com os artifícios da manipulação dos meios de comunicação, do consumismo, do direcionamento de outros. Simplesmente por sua subjetividade, pelo prazer de experimentar, de criar, de vivenciar, de sentir? Este questionamento nos remete ao conceito de cidadania cultural criado por Marilena Chauí, citada por Dorneles (2011), em que “significa a cultura como um direito de qualquer cidadão, como trabalho e criação, indiferente da classe social e sem confundi-los com figuras de consumidor e contribuinte” (Dorneles, 2011, p.106).

Neste sentido, remetemos ao pensamento de Sousa(2014) de que a vivência subjetiva do ócio pessoal é fundamental para o indivíduo, pois, o integra ao contexto sociocultural, na medida em que realiza as ações coletivas de cunhos culturais, sociais ou comunitários. Defendendo, ainda, que a vivência do ócio “está intimamente relacionada com a cidadania digna e a vivência saudável e construtiva, onde o grupo e a comunidade são importantes meios de realização” (Sousa, 2014, p.140).

A autora reitera, em sua tese, que o ambiente físico e social e as experiências subjetivas e livres são imperiosas para o exercício do ócio. Reafirmando que, por ser repleto de relações simbólicas, o espaço do ócio é eminentemente um espaço cultural. E que, na contemporaneidade, precisamos aprender a criar e usufruir deste espaço tão pouco bem utilizado, contudo, imprescindível para qualquer ser humano.

1.1.1 O ÓCIO E O LAZER INCLUSIVOS

Outro conceito basilar para o nosso estudo é o conceito da inclusão e para esta temática buscamos as reflexões do pesquisador Romeu Kazumi Sassaki sobre o paradigma da inclusão, compreendido como o procedimento de adequação dos sistemas sociais “para toda diversidade humana - composta por etnia, raça, língua,

nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos - com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações” (Sasaki, 2009, p.1).

Paradigma a ser seguido em todas as instâncias, especificamente neste tópico no que tange ao lazer. Para tanto, faz-se mister que haja liberdade de acesso e uso dos espaços de lazer para todas as pessoas. A exemplo das ponderações encontradas no Guia de boas práticas de Turismo de Portugal, “a acessibilidade é algo que é necessário a todos os cidadãos – quanto mais acessível for o espaço, o equipamento, o produto ou o serviço, maior é a probabilidade de ser utilizado por todos” (Turismo de Portugal, 2014, p. 15).

Discorrer sobre o ócio e o lazer inclusivos, parece redundância, visto que ambos foram abordados preliminarmente como direito de todas as pessoas indistintamente. Não obstante, é imperativo pontuarmos a inclusão, dado que, ao buscarmos os espaços de lazer, percebemos as barreiras impeditivas ao acesso desta diversidade humana, citada anteriormente.

O quadro a seguir, organizado pela pesquisadora, a partir das dimensões citadas por Sasaki (2009), apresenta um panorama das adequações necessárias à acessibilidade no campo do lazer, para as quais torna-se importante atentar, tanto como estudiosos como promotores ou usuários dos referidos ambientes.

Vale ressaltar, que no capítulo a seguir que trata das estratégias de acessibilidade, as dimensões serão abordadas em profundidade e nos contextos amplos referidos pelo autor.

Quadro 1- NECESSIDADES DE ADEQUAÇÃO NO LAZER A PARTIR DAS DIMENSÕES DE SASSAKI

DIMENSÃO	NECESSIDADES
Comunicacional	Adequação das sinalizações de locais (em atenção aos cegos e pessoas com baixa visão) e contratação de intérpretes da Língua de Sinais junto aos trabalhadores em serviços e locais de lazer.
Arquitetônica	Acesso fácil nos aeroportos, terminais rodoviários, espaços urbanos, hotéis e similares, museus, teatros, transportes coletivos, parques ecológicos, parques temáticos, locais de eventos, acampamentos, etc.
Instrumental	Adequação nos aparelhos, equipamentos, ferramentas e outros dispositivos que fazem parte dos locais de lazer. Tradicionalmente, os agentes do lazer ignoram as limitações físicas, sensoriais e mentais de algumas das pessoas com deficiência.
Metodológica	Substituição da forma tradicional (que não leva em consideração as necessidades especiais de certas pessoas) a fim de que os gestores de serviços de lazer estabeleçam novas propostas e acordos com os seus usuários que têm deficiência.
Programática	Eliminação das barreiras invisíveis existentes nos decretos, leis, regulamentos, normas, políticas públicas e outras peças escritas; barreiras estas que se apresentam implicitamente, mas que na prática impedem ou dificultam para certas pessoas a utilização dos serviços de lazer.
Atitudinal	Educação da sociedade como um todo e, especialmente, dos profissionais com poder de decisão, mas ainda preconceituosos a respeito de pessoas com deficiência, e que por isso deixam de abrir oportunidades de lazer para este segmento populacional.

1.2 AS ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE

No intuito de promover o acesso aos bens culturais produzidos nos mais diversos segmentos da cultura, é fundamental intensificar a pesquisa sobre equipamentos, técnicas, serviços, metodologias, recursos e estratégias de acessibilidade.

Há de se projetar e potencializar a Tecnologia Assistiva, principalmente na área de comunicação, não somente nos grandes ambientes culturais para que o público habitualmente não visitante tenha acesso. É importante criar uma via no sentido inverso, criando um novo caminho de formação cultural acessível na base, nos ambientes culturais existentes nas localidades do interior, de periferia das cidades e, desde lá, o direito à produção e fruição cultural sejam franqueados à todas as pessoas indistintamente. Privilegiando a todos os ambientes culturais existentes nos mais distintos e longínquos locais, tanto no Brasil quanto em Portugal, promovendo, assim, a descentralização da informação e o acesso à cidadania, no que tange à cultura.

O que vimos atualmente é que a população, por falta de informação e devido a questões sociais, não visita esses grandes ambientes culturais. Seja por conta da baixa literacia, que suscita o não entendimento do material oferecido nesses espaços, seja por barreiras urbanísticas, arquitetônicas, atitudinais ou tantas outras barreiras que impedem o acesso às pessoas. Nessa perspectiva, se especificarmos o público com deficiência e considerarmos os dados dos censos de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 46.606.048 pessoas se declaram com alguma deficiência. O equivalente à 23,9% da população total do país. Em Portugal, os dados do INE - Instituto Nacional de Estatística para o Censos 2001 apresenta o percentual de 6,1% da população residente com deficiência, equivalentes ao nº de 634.408 recenseados. Parece-nos conveniente registrar as dificuldades enfrentadas na pesquisa, em especial quanto à inexistência de dados específicos sobre a população com deficiência, nos últimos Censos realizado 2011. Ao buscarmos na pesquisa a referência aos dados sobre deficiência, somos remetidos aos dados de 2001. Contudo, são dados expressivos e se somarmos a eles os idosos, a população indígena, crianças, adolescentes, jovens e adultos com baixa literacia, percebemos que há um longo

caminho a ser trilhado. Para grande parte desse público, que não frequenta os museus e centros culturais de grande porte, é fundamental que se conscientize sobre o direito de acesso à cultura e se desperte o pertencimento em relação a esses ambientes culturais.

Para tanto, torna-se importante ter compreensão das dimensões da acessibilidade descritas por Sasaki (2009), referentes às questões das pessoas com deficiência, definidas assim pelo autor:

A primeira dimensão e a mais conhecida é a Acessibilidade Arquitetônica que preconiza a inexistência de barreiras físicas, tendo por base o conceito de barreira arquitetônica que, segundo Assis, é mais amplo e complexo do que aparenta. Pode estar relacionado com limitações físicas, de percepção, ou até mesmo de fundo psicológico, que provoquem situações de impedimento, confusão, dependência, fadiga, estresse ou desconforto (Assis, 2012, pp.69-70).

Exemplos de meios de acessibilidade arquitetônica seguindo as especificações das Normas Técnicas peculiares de cada país: porta ampla, rampa com inclinação adequada, faixa sinalizadora de degrau, plataforma, elevador, corrimão, sanitário adaptado, pias em alturas adequadas, maçanetas, torneiras e descargas de fácil manipulação, bebedouros adaptados, espaço de manobra para cadeiras de rodas, pisos não escorregadios, balcão baixo e inclinado, piso tátil, guias, banheiros feminino e masculino adaptados, vagas de estacionamento com maior área para transferência e identificadas.

A Acessibilidade Arquitetônica é a mais comum de ser encontrada, devido aos movimentos históricos de sensibilização, conscientização e fiscalização do cumprimento da legislação vigente em âmbito nacional e internacional.

A segunda dimensão de Sasaki é a de Acessibilidade Comunicacional que preconiza a inexistência de barreiras na comunicação entre as pessoas. Os recursos táteis e sonoros como maquete e mapa tátil, audioguia, piso tátil, identificações em braile, em letras ampliadas, com contraste, legendas em *closed caption* em vídeos apresentados, videoguias com interpretação gestual para visitantes surdos, intérpretes de língua de

sinais, Audiodescrição, poder tocar nas obras ou em suas réplicas, painel em Braille e áudio nos elevadores e postes, além de folhetos e guias em leitura fácil adaptados com pictogramas apropriados para distintas faixas etárias, são exemplos de acessibilidade comunicacional existentes atualmente em muitos museus e ambientes culturais de grande porte, de Portugal e do Brasil. Assim como, em outros países da Europa e América do Norte que apresentam as adequações de forma mais eficaz, percebendo o benefício desses recursos para todas as pessoas que visitam os ambientes culturais, independentemente de sua condição (Sarraf, 2015).

A terceira dimensão é a da Acessibilidade Programática com inexistência de barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas. No Brasil, a nova legislação regida pela LBI - Lei Brasileira de Inclusão, incide sobre a questão da Acessibilidade Programática, visto que, por meio dela o tema igualdade volta a ser debatido e inserido nas políticas, nas leis, decretos, regimentos e normas, pois passa a ser definido como igualdade de oportunidades entre todos. Em Portugal, a legislação também é abrangente, mas como no Brasil, é primordial que a população tenha o entendimento e possa cobrar o cumprimento da mesma.

A quarta dimensão é a Acessibilidade Metodológica sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação, saúde e participação social. Os direitos fundamentais de todo cidadão, como o direito à vida, à saúde, à educação, ao trabalho, à participação social, à moradia, à cultura e ao lazer, dentre outros, devem ser facultados à todas as pessoas. Para tanto, são necessárias adaptações em currículos, nos procedimentos e mediações por meio de tecnologia assistiva, em todas as áreas.

A quinta dimensão do autor é a Acessibilidade Instrumental sem barreiras nos instrumentos, ferramentas e utensílios. Um exemplo é a disponibilização de meios de comunicação e tecnológicos, como equipamentos de multimídias, laboratórios de informática com softwares específicos, teclados em Braille, máscaras para teclado que facilitam o acesso aos usuários com pouca coordenação motora e/ou mobilidade reduzida e a mediação de profissionais aptos a prestar auxílio, quando necessário.

A sexta e última das dimensões de Sasaki é a Acessibilidade Atitudinal que recomenda comportamentos da sociedade para com as pessoas que têm deficiência sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações. A acessibilidade atitudinal é o esteio de todas as outras, pois, é fundamental que o ser humano, provedor de todo o saber para criação dos meios de vida plena da humanidade, tenha o entendimento intrínseco de que tudo tem que ser para todos.

Na atualidade, os grandes ambientes culturais como Museus e Centros Culturais ligados à Fundações e grandes empresas veem sendo fomentados para acessibilidade e fruição do público em geral. Nessa perspectiva, podemos citar o Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, em Portugal, assim como, o Museu de Arte Moderna (MAM-SP), a Pinacoteca do Estado de São Paulo e o Museu do Futebol situados no Brasil, dentre tantos outros no mundo, que implementaram a comunicação acessível dentro do conceito de desenho universal em seus projetos e servem como modelos internacionais de museus para todos.

1.3 MUSEUS E AMBIENTES CULTURAIS: DISCUSSÃO DE CONCEITOS

Os museus na contemporaneidade constituem-se como espaços de criação, de reflexão, de ação e de referências identitárias e simbólicas, onde todas as pessoas podem ter acesso à arte e à cultura. Ambiente democrático, de transformação social e potencializador da participação e da contribuição cultural, educacional e social dos extratos da sociedade, anteriormente excluído deste ambiente cultural.

Com o advento da nova museologia, o museu fica mais vivo e humanizado, com a atuação voltada para o público, para as pessoas e não mais para as obras estáticas, inanimadas e sem a possibilidade de uma relação profunda entre o Homem e a obra. Antes, um espaço da elite e das coleções, na atualidade passa a ser um local preocupado com os problemas da sociedade, tornando-se um território de representação dos grupos socialmente excluídos (Oliveira, 2015).

No que concerne ao pensamento de Gabriela Aider, os museus vivem o dilema da disputa com as diversas opções de lazer e de informação, oferecidas à sociedade contemporânea.

A pesquisadora acredita que “a resposta a isso tem sido o foco em seu potencial educacional, e em práticas socialmente inclusivas que ampliem a utilidade social dos museus” (Aider, 2001, p.56).

1.3.1 MUSEU E CONCEITOS-CHAVE DE MUSEOLOGIA

André Desvallées e François Mairesse desenvolveram o primoroso trabalho de pesquisa, investigação sistemática e criação do compêndio Conceitos-chave de Museologia, iniciado em 1993, sob a coordenação de Desvallées, juntamente com outros profissionais integrantes do Comitê Internacional de Museologia do ICOM (ICOFOM). A publicação pensada para o desenvolvimento da compreensão da prática diária e da teoria dos museus, apresenta os conceitos primários da museologia atual, traduzidas para o português em uma parceria entre o Comitê Brasileiro do ICOM e o

ICOM Portugal, para lançamento na 23ª Conferência Geral do ICOM, realizada em 2013, no Rio de Janeiro e pelo qual nos baseamos para pesquisa conceitual de museu.

O International Council of Museums Portugal - ICOM apresenta o museu como

uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (ICOM-Portugal, 2007).

Definições que vão se transformando ao longo do tempo, acompanhando a amplitude da evolução do mundo museal.

Desvallées & Mairesse (2013) citam a preservação, a pesquisa e a comunicação como as três funções do museu, sendo que esta última compreende as funções mais visíveis no museu que são a educação e a exposição. Segundo os autores, o termo *mediação* foi acrescentado a função educativa, devido ao seu exponencial crescimento. E salientam a importância que vem sendo dada à noção de *gestão*, qualificando-a também como uma função do museu. Bem como a noção de *arquitetura* de museu, cuja importância crescente indica a conversão de outras funções.

Destacam, ainda, que a definição de museu que integra o estatuto do ICOM de 2007, acima reproduzida, é a mais conhecida internacionalmente.

O termo museu na redação organizada pelos autores, pode designar a instituição, o estabelecimento, ou o lugar criado para “realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio” (Desvallées & Mairesse, 2013, p. 64).

No trabalho desenvolvido pelos pesquisadores e citados na publicação, o museu foi apresentado em diferentes perspectivas ao longo dos anos e, transpondo o caráter restrito de museu tradicional, recebeu definições de museólogos como Gregorová (1980), van Mensch (1992), Schärer (2007). Sendo por Nora (1984 – 1987) e Pinna (2003) significado como “um lugar de memória” e “um fenômeno” por Scheiner

(2007), unindo à esse universo, além das instituições, os territórios ou lugares diversos, os espaços imateriais ou mesmo as experiências. Apresentando, em sequência, outros teóricos como Judith Spielbauer (1987) e Deloche (2007), pensando o museu como um espaço de percepção do ser humano em sua ligação com o natural, com o social e o estético. Ou com uma função peculiar de acúmulo e transmissão da cultura de uma dada comunidade em seu território, como são concebidos os “ecomuseus”. Expondo o pensamento de Schweibenz (2004) acerca da noção de “cibermuseu” ou museu “virtual” como “uma coleção de objetos digitalizados, articulada logicamente e composta por diversos suportes que, por sua conectividade e seu caráter multiacessível, permite transcender os modos tradicionais de comunicação e de interação com o visitante.”

Os autores atentam para o fato de que “o museu virtual, ao se constituir como uma gama de soluções possíveis para a questão do museu, inclui naturalmente o cibermuseu, mas nessa perspectiva, não se reduz a ele” (Desvallées & Mairesse, 2013, pp. 66-67).

A contribuição do ICOM na disseminação dos ideais da nova museologia, propondo ações que possibilitaram e que continuam contribuindo para concretização da democratização do acesso à cultura e do protagonismo do público, tem sido fundamental para os museus e ambientes de cultura.

A seguir, outros conceitos desenvolvidos na contemporaneidade, vem sendo implementados em ações exitosas, válidas de citação nesta pesquisa.

1.3.2 MUSEU NO CONCEITO PEDAGÓGICO

O artista, crítico e curador pedagógico Luis Camnitzer acredita que o espectador deve ser visto como ser criativo e não como apenas um receptor passivo de informação. Em entrevista à Revista Select, o curador pedagógico da 6ª Bienal do Mercosul realizada no ano de 2009, em Porto Alegre, relata um fato interessante e desencadeador de uma série de intervenções pelo mundo. Ao propor um projeto educativo para mostra, a ser realizada em um museu de grande porte, obteve como resposta do diretor que aquele

espaço era um museu e não uma escola. Fato inspirador para o artista conceitual Camnitzer criar a instalação que vem sendo replicada nas fachadas de muitos museus com a frase: “O museu é uma escola. O artista aprende a se comunicar; o público aprende a fazer conexões”. Na concepção do artista, os museus que a utilizam dão ao público um sinal de abertura de diálogo, de acesso, de experimentação, reflexão, criação e pertencimento.

Em entrevista concedida à Revista Nova Escola, Camnitzer diz acreditar que

os males contemporâneos estão baseados no consumo passivo de informação, fruto de um controle que leva à anulação da capacidade de resistência. Nossas habilidades a esse respeito estão se atrofiando. A arte, no melhor sentido da palavra, é um antídoto que ajuda a resistir e a recuperar a saúde mental.

(Grossi, 2016, para. 8)

Leyton (2016) relata que por ocasião da exposição *Educação como matéria prima*, o MAM SP exibiu em sua fachada a frase emblemática de Camnitzer, assim como já aconteceu em outros museus: Museu de Arte Contemporânea de Montevideo, no Uruguai, Museu da Memória e dos Direitos Humanos, no Chile, Museu Jumex, no México, Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, na Argentina, Museo del Barrio, na Espanha e Museu Guggenheim, nos EUA.

1.3.3 MUSEU DE OUTRA PERCEPÇÃO

O conceito de Museu de outra percepção, elaborado pelo fotógrafo e filósofo cego Evgen Bavcar, correlaciona a falta de acesso às pessoas com deficiência aos ambientes culturais e às artes como “privação de liberdade”, a partir da constatação de que os ambientes não propiciam a atuação com liberdade e autonomia à todas as pessoas. Em sua concepção, o museu precisa ser um espaço idealizado para contemplar as diversas realidades e não seguindo a lógica normativa, padronizada e balizada na média de seus visitantes (Leyton, 2016).

No contexto dos ambientes culturais da atualidade, mesmo com o intenso esforço de disseminação e acompanhamento internacional do ICOM, encontram-se arraigadas ações de origens elitizadas, com discurso intelectual, com a predominância da comunicação visual, sem reconhecimento e respeito à diversidade e ao protagonismo da população em geral. Perpetuando, o distanciamento do conceito de inclusão social e pertencimento aos bens culturais para a sociedade como um todo.

Avanços prementes na disseminação e conscientização dos direitos de fruição e produção dos bens culturais para todas as pessoas, são imprescindíveis.

1.4 NA PERSPECTIVA DA LEGISLAÇÃO

A temática da acessibilidade cultural vem sendo pautada ao longo do tempo no campo do direito da pessoa com deficiência e, nos últimos anos, vimos de maneira tímida, mas crescente, a utilização do conceito de desenho universal em espaços culturais de diversos países.

A legislação brasileira, assim como a portuguesa, são ricas na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, tornando-se imperiosa a divulgação das mesmas em múltiplos formatos para que todas as pessoas possam conhecer, entender, apropriar-se e usufruir das leis, decretos, acordos e instruções normativas decorrentes de décadas de luta das pessoas com e sem deficiência, aliadas por essa causa.

Nesse contexto, a acessibilidade cultural vem sendo debatida com veemência ao longo dos anos, mas a aplicação da legislação em relação aos direitos conquistados não é implementada e, quase nunca introduzida nas políticas públicas de cultura. Como reflexo, percebe-se ser ainda incipiente a cidadania cultural, o direito à produção e ao usufruto dos bens culturais franqueados a todas as pessoas.

Ao discorrer sobre os inúmeros decretos e leis nacionais e internacionais, Negreiros (2014), faz alguns questionamentos quanto ao entendimento e o cumprimento dos mesmos. Cita a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, em seu Artigo 27,

Parágrafo 1º que versa “toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade” e indaga se todas as pessoas, sem exceção, inclusive as pessoas com deficiência, a partir da publicação dessa Declaração, tiveram acesso aos bens culturais e passaram a participar livremente da vida cultural da comunidade.

Da mesma forma, busca resposta em relação à execução do que foi acordado na Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada por unanimidade pela ONU em 2007 e ratificada pelo Brasil e por Portugal em 2009, que versa em seu Artigo 25, parágrafo 1º, o seguinte:

Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência a participar na vida cultural, em base de igualdade com as demais pessoas, e deverão tomar todas as medidas apropriadas para que as pessoas com deficiência possam usufruir o acesso a materiais, atividades e serviços culturais, bem como a monumentos e locais de importância cultural nacional.

Assim como, o Decreto Federal Brasileiro nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, que também ratifica os princípios da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ressaltando o Artigo 30º, que dispõe sobre a participação de pessoas com deficiência na vida cultural de suas comunidades em base de equiparação de oportunidades com as demais pessoas, solicitando aos Estados Partes tomarem todas as medidas necessárias nesta direção, como a produção de materiais culturais em formatos acessíveis.

No Brasil, o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vinculado ao Ministério da Cultura, disponibiliza o caderno técnico Mobilidade e Acessibilidade Urbana em Centros Históricos. O documento apresenta um conjunto de ações para possibilitar que pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida possam fazer uso de ambientes considerados patrimônio histórico e cultural, sem a descaracterização dos mesmos. (Iphan, 2014).

Em Portugal, o Plano Nacional de Promoção da Acessibilidade – PNPA propõe, segundo Iphan (2014, p.50), “assegurar a acessibilidade no espaço público e no meio edificado. No caso específico de centros históricos, sugere disponibilizar apoio à realização de intervenções nos espaços públicos que possuem características específicas que impedem a realização de soluções convencionais.”

O mais recente instrumento legal nesse âmbito é a Lei 13.146, LBI - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), sancionada pela Presidente Dilma Rousseff, em 2015, sobre o qual destaca-se o Capítulo IX que trata especificamente do Direito à Cultura, ao Esporte, ao Turismo e ao Lazer, normatizando as ações culturais para que sejam acessíveis à todas as pessoas.

Sendo assim, torna-se fundamental comentarmos este Capítulo no intuito de disseminar amplamente as informações referentes ao tema abordado, em pesquisa realizada no site da Presidência da República (2015)¹.

A Lei citada garante às pessoas com deficiência o acesso a: bens culturais em formato acessível; programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível; a monumentos e locais de importância cultural e a espaços que ofereçam serviços ou eventos culturais e esportivos. A LBI diz que a pessoa com deficiência tem direito ao acesso à obra intelectual em formato acessível e que é vedada a recusa dessa oferta, sob qualquer argumento, inclusive sob a alegação de proteção dos direitos de propriedade intelectual.

No que corresponde ao patrimônio cultural, a Lei ratifica as orientações do Iphan atribuindo ao poder público o dever de adotar medidas que superem, reduzam ou eliminem as barreiras de acesso, observando as normas de acessibilidade em vigor.

No que tange a participação das pessoas com deficiência em atividades culturais, artísticas, de recreação e desporto, o poder público tem a incumbência de impulsionar as mesmas em igualdade de condições com as demais pessoas.

¹ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

Da mesma forma, garantir a reserva de assentos, distribuídos pelo recinto, com boa visibilidade e segurança, em conformidade com as normas de acessibilidade, nos ambientes culturais, esportivos, auditórios e similares. Salientando que o valor do ingresso não poderá ser superior ao valor cobrado das demais pessoas.

A Lei Brasileira de Inclusão passa a ser o instrumento legal norteador de outros importantes marcos legais brasileiros como a Instrução Normativa nº 128, da Agência Nacional do Cinema (ANCINE), publicada em 15 de setembro de 2016, que dispõe sobre as normas e critérios de acessibilidade visual e auditiva para os segmentos de distribuição e exibição cinematográfica no Brasil. E podemos elencar dentre os artigos como sendo um dos mais importantes para Comunicação Acessível o Art. 3º. que versa o seguinte: “As salas de exibição comercial deverão dispor de tecnologia assistiva voltada à fruição dos recursos de legendagem, legendagem descritiva, audiodescrição e LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais”(ANCINE, 2016, p.03), definindo prazo de 24 meses e sanções para o caso do não cumprimento das medidas indicadas na Instrução Normativa.

Em consonância com a legislação citada, tanto no Brasil quanto em Portugal, existem inúmeros outros documentos que a sociedade precisa utilizar para exigir seus direitos em relação à acessibilidade cultural. Em ambos os países se faz necessário potencializar o conhecimento, a sensibilização e o cumprimento da legislação em vigor. Respalhando, inclusive, os projetos de criação e transformação dos ambientes culturais em espaços acessíveis à todas as pessoas.

Nesse contexto, em um recorte para acessibilidade cultural, é visível que teóricos como Tojal (1999, 2007), Assis (2012), Cuty (2014), Leyton (2015), Sarraf (2008, 2015, 2016), Neves (2013) e Cardoso(2012) seguem a mesma linha de pensamento em relação às definições de acessibilidade em ambientes culturais para todas as pessoas. Pressupõe-se que todos os sentidos inerentes ao ser humano sejam explorados em estratégias de mediação de modo a ultrapassarem as barreiras não só físicas e visuais, mas também as intelectuais, de domínio de linguagem ou idioma existentes entre as pessoas e os bens culturais. Cuty (2014, p.13) desafia a todos agentes culturais, gestores públicos e privados, produtores, artistas, criadores em geral e universidades a

pensarem suas obras e políticas públicas para um universo muito maior de pessoas, sedentas de possibilidade de ser gente em todas as dimensões da vida, sem segregação, sem fronteiras até porque a “normalidade” de cada um é um bem transitório.

Cardoso (2012) pondera que se um ambiente cultural pretende ser acessível a todas as pessoas, torna-se imprescindível o investimento de recursos para acessibilidade comunicacional, física, de conteúdo e em sistemas de informação. O autor salienta que perante os desafios provocados pela diversidade de público visitantes dos ambientes culturais, trazendo necessidades e expectativas diferenciadas, obriga estas instituições a constante (re)formulação de suas práticas.

Os fundamentos teóricos de Leyton (2015), relatando a experiência fantástica de inclusão realizada desde 1998 no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM)², tornam-se uma referência importante para pesquisas na área de acessibilidade em ambientes culturais. A proeminência do trabalho desenvolvido nesse âmbito é o do protagonismo dos visitantes com ou sem deficiência nos inúmeros projetos realizados no museu. O respeito à diversidade e à singularidade, a consciência da necessidade de aprender com a diferença e trabalhar de maneira transversal, tornaram-se as diretrizes que fazem do MAM um modelo. Tornando-se, também, um espaço de aprendizado prazeroso e mais humano para os profissionais que integram a equipe. Constatação evidente no discurso de Leyton quando diz que *“hoje no MAM, temos a alegria de dizer que acessibilidade para nós não é apenas promover acesso ao que já existe, mas sim pensar e construir a realidade que se deseja viver”* (2015, p.09).

² <http://mam.org.br/aprenda/igual-diferente/> consultado em 1 de abril de 2016.

II ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

Em sequência à conclusão do enquadramento teórico, passamos ao detalhamento da metodologia escolhida para este estudo, assim como o caminho percorrido para alcançar os objetivos propostos, a qualidade dos resultados e a fiabilidade da pesquisa.

No âmbito desta investigação, a revisão de literatura incorre em uma contextualização teórica de estudos especializados da área de acessibilidade em ambientes culturais, desenho universal e legislação referente à cidadania cultural. Pois, a pesquisa bibliográfica “é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos” (Almeida, Guindade & Sá-Silva, 2009, p.5).

Neste contexto, o trabalho fundamenta-se nas publicações de pesquisadores renomados nestas áreas. Dentre eles, Romeu Sasaki (2009), Amanda Tojal (1999, 2007), Josélia Neves (2011), Viviane Sarraf (2008, 2015, 2016), Dayna Leyton (2014, 2015, 2016), Eduardo Cardoso (2012), Jennyfer Cuty (2014), Jenny Sousa (2014), Marilena Chauí, Patrícia Dorneles e Desvallées & Mairesse (2013). Suscitando a coleta de dados, a codificação e análise dos mesmos, construindo o que Glaser e Straus chamam de “amostragem teórica”, a partir da qual a pesquisadora passa a organizar as etapas para captação dos dados ainda necessários, definindo os sujeitos que seriam pertinentes a responderem as entrevistas, assim como os objetos de estudos elencados no processo de investigação (Fortin, 2009. P.306).

Ponderando tratar-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, que objetiva conhecer as estratégias de acessibilidade adotadas pelos museus em Portugal e no Brasil, busca-se perceber o processo de criação de soluções de acessibilidade utilizadas por *experts* nesses ambientes culturais acessíveis. Pretendendo-se também compará-las para elaboração de uma grelha de análise, com vista ao futuro mapeamento das ações de acessibilidade em ambientes culturais realizadas nos dois países.

Sendo assim, a questão de investigação propulsora da pesquisa, foi a seguinte:

Como potenciar as boas práticas de acessibilidade nos Museus?

Para esse fim, o método de investigação qualitativa foi utilizado pela investigadora, por ter a preocupação de compreender profundamente o fenómeno estudado, observando, descrevendo, interpretando sem, no entanto, controlar ou avalia-lo (Fortin, 2009).

Pressupondo que teoria e método devem-se ajustar um ao outro, esse estudo corrobora o pensamento de Flick (2009) de que o estudo qualitativo tem como característica comum entender e explicar os fenómenos sociais, analisando experiências de indivíduos ou grupos, com o uso de diferentes enfoques. Nesse viés, as especialistas entrevistadas têm suas pesquisas publicadas, sendo referenciais para pesquisadores em todo o mundo, sobretudo no que tange à diversidade, cidadania e acessibilidade, além de contextualizarem teoria e prática, como foi revelado em suas entrevistas. A escolha da pesquisa qualitativa foi assertiva no ponto de vista de que foi possível a interação com os ambientes culturais eleitos, tanto pela experiência de vivenciar o que está instituído no contexto real, como possibilitar acesso ao acervo e documentos originais, disponibilizados pelas entrevistadas.

Assim, o paradigma qualitativo com característica indutiva revelou ser o mais apropriado para esta pesquisa, pois nela, segundo Carmo & Malheiro (1998, p. 179) os investigadores “desenvolvem conceitos e chegam à compreensão dos fenómenos a partir de padrões provenientes da recolha de dados”.

A partir dos dados recolhidos inicialmente, foi elaborado um guião de entrevista semiestruturada, instrumento norteador do diálogo com as informantes e escolhido neste formato no intuito de flexibilizar e possibilitar à investigadora a ampliação das perguntas, caso entendesse necessário.

Vale ressaltar que a familiarização com o referencial teórico foi fundamental e estruturante para essa etapa da pesquisa.

De maneira mais pragmática, a investigação incidiu sobre o ambiente cultural de referência portuguesa em acessibilidade cultural, o Museu da Comunidade de Concelhia da Batalha, visitado pela pesquisadora em sua estada em Leiria, assim como nos ambientes culturais acessíveis referenciais do Brasil: a Pinacoteca de SP, Museu de Arte Moderna de SP e Museu do Futebol, que mereceram uma pesquisa aprofundada dessa prática, pois, em visita aos sites, percebeu-se a preocupação com a ampla fruição de todo tipo de público, sem barreiras físicas, sensoriais ou atitudinais.

Para além disso, foram realizadas entrevistas às *experts* que estiveram na criação dos projetos de acessibilidade destes ambientes culturais e na concretização de um trabalho de “museu para todos”. As entrevistas a duas das *experts* aconteceram em concomitância com as visitas ao MAM SP e ao Museu do Futebol. Em contraponto, a entrevista referente à Pinacoteca de SP foi realizada presencialmente, porém, em outro local, durante a realização do 3º Encontro Internacional de Audiodescrição, realizado em Pernambuco/Brasil. Sendo a quarta entrevista, com foco no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, iniciada informalmente no encontro citado, porém, a concretização foi realizada por e-mail, devido ao fato da entrevistada trabalhar atualmente, no Catar, país do Oriente Médio.

2.1 TIPO DE ESTUDO

Considera-se que o tipo de estudo utilizado no âmbito desta pesquisa seja exploratório-descritivo, na medida em que proporciona maior familiaridade no que concerne às questões de acessibilidade em ambientes culturais. 2. No entendimento de Antonio Carlos Gil “estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (Gil, 2002, p.41). Para tal, foi realizado um levantamento bibliográfico, seguido da análise de exemplos que incitaram a compreensão do universo investigado e entrevistas com *experts* que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado. Enquadrando-se, portanto, no tipo de estudo descritivo na medida em

que propõe-se a narrar o fenômeno pesquisado e por ser a área da investigação que “implica estudar, compreender e explicar a situação atual do objeto pesquisado” (Carmo & Malheiro, 1998). Sendo a recolha de dados realizada por meio de notas de campo e entrevista semiestruturada, devidamente adequada de acordo com as necessidades deste estudo.

2.2 CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO EMPÍRICO

Neste ponto faremos a caraterização do conjunto de ambientes culturais, observados e analisados neste estudo bem como, a caraterização dos sujeitos entrevistados.

2.2.1 CARATERIZAÇÃO DOS AMBIENTES CULTURAIS

Para o presente estudo, foram escolhidos quatro ambientes culturais: um de Portugal e três do Brasil. O motivo da escolha destes equipamentos alinha-se ao fato de serem instituições referenciadas por informantes ligados às formações académicas da pesquisadora, no âmbito do Curso de Mestrado em Comunicação Acessível e de Especialização em Acessibilidade Cultural, realizados respectivamente em Portugal e no Brasil. A possibilidade de inserção na realidade destes ambientes acessíveis suscitou na investigadora o desejo de buscar respostas que possam responder aos questionamentos referentes à dificuldade de oferta de acesso aos ambientes culturais.

Apresentamos, a seguir, os quatro ambientes culturais selecionados:

2.2.1.1 MCCB – Museu da Comunidade da Concelhia da Batalha

O MCCB nasce em um município português, da Batalha, cujo entendimento de acessibilidade é respeitado e disseminado em inúmeros outros projetos. O museu, que guarda a memória da criação da Vila da Batalha, é modelo para museologia social e exemplo de museu para todos por ter sido planejado por uma equipa de especialistas, tendo a participação da população local como consultora e apropriando-se da construção permanente do acervo vivo que se encontra nesse local.

2.2.1.2 *Pinacoteca de São Paulo*

Fundado em 1905, o Museu de Arte mais antigo da cidade de São Paulo, passou por uma reforma em 1990, revitalizando e tornando acessível todos os ambientes. Possui um acervo de cerca de 10.000 obras. Oferece exposições temporárias e de longa duração com obras de arte brasileiras do século XIX a XXI. Além da Galeria Tátil, estruturada especificamente para pessoas com deficiência visual, expondo com 12 esculturas de artistas renomados. O Núcleo de Ações Educativas tem o PEPE - Programa Educativo para Público Especiais como base percussora para os Núcleos Educativos de outros museus, a partir das orientações da pesquisadora Amanda Tojal.

2.2.1.3 *MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo*

O MAM, museu brasileiro que situa-se na grande metrópole de São Paulo, foi pioneiro na formação e contratação de educadores surdos a partir da compreensão da importância da comunicação para apropriação da arte e da construção de sentido nos ambientes culturais.

O programa Igual Diferente é modelo de formação em acessibilidade e do conceito de museu para todos.

2.2.1.4 *Museu do Futebol*

Projetado para ser um museu de todos, o Museu do Futebol fica situado no Estádio Pacaembu, na cidade de São Paulo. Foi fundado em 2008 com o PAMF – Programa de Acessibilidade do Museu do Futebol implantado. A partir de 2010, o Projeto Deficiente Residente ressignificou a metodologia de acesso ao museu. O mesmo vem, desde então, possibilitando a interação, a troca de aprendizagem, a vivência dos profissionais do Núcleo Educativo com a diversidade humana representada pelos residentes integrantes deste projeto de excelência.

2.2.2 CARATERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Neste trabalho utilizamos a terminologia “sujeitos” para nos referirmos aos indivíduos *experts* que participam nesta investigação, dando o seu testemunho através de entrevistas semiestruturadas.

Os sujeitos elencados como respondentes desempenharam papéis primordiais na fundamentação e execução dos projetos de acessibilidade e na concretização de seus respectivos ambientes culturais de trabalho como “museus para todos”.

Dentre os quatro sujeitos selecionados, dois atuam na coordenação da área de educação e acessibilidade dos museus e os outros dois, atualmente, vincululam-se por meio de consultorias.

Vale ressaltar que, as especialistas entrevistadas, criadoras dos projetos de acessibilidade em seus respectivos museus, MCCB e Pinacoteca de SP, já não fazem mais parte da equipe de gestão. Em contraponto, as outras duas entrevistadas do MAM SP e do Museu do Futebol são as coordenadoras dos programas educativos e de acessibilidade dos ambientes culturais visitados.

Os sujeitos entrevistados autorizaram a divulgação de suas identidades. Portanto, a seguir, apresentamos uma nota biográfica de cada um e sua referência ao objeto de estudo pesquisado.

2.2.2.1 *Sujeito - Josélia Neves*³

Expert respondente à entrevista semiestruturada sobre o **Museu da Comunidade da Concelhia da Batalha**, Josélia Neves nasceu em Moçambique, passou a sua infância na África do Sul, o final da adolescência em Portugal e realizou seus estudos de pós-graduação no Reino Unido. Josélia Neves é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, mestrado em Estudos de Inglês, doutorado em Estudos de Tradução, com uma dissertação sobre Legendagem para Surdos e difícil audição. Ela começou sua

³ Fonte: <http://www.tii.qa/en/dr-joselia-neves-bio>

carreira como professora de línguas, mas logo passou a ensinar no domínio dos Estudos de Tradução e da Tradução Audiovisual. Paralelamente às suas atividades docentes, ela trabalhou como tradutora freelance como um meio para se manter a par dos desenvolvimentos e exigências do campo. Ela liderou uma série de projetos de pesquisa com parceiros na mídia, museus e locais culturais, artes cênicas e educação. O seu interesse especial reside no desenvolvimento de projetos de pesquisa-ação que contribuam para tornar acessíveis a todos os ambientes de comunicação. Ao viver e trabalhar no Catar, ela continua a colaborar com as universidades europeias, tanto como professor visitante como pesquisador. Ela é membro do TransMedia Research Group e membro do conselho da Associação Européia de Estudos em Tradução de Tela.

2.2.2.2 Sujeito - Amanda Tojal⁴

Expert responsável pelo Programa de Acessibilidade da **Pinacoteca de São Paulo**, **Amanda Tojal** é Museóloga e Educadora de Museus. Graduada em Educação Artística pela Faculdade Armando Álvares Penteado e Pós-graduada em Museologia pela Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo. Mestre em Artes e Doutora em Ciências da Informação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Consultora em Acessibilidade e Ação Educativa Inclusiva para públicos com deficiências em museu e instituições culturais como: Museu de Arte Contemporânea da USP, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu do Futebol (SP), Museu Afrobrasil (SP), Museu Casa de Portinari (Brodowski/SP), M.H.P. Índia Vanuíre (Tupã/ SP), Museu Oscar Niemeyer (Curitiba/PR), Museu do Amanhã (RJ), Museu de Arte do Rio (RJ), Museu Felícia Leirner (Campos do Jordão/SP), além de outros em andamento, como: Museu da Imagem e do Som (RJ) e Reserva Natural Sesc (Bertioga/SP). Docente de cursos de formação em Acessibilidade Cultural e Ação Educativa Inclusiva. Vice - presidente do Conselho Regional de Museologia-

⁴Fonte: <http://www.arteinclusao.com.br>

4ª Região (gestão 2012 a 2018). Sócia-presidente da empresa Arteinclusão Consultoria em Ação Educativa e Cultural, desde o ano de 2003.

2.2.2.3 Sujeito - Daina Leyton⁵

A Expert **Daina Leyton** é educadora, psicóloga e professora convidada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente coordena o educativo do **Museu de Arte Moderna de São Paulo**. Desde 1999 desenvolve projetos culturais para públicos diversos que buscam a sensibilização e a tomada de consciência para uma vida em uma sociedade pluralista. Em 2010 idealizou e instituiu a área de Acessibilidade no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que cuida para que o museu seja um ambiente sem barreiras físicas, sensoriais, intelectuais ou simbólicas. Orientou o desenvolvimento e a implantação de uma política transversal no museu, na qual pessoas com deficiência não são apenas frequentadores do museu, e sim seus protagonistas, o que acarretou, por exemplo, a contratação de professores, educadores e outros funcionários dentro do perfil da acessibilidade.

2.2.2.4 Sujeito - Lalê Cardoso⁶

A expert **Lalê Cardoso** é graduada em Artes Plásticas (bacharelado) pela Faculdade Santa Marcelina (1997). Atua como coordenadora do Núcleo de Ação Educativa do **Museu do Futebol** desde 2011, tendo como foco principal a acessibilidade. É responsável pelo Programa de Acessibilidade do Museu do Futebol (PAMF), no qual coordena projetos, ações educativas e criação de materiais para o público. Trabalhou como arte-educadora com experiência em educação não formal em instituições culturais e museus (1999-2009). Foi coordenadora do Museu da Casa Brasileira (2009) e professora de artes da escola Núcleo Aprendizagem e Desenvolvimento, para alunos com deficiência intelectual (2008- 2012).

⁵ Fonte:

http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Portals/84/docs/daina_leyton_educacao_como_materia_prima.pdf

⁶ Fonte: Museu Amigo do Idoso: um espaço intergeracional de memória, afeto e aprendizagem (Cardoso & Continelli, 2016).

2.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Precedendo a recolha de dados, a pesquisadora buscou conhecer os instrumentos de medida disponíveis, suas vantagens e inadequações para responder aos objetivos e a questão desta investigação.

Por ser um estudo exploratório-descritivo, em que a investigadora visa a cumular o máximo possível de informações acerca do objeto pesquisado, por meio de medidas subjetivas de colheita de dados, optou-se pelo uso de uma grelha semiestruturada de observação e do inquérito por entrevista semiestruturada.

No âmbito deste estudo, foi criada uma grelha semiestruturada de observação corroborando com o pensamento de Gil (2008, p.100) em relação à importância da observação para a pesquisa, quando afirma que:

Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente. A observação é sempre utilizada nessa etapa, conjugada a outras técnicas ou utilizada de forma exclusiva. No que tange à observação, ela foi simples, sendo realizada nos quatro ambientes culturais escolhidos para este estudo. Tendo as categorias incluídas na grelha semiestruturada de observação envolvendo as questões técnicas referentes à acessibilidade no geral, com base nas dimensões Romeu Kazumi Sassaki, apresentadas anteriormente (vide anexo 1). O intuito desta observação foi conhecer as estruturas, equipamentos, metodologias e a *práxis* utilizada nos museus, de forma direta e sem intermediação, a fim de aproximar as informações adquiridas à teoria.

No intuito de colher informações junto aos sujeitos participantes, relativas aos fatos, ideias, atitudes, sentimentos, preferências, comportamentos e expectativas, foi utilizada a entrevista semiestruturada cujo guião pode ser consultado no anexo 2. Este método de colheita de dados apresentado por Fortin (2009, p.247) como “parcialmente estruturada”, onde a formulação e a sequência das questões são

norteadas pela conveniência do pesquisador, foi utilizado no intuito de obter do entrevistado o máximo de informações possíveis em resposta aos objetivos e a questão da pesquisa.

Para a análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo. Assim, posteriormente à realização das entrevistas era levado a cabo a transcrição dos dados, sendo, por vezes necessário um retorno ao contato com as entrevistadas para complementação de dados, esclarecimento de algumas dúvidas ou, em alguns casos, solicitar documentos que não foram coletados nas entrevistas. As transcrições das entrevistas podem ser consultadas a partir de:

- Anexo 3 – Josélia Neves;
- Anexo 4 – Amanda Tojal;
- Anexo 5 - Daina Leyton;
- Anexo 6 - Ialê Cardoso.

Tanto a categorização dos dados quanto a transcrição das gravações foram tarefas com alguma complexidade e demandaram atenção minuciosa, repetidas audições e posterior retorno às entrevistadas, no intuito de garantir a fidedignidade das entrevistas e confiabilidade da pesquisa. A definição das temáticas de análise teve em conta: a diretriz de acessibilidade utilizada pelo *Expert*; os parâmetros, indicadores, características e aspectos considerados; a avaliação do trabalho realizado; aspectos relacionados com a formação de pessoal; e questões relacionadas com recursos financeiros (vide Anexo 7).

III APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Partindo da análise aos ambientes estudados através da grelha de observação, e da análise de conteúdo, que utilizamos para organizar e tratar o conjunto de dados recolhidos através das entrevistas semiestruturadas, faremos, de seguida, a apresentação dos dados recolhidos no contexto empírico.

Assim sendo, num primeiro momento, iremos apresentar os dados relativos aos ambientes culturais, e, num segundo momento, apresentaremos os dados recolhidos nas entrevistas às *experts*.

3.1 AMBIENTES CULTURAIS

Da análise aos quatro ambientes culturais emergiram, de uma forma transversal, cinco dimensões de análise Espaços Físicos, Públicos, Programa Educativo, Equipe Profissional e Comunicação.

Quadro 2 - DIMENSÕES DE ANÁLISE

DIMENSÕES DE ANÁLISE
. Espaços Físicos
. Públicos
. Programa Educativo
. Equipe Profissional
. Comunicação

3.1.1 ESPAÇOS FÍSICOS

No que concerne à dimensão **Espaços Físicos**, o **Museu da Comunidade Concelhia da Batalha** é sediado no edifício antes ocupado pela Caixa de Crédito Agrícola. Entrar e circular neste espaço é fácil e cômodo. Apesar das suas pequenas dimensões, todo o museu está preparado para que pessoas com dificuldades de locomoção o possam visitar em conforto e segurança. Projetado dentro do conceito de Desenho Universal, dispõe de estacionamento reservado à frente do Museu; rebaixamento de ressaltos e barreiras arquitetônicas; mobiliário ergonômico e com alturas adaptadas a cadeiras de rodas; zonas de descanso; bancos fixos e móveis, banheiros adaptados e com sinalização de emergência; espaço cão-guia para cegos e surdos. Eliminaram-se ressaltos e degraus, criaram-se espaços de passagem amplos e instalou-se um elevador de acesso ao primeiro andar. A concepção museográfica tem em conta que este museu é visitado por pessoas com diferentes condições físicas, sensoriais e motoras. Essa consciência levou ao ajuste ergonômico do mobiliário, à criação de condições especiais de acesso ao espólio e uma abordagem multiformato à comunicação, integrando de forma ecológica e estética as variadas soluções encontradas para que o maior número possível de visitantes possa usufruir do que o museu tem a oferecer.

A **Pinacoteca de São Paulo**, no que refere a dimensão de **Espaços Físicos**, está instalada no antigo edifício do Liceu de Artes e Ofícios, projetado no final do século XIX, passando por uma ampla reforma no final da década de 1990, adequando-se totalmente às normas de acessibilidade arquitetônica. A rampa de acesso às pessoas com deficiência física, mobilidade reduzida ou conduzindo carrinhos de bebê, fica localizada na lateral esquerda da escadaria da entrada principal e é, frequentemente, utilizada pelos visitantes. Todos os banheiros são adequados e o acesso ao primeiro andar pode ser realizado por meio do amplo elevador instalado no vão central do prédio. Em 2004 a Pinacoteca incorporou o edifício do Largo General Osório que, originalmente, abrigava armazéns e escritórios da Estrada de Ferro Sorocabana. O edifício foi totalmente reformado e passa a chamar-se Estação Pinacoteca, hoje Pina Estação, para receber parte do programa de exposições temporárias. No térreo está instalado o Memorial da Resistência de São Paulo criado na parte do edifício que

sediou o Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops/SP), entre os anos 1940 e 1983. A instituição se dedica a preservar as memórias da resistência e repressão política do Brasil republicano. Estão no primeiro andar o Centro de Documentação e Memória e a Biblioteca Walter Wey, que apresenta um significativo acervo de artes visuais, com destaque para arte brasileira.

Relativamente aos **Espaços Físicos**, os dados revelam que o **Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM SP** apresenta um espaço arquitetonicamente acessível, com rampas, plataforma de acesso, banheiros adequados, portas amplas, espaços de manobra para cadeiras de rodas, piso tátil em todo o percurso, inclusive no entorno do museu. Se integra ao Jardim de Esculturas, projetado por Roberto Burle Marx, onde abriga um dos maiores acervos a céu aberto do Brasil. Dentre as 30 esculturas de artistas de várias partes do mundo, expostas em uma área de 6 mil metros quadrados, encontra-se o “Relógio de Sol” de um dos mais notáveis escultores portugueses, Charters de Almeida. O MAM SP está situado no Parque do Ibirapuera, considerado o mais importante parque urbano de São Paulo.

Na linha dimensional de **Espaços Físicos**, o **Museu do Futebol** foi idealizado como um museu para todos e encontra-se localizado no Estádio do Pacaembu, na cidade de São Paulo. Foi inaugurado em 29 de setembro de 2008 totalmente acessível ao público de pessoas com deficiência, mobilidade reduzida e estrangeiros, dispondo de recursos variados, tanto de acessibilidade física com escadas rolantes, elevadores, plataforma, piso tátil, banheiros adaptados e disponibilidade de cadeira de rodas.

3.1.2 PÚBLICO

Ao analisarmos a dimensão de **Público**, pode-se afirmar que é esteio para o **Museu da Comunidade Concelhia da Batalha**. O MCCB foi pensado para resguardar a memória da importante Batalha Aljubarrota para Portugal, da construção do Mosteiro da Batalha, da fundação da Vila e de lá até a atualidade. Dentre as suas riquezas, encontra-se a memória oral contada por batalhenses que ali vivem e orgulham-se de sua história. Sendo esse mais um atrativo e motivo de pertencimento propiciado pelo projeto inicial do museu que foi pensado para dar acesso ao conhecimento e à cultura

a todos os munícipes. Tudo pensado de maneira respeitosa para que o MCCB seja usufruído por todas as pessoas com e sem deficiência, com recursos de acessibilidade oferecidos de forma discreta e integrada para todos que desejarem utiliza-los.

Relativamente a dimensão de **Público**, a **Pinacoteca de São Paulo** é um museu de artes visuais com cerca de 30 exposições e recebe um público estimado de 500 mil visitantes, anualmente. Percebe-se que os visitantes compõem um público bem diversificado, de classes sociais e faixas etárias distintas, atendendo grupos escolares e de instituições sociais, diariamente. A Pina, como é chamada carinhosamente, destina um atendimento especial para o público formado por pessoas com deficiências sensoriais, físicas, intelectuais e transtornos mentais, grupos em situação de vulnerabilidade social e idosos.

O **Museu de Arte Moderna de São Paulo** tem a dimensão **Público** como inspiradora de todo o trabalho desenvolvido no museu. Nesta dimensão, os visitantes marcam a história deste ambiente cultural, pioneiro no diálogo intenso com a sociedade.

Desde a sua fundação, o MAM SP abre seus espaços e estimula o público a interagir, sentir e criar, a partir do contato com a obra.

As ações são pensadas para todos, criando possibilidades atrativas para crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, independentemente de sua condição física, sensorial, mental ou cognitiva. Para o MAM não há limitação de idade, gênero ou condição social. Para tanto, criou programas gratuitos ou de baixo custo para que a fruição e o pertencimento aconteçam e permaneçam, ressignificando o ambiente do museu elitizado em um museu de e para todos.

No que corresponde ao **Público**, o **Museu do Futebol** pode ser considerado um dos museus mais visitados do país e tem por prioridade a qualidade no atendimento aos visitantes.

A exposição principal apresenta de forma interativa e lúdica como o futebol chegou ao Brasil e se tornou tão importante culturalmente para o país. Sendo essa paixão brasileira suficiente para explicar o enorme interesse do público pelo museu. Porém,

existe por parte da gestão um trabalho de formação de novos públicos e de atração de não visitantes habituais à esse ambiente cultural. Para tanto, realiza ações direcionadas para o público de pessoas com deficiência física, sensorial ou cognitiva, assim como pessoas com transtorno mental, idosos, mulheres e LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Em uma relação de convivência, busca conhecer e respeitar os desejos e necessidades específicas de cada segmento, trazendo o resultado desta experiência para integrar ao museu.

3.1.3 PROGRAMAS EDUCATIVOS

O **MCCB** oferece um **Programa Educativo** interessante e criativo, articulando o acervo e a missão do Museu aos planos escolares.

Os principais objetivos da equipe são educar e sensibilizar de forma pedagógica e divertida, para áreas como a História, a Arte, o Patrimônio, o Ambiente, a Inclusão ou Cidadania. Por meio de uma experiência sensorial e interativa a comunidade escolar, guiadas pelos educadores, tem a possibilidade de realizar atividades diversificadas compostas por visitas orientadas, visitas de exploração, visitas-jogo e oficinas de expressão artística. As atividades agrupam-se nas seguintes categorias:

Visitas orientadas: À descoberta do MCCB (Todos os graus de ensino) e Viagens no tempo com... personagem mistério (Pré-Escolar e 1º Ciclo);

Visitas de exploração (Biodiversidade, História): O meu caderno de campo (Pré-Escolar, 1º e 2º Ciclos); Os segredos de um mosteiro (1º, 2º e 3º Ciclos) e Fichas de exploração pedagógica (Pré-Escolar e 1º Ciclo);

Visitas-jogo (História de Portugal): À procura do Manuelino (3º Ciclo); À descoberta de objetos com história (Pré-Escolar e 1º Ciclo);

Oficinas pedagógicas - expressão plástica (Pré-história, História, Natureza, Inclusão, Cidadania): Artistas romanos de hoje (Pré-Escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos); Oleiros da pré-história: Artes do barro (Pré-Escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos); Pintar às escuras (1º, 2º e 3º Ciclos e Ensino Secundário); Brinquedos de sempre (Pré-Escolar, 1º e 2º Ciclos); Oficinas pedagógicas - expressão dramática (Paleontologia, Arqueologia, História,

Natureza): Encontro com os dinossauros (Pré-Escolar e 1º Ciclo); Histórias da Pré-História (Pré-Escolar e 1º Ciclo); Os Quatro Elementos da Natureza (Pré-Escolar e 1º Ciclo); Pedras que contam histórias (1º e 2.º Ciclos).

São oferecidas também pelo programa educativo do MCCB, visitas para docentes, educadores e animadores socioculturais.

No que concerne à dimensão de **Programa Educativo, a Pinacoteca do Estado de São Paulo** busca potencializar a relação entre a arte e a educação.

O Núcleo de Ação Educativa (NAE) parte do princípio de que a arte é capaz de gerar e potencializar o engajamento e transformações positivas sociais, intelectuais e emocionais à todas as pessoas. O NAE é composto da Coordenação do Programa de Atendimento ao Público Escolar e em Geral (COPAPEG) e da Coordenação de Programas Educativos Inclusivos (COPEI). Sendo a COPEI responsável pelos seguintes programas:

Programa Educativo para Públicos Especiais (PEPE) - Objetiva promover o acesso de grupos de pessoas com deficiências sensoriais, físicas, intelectuais e transtornos mentais à Pinacoteca, por meio de uma série de abordagens e recursos multissensoriais. O PEPE também realiza cursos de formação para profissionais interessados em usar a arte e o patrimônio como recursos inclusivos.

Programa de Inclusão Sociocultural (PISC) - O objetivo deste programa é promover o acesso qualificado aos bens culturais, presentes no museu, a grupos em situação de vulnerabilidade social, com pouco ou nenhum contato com instituições oficiais de cultura.

Programa Meu Museu - Tem como objetivo promover visitas educativas à Pinacoteca para grupos de idosos, compostos de pessoas com 60 anos ou mais.

Nesta dimensão, **Programa Educativo do MAM SP** é o ponto forte da classificação desse espaço como um museu para todos. São inúmeros programas voltados para todos os públicos e de interação total com as obras e possibilitam também a vivência

no universo infantil, congrega a família, o público jovem, sensibilizando e aguçando o prazer pelas artes.

Vale ressaltar, no âmbito do Educativo, o Programa Igual Diferente que oferece cursos gratuitos em diversas modalidades artísticas, acessíveis à todas as pessoas que desejarem vivenciar a arte. São eles:

Corposinalizante - Grupo de trabalho que pesquisa e produz arte, aberto a jovens surdos e ouvintes interessados na língua brasileira de sinais (Libras). O grupo desenvolve projetos culturais, documentários, performances e intervenções poéticas que dão visibilidade à identidade surda e à cultura dos jovens.

Alma de Batera - Aula de bateria para todos os públicos. O curso considera que cada pessoa, além de única, é fonte inesgotável de sensibilidade e potencialidade artística, construindo assim um mundo onde a deficiência possa ser vista com naturalidade e pertencimento.

Processos de Criação em Performance - Um espaço para a experimentação e pesquisa da prática artística da performance, que utiliza elementos de várias linguagens, como o teatro, a dança, a música e as artes visuais, na criação de uma cena, além do potencial performático da língua brasileira de sinais – Libras.

Escultura - O curso propõe reflexões sobre a imagem entre alunos cegos, de baixa visão e videntes. As atividades têm como base referências artísticas e partem de experiências sensoriais e da produção de imagens por meio de diferentes técnicas de modelagem e cerâmica.

Desenho - O curso propõe despertar a capacidade de contemplação explorando o desenho em diversos suportes e materiais.

Laboratório de Experiências - O objetivo do curso é fornecer espaços de acolhimento e reflexão lúdica acerca do universo artístico, por meio de diversa linguagens artísticas, para crianças entre 7 e 12 anos.

Imagem e Percepção - O curso de fotografia é inspirado no filósofo e fotógrafo esloveno Evgen Bavcar. Busca ampliar a percepção dos participantes com reflexões sobre construção, análise e descrição de imagens por meio de exercícios de criação, como o lightpainting, foto-sequência e experiências sensoriais.

No contexto desta dimensão, o **Programa Educativo** desenvolvido pelo **Núcleo Educativo do Museu do Futebol**, é responsável pelas ações de formação e consciência funcional junto às equipes de mediação do Museu, por projetos de inclusão social humanizado e atento às diferenças. Assim como, pela criação de recursos para aprimoramento e adaptação de sua expografia, conteúdos e linguagens.

O museu já nasceu em 2008 com o Educativo e com o Programa de Acessibilidade do Museu do Futebol (PAMF), propiciando que todas as pessoas possam vivenciar as experiências oferecidas. Para tanto, foi planejado com recursos físicos e comunicacionais no intuito de atender a diversidade de público brasileiro e estrangeiro, de todas as classes sociais, assim como, pessoas com deficiência física, intelectual, sensorial, mobilidade reduzida, crianças, jovens, adultos e idosos. O projeto pioneiro e premiado Deficiente Residente, nasce em 2010 com a discussão dentro do Núcleo Educativo de que a acessibilidade deveria ser um assunto a ser tratado por todos e não, simplesmente, pensado pelos educadores para as pessoas com deficiência e, sim, com elas. Desde então, o projeto teve edições com residentes com deficiência visual, auditiva, física ou cognitiva, com transtorno mental, idosos e LGBT. A residência é remunerada e tem a duração de três meses. Sendo os produtos resultantes do trabalho realizado coletivamente no período da residência, integrados aos materiais utilizados pelo Núcleo Educativo nas ações de mediação junto aos visitantes.

3.1.4 EQUIPE PROFISSIONAL

No que tange à dimensão de **Equipe Profissional**, o **MCCB** constituiu uma equipe de profissionais pluridisciplinar que foi responsável pelo projeto inicial, a qual foi integrada uma técnica em comunicação acessível, suscitando adaptações e a busca de soluções alternativas na área comunicacional, assim como na estrutura arquitetônica e

museográfica do museu. As soluções propostas por essa equipe foram avaliadas por um grupo formado por consultores cegos, com baixa visão, surdos, com deficiência física e mobilidade reduzida que, além de avaliar, davam sugestões de melhoria para eliminação das barreiras existentes.

Além dos profissionais responsáveis pela gestão, equipe museológica, manutenção, serviços de limpeza e recepção, o MCCB conta com o grupo de profissionais do educativo preparados para o acolhimento e a mediação humanizada aos diversos públicos visitantes.

O MCCB tem o apoio de profissionais oriundos de parcerias institucionais e acadêmicas.

Sobre a dimensão de **Equipe Profissional**, a **Pinacoteca de São Paulo** segue na mesma linha dos ambientes culturais citados neste estudo, com setores bem estruturados e profissionais qualificados. Tendo o Programa Consciência Funcional voltado prioritariamente aos atendentes e recepcionistas, profissionais do atendimento ao público; à equipe de manutenção e às equipes de segurança e limpeza. - Dirigido à formação continuada e à integração dos funcionários da Pinacoteca, nesse programa é trabalhada a questão da acessibilidade atitudinal, fundamental ferramenta para sensibilização e desenvolvimento dos trabalhos. A introdução à Língua brasileira de sinais também é oferecida para que esses profissionais possam fazer o primeiro acolhimento ao visitante surdo e encaminhá-lo para mediação realizada pela educadora surda.

No que concerne aos profissionais do Núcleo Educativo, a formação dos mesmos é ampla e contínua para o desenvolvimento de projetos, programas e ações internas e externas ao espaço do museu.

No tocante a **Equipe Profissional**, o **MAM SP** tem a sua composta por diferentes profissionais, atuantes nos diversos setores do museu: presidência, curadoria, administração, financeiro, jurídico, educativo, acessibilidade, comunicação, acervo, captação, projetos, patrimônio, tecnologia, pesquisa e publicações, atendimento/recepção, biblioteca, loja, restaurante, limpeza e manutenção, relações

institucionais e recursos humanos. Cada uma dessas áreas defronta-se com situações inusitadas no cotidiano de trabalho, pois o MAM SP inova continuamente em sua linha de atuação. Em destaque, podemos citar a atuação de profissionais do Programa Educativo como o professor cego Rogério Ratão, responsável pela mediação em visitas sensoriais, além de ministrar cursos de artes no museu que acentuam a percepção dos participantes ao propor o desafio de criar esculturas e instalações, a partir do equilíbrio e da proporção de seus próprios corpos, sem depender de referenciais visuais. E Leonardo Castilho, educador surdo, que além da mediação em visitas guiadas, é responsável pela festa multissensorial *Sencity* e pelo espaço para a experimentação e pesquisa da prática artística da performance, que utiliza elementos de várias linguagens, como o teatro, a dança, a música e as artes visuais, na criação de uma cena, além do potencial performático da língua brasileira de sinais – Libras.

No que refere à **Equipe Profissional**, o estafe de atendimento do **Museu do Futebol** é composto por educadores, orientadores e atendentes de bilheteria bem qualificados. Inclusive, no que concerne ao entendimento das especificidades de lidar com o público diverso que visita o museu. Para esses profissionais, o conhecimento revela-se em respeito no trato com as pessoas com deficiência, mobilidade reduzida, transtorno mental, idosos, crianças, público LGBT ou seja lá qual for a denominação que for adjetivada ao visitante.

Como nos outros ambientes pesquisados, existem segmentos diferenciados, com profissionais especializados em suas áreas de atuação. O diferencial do Museu do Futebol é que a experiência vivenciada pelos profissionais do Núcleo Educativo, junto aos integrantes do projeto Deficiente Residente, reverbera, repercutindo positivamente nas ações dos profissionais dos outros setores.

3.1.5 COMUNICAÇÃO

Quanto a dimensão da **Comunicação**, o **MCCB**, considerado “Museu de Todos”, tem por objetivo principal propiciar ao público visitante o acesso ao museu e ao acervo, por meio de estratégias comunicacionais que possibilitam a fruição dos bens culturais e a livre escolha de vivenciar a sua maneira o MCCB.

São disponibilizados audioguias, videoguias ou materiais informativos impressos e interativos, ao acrescentar experiências multissensoriais à informação convencional propicia-se a experiência museológica a todos os visitantes, incluindo as pessoas com limitações intelectuais, sensoriais ou linguísticas, inclusive estrangeiros ou pessoas com pouca literacia. Para pessoas com baixa visão oferece Iluminação direcionada; postos multimídia com funções de ampliação e alto-contraste; material impresso em formato ampliado; filmes com legendas em formato ampliado; experiências táteis com réplicas, maquetas e objetos para tocar; Audioguia com audiodescrição em português.

Para pessoas cegas disponibiliza trilho e marcas de direcionamento no chão; sinalização em Braille; posto multimídia com leitor de tela; materiais impressos a Braille e alto-relevo; experiências táteis com réplicas, maquetas e objetos para tocar; Audioguia com audiodescrição em português; espaço cão-guia.

Para pessoas surdas proporciona videoguia em Língua Gestual Portuguesa; videoguia textual; textos impressos em escrita fácil; espaço cão para surdos e filmes legendados.

Pessoas com deficiência intelectual podem usufruir de textos em escrita fácil; textos com apoio pictográfico; Jogos e atividades de exploração; experiências táteis com réplicas, maquetas e objetos para tocar; visitas guiadas.

Crianças podem utilizar textos adaptados; jogos e atividades de exploração; experiências táteis com réplicas, maquetas e objetos para tocar.

Estrangeiros têm à sua disposição material diverso em Inglês, Castelhana e Francês.

A **Pinacoteca de São Paulo**, no que diz respeito à **Comunicação**, propõe que os profissionais envolvidos nas ações de comunicação e mediação adotem uma prática de

trabalho multidisciplinar, onde todos possam contribuir para o pleno exercício da fruição, percepção e ressignificação dos bens culturais pelos diversos públicos atendidos. Baseando os processos comunicacionais nos princípios da mediação multissensorial, utilizando recursos que possibilitem a fruição por todos os sentidos e não somente pelo visual, conforme habitualmente fazia-se.

Disponibiliza ao público visitante em geral, ações do programa Dispositivos para Autonomia de Visita (DAV), que objetiva incentivar a percepção, a comparação, a interpretação e a reflexão sobre a arte, sem a mediação de um educador. São oferecidos os guias de autovisita, denominados “Para saber mais”, com informações e questionamentos sobre as obras e exposições; a Educateca, um acervo de jogos utilizados para estimular um olhar atento e curioso às obras em exposição; etiquetas comentadas que contextualizam as obras ou partes do edifício; e o painel “Vamos conversar?”, no qual os visitantes podem deixar seus recados para o museu.

As visitas educativas são mediadas por educadores especializados, inclusive em LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. O museu desenvolve publicações em multiformato para o público com deficiência visual e auditiva, distribuídas após as visitas.

Em destaque, encontra-se a Galeria Tátil com 12 obras especialmente montadas para que os visitantes com deficiência visual possam apreciá-las de forma independente, obtendo informações por meio do audioguia, de etiquetas e textos em braile, guiando-se pelo piso tátil e podendo toca-las.

No que concerne à dimensão da **Comunicação**, no **MAM SP** a Língua Brasileira de Sinais integra a programação do MAM com visitas mediadas, narrações de histórias, cursos, exibição de documentários, espetáculos musicais, saraus e a festa multissensorial *Sencity*. Resultado da experiência pioneira na formação de jovens educadores surdos, iniciada em 2002, e que qualificou profissionais para atuação, também, em outras instituições culturais. A comunicação em Libras possibilitou a fruição dos bens culturais e o pertencimento do museu à comunidade surda. Na

recepção, há a oferta de audioguias para o público surdo que desejar realizar uma visita autônoma.

Para o público cego e com deficiência visual, a fruição artística se dá por meio da exploração sensorial e da audiodescrição. A cada nova exposição, a coordenação entra em contato com os colecionadores ou acervos dos quais procedem as obras a serem expostas e solicitam a liberação do toque para esse público específico.

O cuidado e o entendimento de que o visitante merece ser recebido de forma humanizada, remete ao exercício da paciência, do aprender a parar para ouvir, para sentir e criar. As vivências junto ao público com deficiência cognitiva, mental ou múltipla trouxe aos profissionais do MAM a capacidade de entender a verdadeira importância de aprender para ensinar. Integrado ao conceito de Desenho Universal, o museu oferece visitas mediadas em português, libras, inglês, francês e espanhol.

Em referência à **Comunicação**, o **Museu do Futebol**, conta com recursos concebidos antes de sua inauguração. Placas em Braille, maquetes táteis, pranchas com alto contraste de cor e relevo e placas em resina para toque têm o desafio de ajudar na transposição da linguagem da essência do conteúdo da exposição de longa duração para o público com deficiência visual e intelectual. O museu se destacou por possuir recursos que, até então, não eram comuns em ambientes culturais. Além dos recursos de acessibilidade arquitetônica, a acessibilidade comunicacional é proporcionada por meio de videoguias, mediação em Libras, audioguias em inglês, espanhol e português.

3.2 EXPERTS NA ÁREA DA ACESSIBILIDADE

No intuito de oferecer uma visão das informações recolhidas no contexto empírico e partindo da análise de conteúdo, que utilizamos para organizar e tratar o conjunto de dados advindos das entrevistas semiestruturadas realizadas junto aos *experts*, faremos, a seguir, a apresentação destes dados analisados nesta investigação. Vale ressaltar que, o intuito desse estudo é conhecer o processo de criação de soluções de acessibilidade utilizadas por *experts* em Museus, objetivando criar uma grelha de

análise, com vista ao futuro mapeamento da acessibilidade de museus em Portugal e no Brasil.

Assim sendo, iremos apresentar os dados relativos aos ambientes culturais, cruzados com as temáticas, categorias e subcategorias que surgiram das falas das respondentes.

3.2.1 DIRETRIZ

No que diz respeito à temática **Diretriz** (vide Anexo 8), *as experts* iniciaram seus projetos de acessibilidade para os ambientes culturais norteados pelas seguintes categorias: **Com base na Literatura; Com base em estudo de percepção por parte de públicos específicos; Foram contatados especialistas na área.**

3.2.2 COM BASE NA LITERATURA

Na categoria **Com base na literatura**, os dados apresentados indicam que, tanto a especialista do **MCCB** quanto a da **Pinacoteca de São Paulo** tomaram por base a pesquisa literária realizada para os cursos de Pós Doutorado e Mestrado que ambas realizaram, respectivamente. A *expert* do **Museu do Futebol**, aponta que a equipe tem por diretriz a referência bibliográfica da pesquisadora **Amanda Tojal**. No **MAM SP**, a especialista relata que “*as nossas maiores referências, principalmente em acessibilidade, é o Evgen Bavcar, Fotógrafo cego.*” E aponta, inclusive, que há um curso no Programa Igual Diferente que é baseado nas técnicas de Fotografia e Artes Visuais para pessoas cegas, com baixa visão e público vidente em geral, chamado “Imagem e Percepção”. Outra referência forte literária citada, mas no campo da arte e da educação é o artista e pedagogo uruguaio, Luis Camnitzer. O educador e pedagogo brasileiro Paulo Freire e o filósofo da educação Jorge Larossa são, do mesmo modo, influências literárias fortes para o trabalho desenvolvido no museu.

Ainda no que concerne à categoria **Com base na literatura** em todos os ambientes culturais é notória a influência do teórico, educador e consultor Romeu Kazumi Sassaki (2009) acerca das dimensões da acessibilidade, descritas anteriormente neste estudo.

3.2.2.1 Com base em estudo de percepção por parte de públicos específicos

Os dados apresentados referentes à categoria **Com base em estudo de percepção por parte de públicos específicos** apontam que os sujeitos da pesquisa tiveram experiências diferenciadas nesse aspecto. O **MCCB** optou por uma abordagem mais holística, pensando no público em geral, entendendo que as pessoas têm necessidades específicas e diferenciadas. Para tanto, reafirma que *“nada foi feito para cegos, surdos... Tudo foi criado e disponibilizado para que qualquer pessoa com ou sem deficiência, possa utilizar e fruir das várias soluções oferecidas.”* Na **Pinacoteca**, a respondente relata que o aprendizado foi realizado na prática, buscando junto às instituições de atendimento específico às pessoas com deficiências condições para aprender a lidar com as pessoas com paralisia cerebral, com surdos e cegos. E, a partir dessas experiências, definir que o programa seria planejado para atendimento à todas as deficiências. Em relação ao **MAM**, os dados concluem que todo o trabalho desenvolvido no ambiente cultural foi alicerçado na percepção do público que frequentava o Ateliê, desenvolvendo seus projetos artísticos autorais, nesse espaço de criação do museu. A especialista do Museu do Futebol, relata que iniciaram o Projeto Deficiente Residente *“pensando, num primeiro momento na pessoa cega, porque o museu é muito visual. Aí a gente foi trabalhando todas as outras deficiências, depois a gente trabalhou com idoso.”* Tendo por meta fomentar o pertencimento e a consciência ao público diverso, não frequentador habitual, de que os museus são para todos.

A consciência da importância do respeito e da integração das pessoas com deficiência na construção da metodologia a ser implantada nos ambientes culturais, possibilitando aos visitantes a participação plena nas atividades ofertadas, remete-nos ao lema *“Nada sobre nós, sem nós”*, criado pelo movimento de luta das pessoas com deficiência, representado pela Organização Não Governamental *“Pessoas com Deficiência da África do Sul”* e disseminado pela militância, em todo o mundo. (Sasaki, 2007).

3.2.2.2 Foram contatados especialistas na área

No que concerne à categoria **Foram contatados especialistas nesta área**, os dados indicam que os quatro ambientes culturais tiveram práticas diferentes. No **MCCB** a especialista optou por *“visitar o maior número possível de museus, na Europa e no mundo (foram 65 no total), e entrevistar profissionais e usuários, com vista a colher as melhores práticas de comunicação acessível nesses locais”*. Já na **Pinacoteca de São Paulo**, os especialistas contatados eram os técnicos de cada instituição que cuidavam de pessoas com as diversas deficiências, cujas orientações foram repassadas à entrevistada. **O MAM SP** centrou-se no *“intercâmbio dos técnicos que trabalhavam nos espaços, que nos vinham visitar, onde buscávamos aprender”*, indicando *experts* nas áreas de educação para surdos, arquitetura e pedagogia, fundamentais para acessibilidade do ambiente cultural. No que diz respeito ao **Museu do Futebol**, a especialista convidada para criação do Programa de Acessibilidade, ainda na fase de construção desse ambiente cultural, foi a pesquisadora Amanda Tojal.

3.2.3 PARÂMETROS/INDICADORES/ASPECTOS/CARACTERÍSTICAS

Em relação ao tema **Parâmetros/indicadores/aspectos/características** tidos em conta no âmbito da acessibilidade, conforme pode ser observado no Quadro 02 (vide anexo 9), os dados apontados pelas entrevistadas indicam que os ambientes culturais seguem o conceito de **Desenho Universal** e as **Dimensões de Acessibilidade** de Sasaki(2009) no que concerne aos parâmetros de Acessibilidade Arquitetônica, comunicacional e atitudinal, com ênfase nesta última por acreditarem ser fundamental na quebra das barreiras ao acesso.

3.2.3.1 Desenho Universal

No que tange ao aspecto **Desenho Universal (Para todos os visitantes)**, o MCCB tem por premissa que o ambiente cultural seja pensado para qualquer pessoas com ou sem deficiência. Nesse contexto, a Pinacoteca de SP traz a experiência da especialista para implantação de seu segundo programa para públicos com deficiência, o PEPE (Programa Educativo Públicos Especiais). **O MAM SP** alinha-se a esse aspecto em sua

natureza, conforme relato da especialista quando diz que o ambiente cultural *“nasce de um desejo de ser um museu realmente de todos.”* No que diz respeito ao aspecto do Desenho Universal, o **Museu do Futebol**, se insere e responde com os seguintes questionamentos: *“Qual é a função do museu? Para quê que existe um museu? Para quem é o museu? O museu é pra todo mundo. É pra população. Quem é essa população? Essa população é todo mundo.”*

Portanto, os ambientes pesquisados pensam seus projetos e produtos adequando-os para o padrão de **Desenho Universal** definido por Carletto & Cambiaghi (S.d.), na medida em que buscam ser acessíveis para todas as pessoas, independentemente de suas habilidades sensoriais ou individuais, faixa etária ou características pessoais. *“A meta é que qualquer ambiente ou produto poderá ser alcançado, manipulado e usado, independentemente do tamanho do corpo do indivíduo, sua postura ou sua mobilidade”* (Carletto & Cambiaghi, S.d., p.10).

3.2.3.2 Acessibilidade Arquitetônica

No que corresponde ao aspecto **Acessibilidade Arquitetônica**, a especialista informa que o projeto do **MCCB** foi desenvolvido tendo em conta os parâmetros de acessibilidade. Já em relação à **Pinacoteca de SP**, a respondente defende que *“o museu tem que permitir que você entre e saia e que tenha o mínimo de acessibilidade e mobilidade física.”* Para esse aspecto, o **MAM SP** cita as especialistas responsáveis pela acessibilidade arquitetônica do ambiente cultural, cujo trabalho é modelo para arquitetos e especialistas em formação. E os dados apresentados pelo Museu do Futebol referentes à piso tátil, plataforma, banheiro adaptado, escada rolante e elevador corroborando o discurso da entrevistada quando diz *“A parte da acessibilidade física já nasce com o programa de acessibilidade e isso faz toda a diferença, obviamente.”*

3.2.3.3 Acessibilidade Comunicacional

Acessibilidade Comunicacional é um aspecto relevante para os quatro sujeitos da pesquisa.

Sobre este aspecto a especialista do **MCCB**, relata que ao realizar a sua pesquisa de pós doc, em 65 museus na Europa e no mundo, colheu as melhores práticas de comunicação acessível, transformadas posteriormente em um conjunto de parâmetros que foram aplicados e testados no ambiente cultural. Na **Pinacoteca de SP**, a entrevistada defende nesse quesito que *“As exposições têm que falar para todos.”* E discorre sobre a criação do carrinho multissensorial que cria para esse fim. Os dados referidos pela especialista para o **MAM SP**, dentro desse aspecto, remetem à importância de que *“Se acessibilidade faz parte da concepção e da criação poética, ela fica muito mais simples e interessante. Pensar as questões sensoriais. Pensar o desenvolvimento do ser humano em sua plenitude...”*, exemplificando com a participação dos profissionais com deficiência que integram a equipe do Projeto Igual Diferente. Nesse contexto, o **Museu do Futebol** trata a **Acessibilidade Comunicacional** como primordial para fruição no ambiente cultural. Para tanto disponibiliza audioguia para pessoas cegas e com baixa visão propiciando autonomia em todo o percurso da exposição. Oferece folder em Português e Inglês. A maquete tátil possui legenda em Braille. E tanto a maquete quanto os materiais sensoriais de resina expostos nas salas, não são disponibilizados só para as pessoas cegas ou com baixa visão. Esse é um material que está disponível para qualquer pessoa. E sobre este aspecto a entrevistada enfatiza que *“a gente não segrega, não é um espaço segregado só para pessoa com deficiência.”*

3.2.3.4 Acessibilidade Atitudinal

Tal como pode constar-se na análise dos dados referentes ao aspecto da **Acessibilidade Atitudinal**, os ambientes culturais pesquisados a reconhecem como condição *sine qua non* para quebra de barreiras e envolvimento de todas as equipes no planejamento de acesso à todas as pessoas. Para o MCCB, é imprescindível *“Envolver todos os elementos da equipa museológica num diálogo aberto que leve à determinação da abordagem que melhor se adequa ao perfil do espaço cultural e aos perfis dos visitantes existentes espectáveis.”* Nesse aspecto, a Pinacoteca de SP, criou o Curso Ensino da Arte na Educação Especial Inclusiva aberto à toda sociedade. No MAM

SP a transversalidade impera. *“Aqui a acessibilidade é responsabilidade de todas as áreas, todos tem que estar envolvidos.”*

3.2.4 AVALIAÇÕES

O Quadro 03 (vide anexo 10), com dados referentes ao tema **as avaliações dos níveis de acessibilidade**, mostra a importância que os sujeitos da pesquisa dedicam à questão da avaliação em todos os níveis, respondendo especificamente às avaliações realizadas por **especialistas**, por **visitantes** e pelos **técnicos**. As entrevistadas relatam que as avaliações realizadas por especialistas são, habitualmente, de ordem espontânea e oriundas do interesse de pesquisadores nas metodologias das ações de viabilização de acesso, implementadas nesses ambientes culturais. Observa-se que os resultados das avaliações realizadas e, posteriormente, tabuladas resultam em correções metodológicas, instrumentais e de fluxo de trabalho das equipes.

3.2.4.1 Realizadas por especialistas

No aspecto das avaliações **Realizadas por especialistas**, no MCCB, foram realizadas por peritos nacionais e internacionais. Já na Pinacoteca de SP a maior incidência é de pesquisadores que a têm como referência no âmbito da acessibilidade cultural. O MAM SP, nessa perspectiva, apresenta uma relação diversificada de avaliações oriundas de demandas espontâneas e externas. O Museu do Futebol tem a consultora Amanda Tojal como avaliadora dos projetos executados.

3.2.4.2 Realizadas pelos visitantes

Analisando pela característica das avaliações **Realizadas pelos visitantes**, a especialista do MCCB indica que são realizadas múltiplas ações de avaliação, com pareceres individuais. Já a Pinacoteca de SP detalha as informações indicando que *“Sempre que há uma visitação de público na Galeria Tátil da Pinacoteca que é uma galeria que dá autonomia para o público com deficiência visual, ele recebe um formulário de avaliação para ele dizer o que achou. Para o público surdo também... E fazemos também a avaliação com o público com deficiência intelectual.”* Sobre esse aspecto, o

MAM apresenta dados que indicam abordagens diferenciadas para avaliações realizadas pelo público em visita espontânea e para os que fazem visitas mediadas pelos educadores, relatando que *“Nosso educador surdo também recebe o público ouvinte enquanto o intérprete faz a voz dele.”*

3.2.4.3 Realizadas pelos técnicos

Quanto ao aspecto das avaliações **Realizadas pelos técnicos**, a entrevistada informa que no MCCB os *“Técnicos e peritos fizeram múltiplas avaliações durante e após o processo.”* Já na Pinacoteca, a especialista apresenta dados das avaliações que competem aos seu setor, porém, ressalta que *“Nós temos que avaliar a equipe e sermos avaliados, inclusive. Isso é uma dinâmica dos recursos humanos da instituição.”* No MAM SP, a dinâmica de avaliação nesse contexto traz informações de que *“na avaliação anual de gestão, a Coordenação avalia o quanto o trabalho de cada um inclui e envolve os outros profissionais em sua ação. Todos trabalham em todas as ações.”* Além de detalhar a interface dessas atuações nos projetos individuais de cada profissional da equipe. Nesse aspecto, o Museu do Futebol informa que *“os instrumentos de avaliação mais utilizados foram os relatórios dos Residentes feitos a cada final de dia de trabalho. E da equipe também. Todas as propostas de mudanças são apontadas nos relatórios. E, a partir dos quais são realizadas as mudanças.”*

3.2.5 FORMAÇÃO

A temática **Formação ao nível de acessibilidade** apresenta-se no Quadro 04 (vide anexo 11), como primordial para os sujeitos da pesquisa por ser basilar na compreensão das especificidades e da diversidade do público a ser recebido nos ambientes culturais. A mesma dividi-se nas seguintes categorias: Para os técnicos do Educativo; Para Direção; Para equipe de recepção; Para toda a equipe do Museu.

3.2.5.1 Para os técnicos do Educativo

No quesito de formação **Para os técnicos do Educativo**, os dados referentes ao trabalho realizado pelo MCCB apontam que a mesma é ofertada sobre como receber

visitantes com necessidades específicas. Nessa perspectiva, na Pinacoteca de SP a especialista criou o curso Ensino da Arte na Educação Especial Inclusiva, aplicado com periodicidade semestral. No MAM SP, a formação precede cada nova exposição, tendo um período dedicado ao estudo da exposição, assim como, para formação pedagógica e sobre acessibilidade. A especialista ressalta que *“além disso, os educadores e a equipe de recepção fazem aulas de LIBRAS continuamente, e passaram por formação básica em audiodescrição.”* Nesse contexto, a equipe do Museu do Futebol passou por uma primeira formação em 2008 e a partir de 2010, passa a ter de maneira diferenciada e recorrente a formação dentro do projeto Deficiente Residente por meio da convivência com pessoas com deficiência, no intuito de melhorar o atendimento do público no museu. *“O Projeto é pensado com a pessoa com deficiência e não para.”*

3.2.5.2 Para Direção

No que tange à formação na categoria **Para Direção**, o MCCB indica que todos os envolvidos passaram por sensibilização. Assim como, para Direção da Pinacoteca de SP. Nessa linha, cita a entrevistada sobre MAM SP, *“a acessibilidade é responsabilidade de todas as áreas, todos tem que estar envolvidos.”* No ambiente do Museu do Futebol, essa formação acontece por meio de reuniões realizadas com a Coordenação Educativa. Nesse contexto, Tojal (2007) ressalta a importância do perfil do profissional que detém o cargo de direção, visto que é primordial que tenha discernimento sobre intervenções e ingerências impostas pelos poderes municipais, estaduais e federais, principalmente nas cidades do interior. Além de ser um profissional com capacidade de planejamento, gestão e execução das ações, com visão holística para diversidade humana. Fazendo cumprir seu papel de gestor de um espaço promotor de cultura e inclusão e como *“agente de conhecimento e fruição do patrimônio histórico, autorreconhecimento e afirmação da identidade cultural de todos os cidadãos, independentemente de suas diversidades”* (Cuty, 2014, p.7).

3.2.5.3 Para equipe de recepção

No que tange à **Formação**, a **equipe de recepção** do MCCB a recebe de forma detalhada sobre como receber visitantes com necessidades específicas. Na Pinacoteca

de SP, o curso Ensino da Arte na Educação Especial Inclusiva é oferecido como uma formação básica para que esses funcionários de recepção possam fazer um atendimento mais acolhedor. O MAM oferece à Equipe de Recepção aulas de LIBRAS continuamente, e passam, também, por formação básica em audiodescrição. No Museu do Futebol, toda a equipe passa pela formação, pela convivência com os integrantes do Projeto Deficiente Residente.

3.2.5.4 *Para toda a equipe do Museu*

No que refere à formação para toda a equipe do Museu, o MCCB sinaliza que é oferecida para todos os envolvidos. A Pinacoteca, como citado anteriormente, oferece um curso de formação interna chamado Consciência Funcional. Nesse programa, é ministrado um mini curso aos funcionários introduzindo, inclusive, conhecimentos básicos de LIBRAS. No MAM SP todos passam pela formação baseada nos princípios da UNESCO para desenvolvimento do ser humano em sua plenitude, em um ambiente mais rico, mais dinamico, mais vivo em todos os aspectos. Pensando desde a criação das coisas, mas transversal também no sentido de ser responsabilidade de todas as áreas do museu. Segundo Leyton, a acessibilidade é responsabilidade de todas as áreas, todos tem que estar envolvidos. A recepção tem que estar preparada para todos, o restaurante tem que ser pensado para todos. A transversalidade tem a ver com a equipe profissional. O Museu do Futebol segue na mesma linha, afirmando que a acessibilidade é institucional. “Ela não é acessibilidade da pessoa, não é só acessibilidade da equipe, é acessibilidade da instituição. Isso é que fez com que muitas coisas dessem certo aqui dentro”, segundo Ialê Cardoso.

3.2.6 VIABILIZAÇÃO DE RECURSOS FINANCEIROS

Como pode ser constatado na análise dos dados referentes à **Viabilização de Recursos Financeiros** (vide Anexo 12), surgiram as categorias recursos próprios, financiamento público e privado.

3.2.6.1 Recursos próprios

No que tange aos recursos **próprios**, a venda de ingressos na bilheteria é a fonte contínua de captação para manutenção das atividades dos ambientes culturais pesquisados.

3.2.6.2 Financiamento público

Já em relação aos financiamentos **público**, são intermitentes em dois dos sujeitos pesquisados, sendo o financiamento sem diferenças notórias entre os mesmos, pois, são oriundos de incentivo do Governo. Destacando que, para o MCCB, o maior meio de captação é por “*Financiamento da autarquia local – Câmara Municipal da Batalha – e com fundos nacionais e da União Europeia.*” E para o Museu do Futebol, a proeminência nessa categoria é para os recursos oriundos do contrato firmado entre o Governo do Estado de São Paulo e a Organização Social, gestora do PAMF - Projeto de Acessibilidade do Museu do Futebol.

3.2.6.3 Financiamento privado

São intermitentes e utilizados pelos outros dois sujeitos pesquisados, sendo que para Pinacoteca de SP o destaque é para os patrocínios anuais provenientes da Lei Rouanet, do PROAC e PRONAC. Nesse contexto, o MAM SP investe muito em Prêmios, editais e patrocínios específicos para projetos especiais. Sendo que os recursos oriundos do PROAC e PRONAC podem ser classificados como público/privado por serem de programas de incentivo à cultura.

O século XXI, em seu caminhar, apresenta os ambientes culturais com novas características e metodologias, libertando-se lentamente dos resquícios de estratificação e exclusão sociocultural de séculos passados, possibilitando o acesso ao patrimônio cultural e à informação a todas as pessoas. A mudança de olhar e o fazer inclusivo são oriundos do “(re)conhecimento da pluralidade das formas humanas” e o entendimento antropológico de que a nossa relação com o espaço é cultural, vem dando um novo sentido ao papel dos ambientes culturais para sociedade (Cardoso & Cuty, 2012, p. 12).

As mudanças culturais da contemporaneidade, relativas à democratização cultural em larga escala, ainda são incipientes, porém os avanços resultantes de décadas de luta, vêm sendo percebidos e potencializados em diversos segmentos de todo o mundo.

No ambiente cultural em que as estratégias de comunicação e mediação, molas propulsoras de fruição, produção e pertencimento de bens culturais, são entendidas como primordiais e inseridas intrinsecamente na essência dos programas e projetos estruturantes, vê-se avanços nesse sentido. Entretanto, os desafios enfrentados por esses espaços, na perspectiva de unir de maneira dialógica e inclusiva o passado, o presente e o futuro, atraindo e consolidando o sentimento de pertencimento de toda a diversidade humana pelos bens culturais, requer dos profissionais responsáveis um empenho excepcional (Sarraf, 2015; Leyton, 2015; Tojal, 2007; Neves, 2011, 2013).

Os ambientes culturais de grande porte, conscientes de sua função propulsora da fruição e produção de bens culturais, vêm conseguindo planejar ações de elaboração de projetos e programas, captação de recursos e gestão participativa com resultados muito significantes para sociedade, no que tange a acessibilidade. Contudo, este panorama restringe-se a poucos se pensarmos no universo dos ambientes culturais existentes no mundo. Principalmente, os de pequeno e médio porte e em territórios interioranos e de periferia, paralisados pela ignorância relativa aos conceitos disseminados na contemporaneidade que favorecem, valorizam e contemplam toda diversidade humana.

Por meio deste estudo empírico, buscamos compreender o modo como os quatro ambientes culturais de referência portuguesa e brasileira em acessibilidade cultural tornaram-se museus de e para todos.

No que se refere ao primeiro objetivo, *conhecer as estratégias de acessibilidade em museus*, os dados apontam para a importância de se valorizar cinco grandes áreas: os espaços físicos, os diferentes tipos de públicos, os programas educativos, as equipes de profissionais e a comunicação. Como pano de fundo está a pesquisa teórica, numa perspectiva de entendimento e contextualização desses conceitos para concretização do ideal de tornar-se efetivamente um ambiente para todos.

Na atualidade, o conceito de acessibilidade tem especial importância para toda a sociedade e necessita ser difundido em todas as instâncias. A acessibilidade teve como base o movimento de luta das pessoas com deficiência, porém, os resultados conquistados foram expandidos e são usufruídos hoje em dia por um público diverso e bem mais amplo (Corpas & Leyton, 2016). Os dados recolhidos deixam-nos perceber que o Museu da Comunidade de Concelhia da Batalha, de Portugal, assim como a Pinacoteca de SP, Museu de Arte Moderna de SP e o Museu do Futebol, do Brasil, atribuem grande importância a estas cinco áreas apresentadas, áreas que são, desde logo, consideradas prioritárias pelos teóricos que conceituaram, a acessibilidade, a educação e a cidadania cultural em seus projetos iniciais e atuais.

Contudo, com base na pesquisa realizada, para que os ambientes culturais tornem-se espaços de fruição e produção de bens culturais para todas as pessoas, indistintamente, são necessárias ações de disseminação das informações, quebra de paradigmas e potencialização do sentimento de pertencimento para todos: gestores, profissionais e público.

No que tange às questões referentes às pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, Brasil e Portugal participaram da criação e da aprovação de inúmeras leis, decretos, normas, acordos internacionais, respeitados nacionalmente, porém pouco conhecidos e, portanto, infimamente utilizados.

A ausência de conhecimento perpassa também por questões culturais, no senso comum ainda arraigado em parte da população, de que pessoas com deficiência são inaptas à produção artística e cultural, assim como ao consumo de bens culturais. Suscitando comportamentos discriminatórios, estereotipados, preconceituosos e estigmatizantes em relação às pessoas com deficiência.

Nesse sentido, considerando que no último censo realizado em 2010, no Brasil, 23,9% da população declarou-se com algum tipo de deficiência e em Portugal, os dados do Centro Nacional de Estatística para o Censos 2001, apontaram o percentual de 6,1% da população residente com deficiência, os ambientes culturais perdem um número consideravelmente significativo de público consumidor, por não prepararem-se para recebe-los. Reafirmando a pertinência em compreender-se a missão do ambiente

cultural e questionar como a acessibilidade pode contribuir para essa missão; quais soluções a equipe pode pensar em conjunto para as questões da acessibilidade física, comunicacional e atitudinal, no intuito de trazer o público não participante para o ambiente cultural. Outro fator estratégico importante é a formulação de proposta e projetos com vistas à captação de recursos financeiros e técnicos para concretização das ações a serem realizadas.

Respondendo ao segundo objetivo desta pesquisa que tem como propósito, *conhecer o processo de criação de soluções de acessibilidade utilizadas pelas experts*, os dados recolhidos nas entrevistas revelam que neste tipo de contexto, é prioritário o envolvimento de todos os integrantes da equipe em um diálogo aberto levando à determinação da abordagem que melhor se adequa ao perfil do ambiente cultural e aos perfis dos visitantes que se deseja atrair; avaliar criteriosamente as condições existentes, envolvendo diferentes agentes com e sem deficiência neste processo, assim como consultar profissionais especializados para que o planejamento das modificações incorra em mal uso dos recursos financeiros e sem resultado para sociedade. Os dados levantados apontam que buscar soluções criando projetos coletivamente, possibilita a inclusão de várias percepções para um mesmo problema, cuja resolução passa a atender à uma gama diversa de pessoas e não somente a um segmento. Possibilitando exercitar o potencial criativo, o pertencimento, o olhar holístico e a inclusão. O envolvimento de todos na concepção, execução e avaliação dos projetos e programas, revela a essência do ambiente cultural verdadeiramente de e para todos.

Observadas as orientações das entrevistadas, percebemos que há unidade nas diretrizes, pois são uníssonas no que tange à avaliação constante; a continuidade do trabalho da equipe; o envolvimento de todos os profissionais, desde a recepção à presidência do museu; a busca de financiamento e, principalmente, o envolvimento de pessoas com deficiência na equipe, trabalhando coletivamente as soluções para que todas as pessoas tenham acesso e usufruam do que é oferecido nos ambientes culturais.

No intuito de responder à questão central desta pesquisa e atingir o terceiro objetivo proposto para esta investigação, a criação de uma grelha de análise com vista ao futuro mapeamento da acessibilidade de museus em Portugal e no Brasil, apresentamos o quadro 3 com indicações que possam ser utilizadas, não somente pela pesquisadora, mas principalmente por ambientes culturais que desejem iniciar um processo que leve-os a ser realmente acessíveis para todas as pessoas.

Este instrumento toma por base os dados obtidos neste estudo e pode ser empregado assinalando nas colunas “Não utiliza” ou “Utiliza”, cada item executado ou não pelo ambiente cultural.

Os pontos apresentados para análise reportam, em primeira instância, para gestão do ambiente cultural, para os responsáveis por pensar o funcionamento do ambiente cultural em todas as instancias, sejam elas administrativas, financeiras, jurídicas, educacionais, artísticas, culturais ou sociais.

Em segundo plano, o quadro expõe as necessidades classificadas de acordo com as dimensões de acessibilidade apontadas por Sasaki (2009).

Compreendendo a sua função como promotor e potencializador de cidadania, o ambiente cultural deve compreender a acessibilidade como transversal à todos os segmentos, à todas as pessoas. Portanto, precisa ser compreendida, assimilada e inserida no contexto global.

Quadro 3 - GRELHA DE ANÁLISE PARA ACESSIBILIDADE EM AMBIENTES CULTURAIS

GESTÃO (Direção – Administração - Coordenação - Mantenedores)	NÃO UTILIZA	UTILIZA
Conhece e aplica a missão/função do seu ambiente cultural		
Conceito de Desenho Universal		
Conhecimento de que existem barreiras não só físicas e visuais, mas também as atitudinais, intelectuais e de domínio de linguagem ou idioma.		
Investimento de recursos para acessibilidade		
Planejamento com base na literatura		
Planejamento com base no público visitante		
Contratação de consultoria na área de acessibilidade		
Contratação de profissional da área de Educação		
Contratação de profissional da área da Cultura		
Contratação de pessoa com deficiência		
Participação dos profissionais com deficiência na formulação e execução das adequações		
Conhecimento da diversidade do público		
Conhecimento da singularidade do público		
Consciência de que todos os sentidos podem ser explorados no ambiente cultural.		
Protagonismo do público sem deficiência		
Protagonismo do público com deficiência		
Programa de gratuidade ou desconto nos ingressos		

ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA	NÃO UTILIZA	UTILIZA
Portas amplas para acesso de cadeiras de rodas		
Rampa de acesso		
Corrimão		
Plataforma de acesso		
Espaço de descanso		
Faixa sinalizadora de degrau		
Elevador		
Banheiros feminino e masculino adaptados		
Sanitário adaptado		
Pias em alturas adequadas para pessoas de baixa estatura e/ou cadeirante		
Maçanetas de fácil manipulação		
Torneiras de fácil manipulação		
Descarga de fácil manipulação		
Lixeira de fácil manipulação		
Barras de apoio		
Sinalética de segurança nos banheiros		
Bebedouros adaptados		
Espaço de manobra para cadeiras de rodas		
Pisos não escorregadios		
Piso tátil		
Guias		
Balcão inclinado e com altura para usuário de cadeira de rodas		
Vagas de estacionamento com maior área de transferência		
Salas adequadas para oficinas		
Mobiliário adequado para oficinas		

ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL	NÃO UTILIZA	UTILIZA
Mapa tátil		
Audioguia		
Videoguia		
Piso tátil		
Identificações em braile		
Identificações em letras ampliadas		
Identificações com contraste		
Iluminação direcionada		
Audiodescrição		
Intérprete e tradutor de língua de sinais		
Intérprete e tradutor de língua de sinais tátil		
Legendas nos vídeos apresentados		
Janela de língua de sinais nos vídeos apresentados		
Autorização para tocar nas obras		
Réplicas das obras para serem tocadas		
Painel em Braille e áudio nos elevadores e postes		
Painel em Braille e áudio nos postes próximos ao local		
Folheto em leitura fácil		
Roteiro em leitura fácil		
Folheto em pictograma		
Roteiro em pictograma		
Material apropriado para distintas faixas etárias		
Site adaptado para pessoas com deficiência visual		
Site adaptado para surdos		

ACESSIBILIDADE METODOLÓGICA	NÃO UTILIZA	UTILIZA
Plano de trabalho adequado à todas as pessoas		
Currículo das oficinas adequado para pessoas com deficiência visual		
Currículo das oficinas adequado para pessoas com deficiência Auditiva		
Currículo das oficinas adequado para pessoas com deficiência Intelectual		
Currículo das oficinas adequado para pessoas com baixa literacia		

ACESSIBILIDADE INSTRUMENTAL	NÃO UTILIZA	UTILIZA
Equipamentos Multimídia (tablet, fone de ouvido, computadores, telas, etc.)		
Computadores com recursos para acessibilidade		
Máscaras para teclado que facilitam o acesso aos usuários com pouca coordenação motora e/ou mobilidade reduzida		
Mediação de profissionais aptos a prestar auxílio, quando necessário		

ACESSIBILIDADE PROGRAMÁTICA	NÃO UTILIZA	UTILIZA
Segue orientações descritas em leis, normas, decretos e acordos sobre acessibilidade, vigentes no país		
Estatuto cita ou baseia-se na igualdade de oportunidades entre todos		
Regimento interno norteia para inexistência de barreiras, a disseminação e conscientização dos direitos de fruição e produção dos bens culturais para todas as pessoas		
Chamadas públicas para apoio e patrocínio indicam a obrigatoriedade de acessibilidade nas propostas a serem apresentadas		

ACESSIBILIDADE ATITUDINAL	NÃO UTILIZA	UTILIZA
Capacitação e sensibilização da Direção para as questões de acessibilidade para todas as pessoas		
Capacitação e sensibilização equipe Administrativa para as questões de acessibilidade para todas as pessoas		
Capacitação e sensibilização da equipe de Formação para as questões de acessibilidade para todas as pessoas		
Capacitação e sensibilização da equipe de Recepção para as questões de acessibilidade para todas as pessoas		
Capacitação e sensibilização da equipe de Serviços gerais para as questões de acessibilidade para todas as pessoas		
Oferta de formação em Língua de sinais		
Oferta de formação em Braille		
Oferta de formação em Audiodescrição		
Oferta de formação em acessibilidade arquitetônica		
Oferta de formação em legislação sobre acessibilidade.		

IV CONCLUSÕES

Os ambientes culturais pesquisados, considerados “Museus para todos” pelos avanços que apresentam em relação ao acesso do público diverso, são conscientes de que existem falhas, que ainda estão a caminhar e que o caminho é longo, por vezes difícil. A compreensão dos conceitos, o conhecimento das técnicas e a capacidade de execução são subjetivas e necessitam de constante auto avaliação e predisposição para mudanças. Porém, há o entendimento comum de que um primeiro passo deve ser dado e que a participação das diferentes representações da diversidade humana precisam estar integradas na formulação e avaliação dos projetos estruturantes e recorrentes de acessibilidade para o público diverso.

Pressupondo, assim, que a quebra das barreiras não se restrinja somente as habituais físicas e visuais, mas que sejam explorados todos os sentidos do ser humano e as barreiras de domínio de linguagem, idioma, intelectuais, mentais e sobretudo atitudinais sejam paulatinamente transformadas em novas possibilidades para todos.

No percurso deste estudo, por escassez de recursos financeiros e tempo para dedicação exclusiva ao aprofundamento da pesquisa, optamos por focar somente nos quatro ambientes culturais selecionados, em detrimento de uma ampla pesquisa com abrangência maior nos territórios português e brasileiro.

No contexto atual do Brasil, em meio a uma crise política grave, em que o povo vivencia perdas socioculturais imensuráveis e absurdas, optar por investir tempo e recursos financeiros na persistência desta pesquisa, foi uma atitude aparentemente insana. Diante de uma população sofrida com o desemprego, com o aumento galopante da miséria, da violência que dizima a juventude e adoece toda a sociedade, escolher continuar e, paralelamente, mobilizar esforços para garantir o mínimo de cidadania para os que fazem parte do meu convívio social, foi muito difícil.

Contudo, o resultado deste trabalho repercute positivamente ao redor, no sentido em que a partilha de informações e a sensibilização começam a encantar outras pessoas com o tema.

Espera-se dar continuidade a essa pesquisa, por meio da aplicação da grelha de análise, a ser disponibilizada aos gestores de espaços culturais de pequeno e médio porte do Brasil e de Portugal. O intuito é que o acesso à cultura seja oferecido e potencializado na base, nas localidades onde as atividades acontecem, criando uma nova via de informação para públicos diversificados, atendendo às necessidades de cada um e respeitando o direito de todos. Com o resultado deste estudo futuro, pretende-se obter informações necessárias sobre os avanços da acessibilidade nos dois países, com vistas a formulação de um Guia de Boas Práticas de Acessibilidade Cultural, a ser disponibilizado em linguagem simples e em multiformato.

LISTA DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aidar, G. (2002). *Museus e inclusão social*. Ciências e Letras. Porto Alegre. FAPA, nº 31.
- Almeida, G. & Sá-Silva(2009). *Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas*.
Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I. Número I. Julho 2009.
- Assis, E. P. (2012). *Acessibilidade nos bens culturais imóveis: possibilidades e limites nos museus e centros culturais*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Recuperado em 01 de maio de 2016 em <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/cgi-bin/wxis.exe/iah/scripts/?IsisScript=iah.xis&lang=pt&nextAction=lnk&base=BIBLIOTECA&exprSearch=Museus%20-%20Acessibilidade&indexSearch=AS>
- Aquino, C. A. B. & Martins, J. C. O.(2007). *Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho*. Revista Mal-estar e Subjetividade. Fortaleza. Vol. VII. Nº 2. p. 479-500. Set/2007. Recuperado em 09 de setembro de 2017 em <http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1595/3577>
- Brasil. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas. (2009). *Tecnologia Assistiva*. Brasília: CORDE.
- Brasil. (2012). *Cartilha do Censo 2010*. Pessoas com Deficiência. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília: SDH-PR/SNPD.
- Cardoso, E. & Cuty, J.(2012). *Acessibilidade em Ambientes Culturais* [PDF]. Orgs. Porto Alegre. Marca Visual. Recuperado em 15 de maio de 2016 em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3024706/mod_resource/content/1/cessibilidade-em-ambientes-culturais-eduardo-cardoso-e-jeniffer-cuty-orgs.pdf

- Carletto, A. & Cambiaghi, S. (S.d.). *Desenho Universal: um conceito para todos* [PDF]. São Paulo: Instituto Mara Gabrilli. Recuperado em 05 de julho de 2017 em http://maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal_web-1.pdf
- Carmo, H. & Malheiro, M. (1998). *Métodos Quantitativos e Métodos Qualitativos*. In: *Metodologia da Investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Camnitzer, L. (2016). *Todos deveriam ser artistas*. Revista Nova Escola Revista Digital de 29 de agosto de 2016. Recuperada em 12 de setembro de 2017, em <https://novaescola.org.br/conteudo/242/luis-camnitzer-todos-deveriam-ser-artistas>
- Chauí, M. (2008). *Cultura e democracia*. En: *Crítica y Emancipación: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*. Año 1, no. 1 (jun. 2008). Buenos Aires. Recuperado em 07 de setembro de 2017 em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>
- Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Promulgada em 5 de outubro de 1988. Recuperada em 01 de maio de 2016 em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- Constituição da República Portuguesa (1976). Promulgada em 02 de abril de 1976. Recuperada em 01 de maio de 2016 em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.asp>
- Cuty, F. & Couto, D. (2014). *Acessibilidade Cultural: respeito à multiplicidade e à singularidade do humano como pressupostos para viabilidade de um museu para todos*. V Seminário Internacional - Políticas Culturais. 7 a 9 de maio de 2014. Setor de Políticas Culturais. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro. Brasil. Recuperado em 01 de março de 2016 em <http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2014/06/Jeniffer-Cuty-et-alli.pdf>

Decreto Lei n.º 6.949/2009 (2009). Promulga a Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência e protocolo adicional. Assinada em Nova York em 30 de março de 2007. Recuperado em 15 de março de 2016 em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm

Desvallées, A. & Mairesse, F.(2013). *Conceitos-chave de museologia*. Tradução e comentários Bruno Brulon e Marília Xavier Cury. São Paulo. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo e Secretaria de Estado da Cultura. Recuperado em 9 de setembro de 2017 em http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf

Dorneles, P.(2011). Identidades inventivas: territorialidades na Rede Cultura Viva na Região Sul. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós Graduação e Geografia. Porto Alegre. RS. Encarnação, P., Azevedo, L., & Londral, A.R. (2015). Tecnologia de Apoio para pessoas com deficiência. Fundação para Ciência e Tecnologia. Unidade ACESSO. Lisboa. Recuperado em 09 de junho de 2016 em <http://www.acessibilidade.gov.pt/livros/tapd/html/indice.html>

Fortin, M. F. (2009). *O processo de investigação da concepção à realização*. (5ª Ed.). Loures: Lusociência.

Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Tradução Joice Elias Costa. 3ª Ed. Artmed. Porto Alegre. Recuperado em 17 de setembro de 2017 em http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/flick%20-%20introducao%20a%20pesq%20quali.pdf

Gil, A. C.(2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Recuperado em 28 de agosto de 2016 em

[https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa - antonio carlos gil.pdf](https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf)

ICOM-Portugal(2017). *Definições: Museu*. Recuperado em 14 de setembro de 2017 em http://icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2012). *Censo Demográfico 2010: Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência* [PDF]. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Brasil. Recuperado em 31 de maio de 2017 em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religio_deficiencia.pdf

Instituto Nacional de Estatística (2001). *Censos 2001* [PDF]. Recuperado em 31 de maio de 2017 em http://www.novamente.pt/wp-content/uploads/estatisticas/novamente_estatisticas_Censos2001_populacao_deficiencia.pdf

Instituto Nacional de Estatística (2011). *Censos 2011* [PDF]. Recuperado em 31 de maio de 2017 em http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_pesquisa&frm_accao=PESQUISAR&frm_show_page_num=1&frm_modulo_pesquisa=PESQUISA_SIMPLES&frm_texto=defici%C3%Aancia&frm_modulo_texto=MODO_TEXTO_A_LL&frm_data_ini=&frm_data_fim=&frm_tema=QUALQUER_TEMA&frm_area=online_area_CENSOS_BaseDados

Instrução Normativa nº 128 (2016), recuperada em 24 de maio de 2017 em <https://www.ancine.gov.br/pt-br/print/19931>

Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência. (2015). Recuperado em 27 de abril de 2016 em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm

- Lei n.º 38/2004 (2004). *Regime jurídico da prevenção, habilitação, reabilitação e participação da pessoa com deficiência*. Diário da República, 1.ª Série - A, nº 194 de 18 de Agosto de 2004. Recuperado em 01 de maio de 2016 em http://www.inr.pt/bibliopac/diplomas/lei_38_2004.htm
- Lei 13.018/2014. (2014). *Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências*. Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Recuperado em 10 de junho de 2016 em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13018.htm
- Leitão, C. S. (2009). *Programa Cultura Viva: Reflexões sobre o Brasil e a metáfora da alteridade*[PDF]. Seminário Internacional do Programa Cultura Viva – Novos mapas Conceituais. Secretaria de Cidadania Cultural. Brasília/DF. Recuperado em http://semanaculturaviva.cultura.gov.br/linhadotempo/pdf/publicacoes/SCC/Seminario_Internacional_Cultura_Viva_Mapas_2010.pdf
- Leyton, D. (2015a). *Um museu de todos*. In *Programa Igual Diferente* (pp. 8 - 21), V. 1. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Leyton, D. (2015b). *Um mundo possível*. In *Programa Igual Diferente* (pp. 6 - 19), V. 2. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Leyton, D. (2016). *Educação como matéria – prima*. Revista Moderno mam Extra. Nº 5. Abri/ Maio/Junho. São Paulo.
- Museu da Batalha. (2016). Recuperado em 01 de abril de 2016, em <http://www.museubatalha.com/>
- Museu de Arte Moderna de São Paulo– MAM SP - <http://mam.org.br/aprenda/igual-diferente/>
- Museu do Futebol. (2016). Recuperado em 01 de abril de 2016 em <http://www.museudofutebol.org.br/acessibilidade/>
- Negreiros, D. A. (2014). *Acessibilidade Cultural: por que, onde, como e para quem?* Monografia de Especialização em Acessibilidade Cultural. Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- Neves, J. (2011). *Novos, Recentes e Renovados: Museu da Comunidade Concelhia da Batalha* [PDF]. Informação ICOM.PT.Série II (Jun-Ago 11). ICOM Portugal. Recuperado em 28 de junho de 2017 em http://icom-portugal.org/multimedia/info%20II-13_jun-ago11.pdf
- Oliveira, M.(2015). *Cultura e inclusão na educação em museus: processos de formação em mediação para educadores surdos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo. Recuperado em 04 de agosto de 2017 em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-12112015-165232/pt-br.php>
- Pinacoteca de São Paulo. (2016). Recuperado em 01 de maio de 2016 em <http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/>
- Ribeiro, S.B.(2014). *Mobilidade e acessibilidade urbana em centros históricos*. Org. Cadernos Técnicos 9. IPHAN. Brasília. Recuperado em 03 de maio de 2016 em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/CadTec9_CadernoAcessibilidade_m.pdf
- Sarraf, V. P. (2008). *Reabilitação do Museu: políticas de inclusão cultural por meio da Acessibilidade* [PDF]. Dissertação de Mestrado – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. Recuperado em 09 de março de 2016 em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-17112008-142728/pt-br.php>
- Sarraf, V. P. (2015). *Acessibilidade em espaços culturais: mediação e comunicação sensorial*. Editora da PUC. FAFESP. São Paulo.
- Sarraf, V. P. (2016). *Acessibilidade em espaços culturais: acessibilidade na prática*. Recuperado em 01 de abril de 2016 em <http://acessibilidadecultural.com.br/artigos/artigo.php?id=423&/acessibilidade-em-espacos-culturais-acessibilidade-cultural-na-pratica->
- Sassaki, R. K. (2007). *Nada sobre nós, sem nós: da integração à inclusão*. Revista Nacional de Reabilitação, ano X, n. 57, jul./ago. 2007, p. 8-16. In <http://www.bengalalegal.com/nada-sobre-nos>

- Sassaki, R. K. (2009). *Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação*. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. Recuperado em 03 de março de 2016 em [https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/SASSAKI -
Acessibilidade.pdf?1473203319](https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/SASSAKI-_Acessibilidade.pdf?1473203319)
- Sousa, J.G. (2014). *Velhice na cultura contemporânea: um estudo sobre a perda emocional profunda*. Tese de Doutorado. Departamento de Línguas e Culturas. Universidade de Aveiro. Recuperado em 10 de setembro de 2017 em <https://ria.ua.pt/handle/10773/13460>
- Tojal, A. P. F. (1999a). *Museu de Arte e público especial*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação e Artes de São Paulo. ECA-USP. Recuperado em 14 de março de 2016 em [http://www.arteinclusao.com.br/resources/publicacoes/Dissertacao_com_ilust
racao.pdf](http://www.arteinclusao.com.br/resources/publicacoes/Dissertacao_com_ilustracao.pdf)
- Tojal, A. P. F. (2007b). *Políticas públicas culturais de inclusão de públicos especiais em museus*. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. Recuperado em 14 de março de 2016 em [https://www.google.com.br/search?q=Pol%C3%ADticas+p%C3%ABlicas+cultu
rais+de+inclus%C3%A3o+de+p%C3%ABlicos+especiais+em+museus.&aq=Pol%
C3%ADticas+p%C3%ABlicas+culturais+de+inclus%C3%A3o+de+p%C3%ABlico
s+especiais+em+museus.&aq=chrome..69i57j0.6716j0j7&sourceid=chrome&ie
=UTF-8](https://www.google.com.br/search?q=Pol%C3%ADticas+p%C3%ABlicas+culturais+de+inclus%C3%A3o+de+p%C3%ABlicos+especiais+em+museus.&aq=Pol%C3%ADticas+p%C3%ABlicas+culturais+de+inclus%C3%A3o+de+p%C3%ABlicos+especiais+em+museus.&aq=chrome..69i57j0.6716j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8)
- Turismo de Portugal, I.P. (2014). *Guia de Boas Práticas de Acessibilidade - Turismo Ativo*. Federação Portuguesa de Desporto para pessoas com deficiência. Recuperado em 22 de abril de 2016 em [http://www.turismodeportugal.pt/PORTUGU%C3%8AS/TURISMODEPORTUGAL
/PUBLICACOES/Documents/Guia%20de%20boas%20praticas%20acessibilidade
%20turismo%20ativo.pdf](http://www.turismodeportugal.pt/PORTUGU%C3%8AS/TURISMODEPORTUGAL/PUBLICACOES/Documents/Guia%20de%20boas%20praticas%20acessibilidade%20turismo%20ativo.pdf)

ANEXOS

ANEXO 1 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO SEMIESTRUTURADA

IPLEIRIA – MESTRADO EM COMUNICAÇÃO ACESSÍVEL
Cidadania Cultural: pensando a acessibilidade para todos os ambientes culturais

GRELHA DE OBSERVAÇÃO **Acessibilidade a partir das dimensões definidas por Sasaki**

Espaço Cultural de Observação: _____

Unidade de observação: _____

Responsável pela unidade: _____

Data: _____

	NÃO UTILIZA	UTILIZA	SUBSTITUI
ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA			
Porta dentro das Normas Técnicas			
Rampa com inclinação adequada			
Corrimão			
Plataforma			
Faixa sinalizadora de degrau			
Elevador			
Banheiros feminino e masculino adaptados			
Sanitário adaptado			
Pias em alturas adequadas			
Maçanetas de fácil manipulação			
Torneiras de fácil manipulação			
Descarga de fácil manipulação			
Barras de apoio			
Guia(cordão) de segurança nos banheiros			
Bebedouros adaptados			
Espaço de manobra para cadeiras de rodas			
Pisos não escorregadios			
Balcão baixo e inclinado			
Piso tátil			
Guias			
Toten inclinado e com medida correta			

	NÃO UTILIZA	UTILIZA	SUBSTITUI
ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA			
Vagas de estacionamento com maior área de transferência			
Salas adequadas para oficinas			
Mobiliário adequado para oficinas			

Outros registros de interesse:

	NÃO UTILIZA	UTILIZA	SUBSTITUI
ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL			
Mapa tátil			
Audioguia			
Piso tátil			
Identificações em braile			
Identificações em letras ampliadas			
Identificações com contraste			
Audiodescrição			
Intérpretes de língua de sinais			
Legendas em <i>close caption</i> em vídeos apresentados			
Autorização para tocar nas obras			
Réplicas das obras para serem tocadas			
Painel em Braille e áudio nos elevadores e postes			
Painel em Braille e áudio nos postes próximos ao local			
Folheto em leitura fácil			
Roteiro em leitura fácil			
Folheto em pictograma			
Roteiro em pictograma			
Material apropriado para distintas faixas etárias			
Site adaptado para pessoas com deficiência visual			
Site adaptado para surdos			

Outros registros de interesse:

	NÃO UTILIZA	UTILIZA	SUBSTITUI
ACESSIBILIDADE METODOLÓGICA			
Plano de trabalho adequado à todas as pessoas			
Currículos das oficinas adequados para pessoas com deficiência visual			
Currículos das oficinas adequados para pessoas com deficiência Auditiva			
Currículos das oficinas adequados para pessoas com deficiência Intelectual			
Currículos das oficinas adequados para pessoas com baixa literacia			
Mediações por meio de tecnologia assistiva			

Outros registros de interesse:

	NÃO UTILIZA	UTILIZA	SUBSTITUI
ACESSIBILIDADE INSTRUMENTAL			
Equipamentos Multimídia			
Laboratório de informática com softwares específicos			
Teclados em Braille			
Máscaras para teclado que facilitam o acesso aos usuários com pouca coordenação motora e/ou mobilidade reduzida			
Mediação de profissionais aptos a prestar auxílio, quando necessário			

Outros registros de interesse:

	NÃO UTILIZA	UTILIZA	SUBSTITUI
ACESSIBILIDADE ATITUDINAL			
Capacitação e sensibilização da Direção para as questões de acessibilidade para todas as pessoas			
Capacitação e sensibilização equipe Administrativa para as questões de acessibilidade para todas as pessoas			
Capacitação e sensibilização da equipe de Formação para as questões de acessibilidade para todas as pessoas			
Capacitação e sensibilização da equipe de Recepção para as questões de acessibilidade para todas as pessoas			
Capacitação e sensibilização da equipe de Serviços gerais para as questões de acessibilidade para todas as pessoas			
Oferta de formação em LIBRAS			
Oferta de formação em Braille			
Oferta de formação em Audiodescrição			
Oferta de formação em acessibilidade arquitetônica			
Oferta de formação em legislação sobre acessibilidade.			

Outros registros de interesse:

	NÃO UTILIZA	UTILIZA	SUBSTITUI
ACESSIBILIDADE PROGRAMÁTICA			
Estatuto cita ou baseia-se na igualdade de oportunidades entre todos.			
Regimento interno norteia para inexistência de barreiras			
Editais indicam a obrigatoriedade de acessibilidade nas propostas a serem apresentadas			

Outros registros de interesse:

ANEXO 2 – GUIÃO DE ENTREVISTA



Mestrado em Comunicação Acessível

Orientadora: Jenny Gil Sousa

Coorientadora: Carla Sofia Costa Freire

Discente: Dilma de Andrade Negreiros – Matrícula 1150983

GUIÃO DE ENTREVISTA

- Como seguiu as diretrizes para tornar o Museu/Espaço Cultural acessível?
 - Com base na literatura?
 - Com base em estudo de percepção por parte de públicos específicos?
 - Foram contatados especialistas nesta área? Se sim em que sentido? Para quê?
- Quais os parâmetros/indicadores/aspectos/características tidos em conta no âmbito da acessibilidade?
- Houve alguma avaliação final dos níveis de acessibilidade que fosse feita?
 - Por parte de especialistas?
 - Por parte dos visitantes com e sem deficiência?
 - Por parte dos técnicos?
- Houve alguma formação, ao nível da acessibilidade, dada aos técnicos do museu?
- Os recursos financeiros foram viabilizados de que maneira?
 - Por recursos próprios?
 - Por financiamento público ou privado?
 - São contínuos ou intermitentes?
- Criaram algum relatório/artigo/documento escrito relativamente a todo o processo de criação de soluções acessíveis para este espaço? Se sim podem facultar?
- Ainda integra a equipe responsável pela acessibilidade do museu?
- Que orientação daria aos gestores de espaços culturais de pequeno e médio porte, como o primeiro passo para o início do processo de acessibilidade?

ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A JOSÉLIA NEVES



Mestrado em Comunicação Acessível

Orientadora: Jenny Gil Sousa

Coorientadora: Carla Sofia Costa Freire

Pesquisadora: Dilma de Andrade Negreiros – Matrícula 1150983

Dados advindos da entrevista realizada com Josélia Neves, *Expert* em Acessibilidade, responsável pela implantação do Projeto de Acessibilidade do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB).

- Como seguiu as diretrizes para tornar o Museu/Espaço Cultural acessível?
 - Com base na literatura?
 - Com base em estudo de percepção por parte de públicos específicos?
 - Foram contactados especialistas nesta área? Se sim em que sentido? Para quê?

A minha pesquisa em Museus Acessíveis durou 2 anos e deu-se na forma de um Pós-Doc, levado a cabo em Londres, no Imperial College of London. O meu projeto então visou visitar o maior número possível de museus, na Europa e no mundo (foram 65 no total), e entrevistar profissionais e usuários, com vista a colher as melhores práticas de comunicação acessível nesses locais. Ao recolher essas boas práticas, determinei um conjunto de parâmetros que foram depois aplicados e testados no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB) em Portugal.

- Quais os parâmetros/indicadores/aspectos/características tidos em conta no âmbito da acessibilidade?

A abordagem seguida no MCCB foi uma de Design Universal – partindo do princípio de que TODOS os visitantes têm necessidades específicas. Houve também o cuidado de não haver abordagens eletivas; ou seja, nada foi feito “para... cegos, surdos...”. Tudo foi criado e disponibilizado para que qualquer pessoa, com ou sem deficiência, possa utilizar e fruir das

várias soluções oferecidas. A abordagem foi também holística. Todas as componentes do museu – da arquitetura, ao design, à abordagem curadora, à comunicação – foram desenvolvidas tendo em conta parâmetros de acessibilidade.

- Houve alguma avaliação final dos níveis de acessibilidade que fosse feita?
 - Por parte de especialistas?

SIM – O museu foi avaliado por peritos nacionais e internacionais, o que levou à atribuição de vários prémios nacionais e internacionais.

- Por parte dos visitantes com e sem deficiência?

SIM – todo o projeto foi desenvolvido com uma abordagem de investigação-ação em parceria com inúmeras pessoas e instituições implicadas na realidade museológica (ex. DGPC; Acesso Cultura); e na componente da Deficiência (INR, Associações de Cegos, Associações de Surdos). Estes “parceiros” desenvolveram múltiplas ações de avaliação, trazendo pessoas a visitar o museu e colhendo pareceres individuais que reverteram para o melhoramento das condições de acesso existentes.

- Por parte dos técnicos?

SIM – todo o trabalho foi igualmente partilhado e acompanhado por técnicos e peritos que fizeram múltiplas avaliações durante e após o processo.

- Houve alguma formação, ao nível da acessibilidade, dada aos técnicos do museu?

SIM – os técnicos do museu foram implicados em todo o processo desde o início e receberam formação detalhada sobre como receber visitantes com necessidades específicas.

- Os recursos financeiros foram viabilizados de que maneira?
 - Por recursos próprios?
 - Por financiamento público ou privado?

O MCCB foi montado com financiamento da autarquia local – Câmara Municipal da Batalha – e com fundos nacionais e da União Europeia.

- São contínuos ou intermitentes?
- Criaram algum relatório/artigo/documento escrito relativamente a todo o processo de criação de soluções acessíveis para este espaço? Se sim podem facultar?

São vários os documentos a dar conta da criação deste Museu. Seguem em anexo.

- Ainda integra a equipe responsável pela acessibilidade do museu?

Perante a minha distância geográfica, o meu envolvimento hoje dá-se apenas na qualidade de Conselheira Científica e Técnica na área da acessibilidade. Sempre que há necessidade de qualquer alteração/adição no museu os técnicos fazem uma consulta para garantir que os parâmetros de acessibilidade estão cumpridos.

- Que orientação daria aos gestores de espaços culturais de pequeno e médio porte, como o primeiro passo para o início do processo de acessibilidade?

Em primeiro lugar é essencial compreender a missão do Museu e questionar como a acessibilidade pode contribuir para essa missão. É necessário implicar a administração nesse processo de questionamento para que o interesse na oferta de soluções de acesso passe a ser institucional e inerente à governança do espaço. Envolver todos os elementos da equipa museológica num diálogo aberto que leve à determinação da abordagem que melhor se adequa ao perfil do espaço cultural e aos perfis dos visitantes existentes espectáveis.

Avaliar criteriosamente as condições existentes – envolver diferentes agentes (com e sem deficiência) neste processo.

Planear em detalhe as alterações/soluções a implementar – envolver diferentes agentes neste planeamento.

Determinar prioridades – na eventualidade de não poderem ser feitas todas as modificações.

Avaliar a exequibilidade das propostas em termos financeiros, de execução, de aplicação no espaço, e na utilização e durabilidade.

Desenvolver soluções de forma faseada tendo o todo sempre em mente – assim garante-se que todas as peças se podem reunir num conjunto lógico e complementar.

Implicar os usuários em todas as fases do desenvolvimento dos produtos – ex. ter pessoas cegas na equipa que esteja a desenvolver os audioguias.

Garantir parâmetros elevados de qualidade através da adjudicação dos serviços a equipas experientes e qualificadas.

Desenvolver os materiais em fases cíclicas de planeamento, desenvolvimento, avaliação e melhoramento até que sejam atingidos os parâmetros ideais.

ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A AMANDA TOJAL



Mestrado em Comunicação Acessível

Orientadora: Jenny Gil Sousa

Coorientadora: Carla Sofia Costa Freire

Pesquisadora: Dilma de Andrade Negreiros – Matrícula 1150983

Dados advindos da entrevista realizada com Amanda Tojal, *Expert* em Acessibilidade, responsável pela implantação do Programa Educativo para Públicos Especiais na Pinacoteca de São Paulo.

D – Vamos lá. Ai, ai. Falando com minha referência bibliográfica, Amanda Tojal. (Rsrsrs)

A – Sou mais um grão de areia nesse grande oceano da inclusão, como diz Josélia, né? Nós estamos presentes todas aqui nesse momento e temos o mesmo valor em nossa missão!

D – Obrigada. Então, como é que em relação a esses museus, à essas consultorias, esses trabalhos todos que você fez, pioneiros aqui no Brasil, né, de implantação desses programas que nem é projeto é programa porque isso continua, né, de acessibilidade em vários grandes espaços culturais como é que você seguiu assim no início. O primeiro foi... nesse primeiro trabalho que você fez como é que você seguiu, assim? Você seguiu as diretrizes pra tornar esse museu, esse espaço acessível. Seu primeiro trabalho seu primeiro grande trabalho foi o quê? Com base em Literatura com base em estudos de recepção dos públicos específicos? Ah eu vou eu quero trabalhar porque eu tenho um público com deficiência visual e vou trabalhar para isso eu quero fazer isso né.

A – Como é que foram os primórdios, e como eu me programei para que isso se transformasse em vários programas e várias ações.

D – Isso. Se você contactou especialistas na área ou se você se atirou para fazer isso.

A – Então é uma história. Você me contou uma série de histórias

da sua trajetória que é uma coisa fantástica, eu não sabia e fiquei maravilhada. A minha trajetória começa em 1991 no Museu de Arte Contemporânea da USP que hoje não tem projeto nenhum de acessibilidade tudo foi abandonado, tudo foi deixado para quem sabe um dia ser ressuscitado.... Quantos anos se passaram do início desse primeiro projeto inovador que começou com a parceria entre eu e a educadora Mariangela Francoio.

Eu entrei no MAC da USP no ano de 1988, prestei um concurso para ser educadora do MAC, um Museu universitário.

A diretora naquela época era a grande educadora de arte Ana Mae Barbosa, ela queria que todos os educadores do Museu fizessem pesquisa e pesquisa de Mestrado. Nós tínhamos que entregar para ela uma pesquisa ela ia nos orientar. Eu não sabia bem que pesquisa desenvolver até o nascimento da minha sobrinha com deficiência intelectual. E, afinal esse novo membro da minha família passou a fazer parte também da minha vida. Uma família que nunca teve deficiência e aí nasce a menina e a família toda vira de cabeça pra baixo. Essa situação, pode, a princípio parecer uma tragédia, mas afinal acaba abrindo portas para uma nova forma de pensar e de agir. Comecei a perceber então que as pessoas com deficiência eram muito estranhas em espaços culturais. Meus colegas sempre diziam, que não sabiam como lidar com isso. Todos tentavam “empurrar” esses casos para os educadores que tinham alguma experiência com pessoas com deficiência. Eu falava assim: puxa, mas eu tenho uma pessoinha na minha família com deficiência e eu não vou atender? Eu vou. Eu vou dar a cara pra bater. Eu quero saber o que tá acontecendo. E aí começa essa vontade de pesquisar quem é esse outro público. Esse não público que não ia e também não tinha nenhum incentivo para ir. Foi assim que eu resolvi elaborar um programa o “Museu e a Pessoa com Deficiência” no MAC da USP. Mas, pra montar esse programa o que eu tive que fazer? A primeira coisa que você me perguntou. Eu tive que dar a cara pra bater e ir na prática. Eu não sei lidar com a criança com paralisia cerebral, eu vou para AACD e faço um estágio lá. Eu não sei lidar com a criança surda ou um jovem surdo eu vou para uma instituição de surdos e aí vou ver como é que se faz e eu não sei lidar com cegos, vou procurar quem trabalha com cegos na USP na Universidade de São Paulo. E eu descobri que na Geografia da USP havia uma Educadora maravilhosa que fazia mapas táteis. Ela trabalhava no setor que a gente chamava de setor de atendimento de relevo de mapas e

que levava para as escolas para as crianças entenderem pelo menos o que era o mapa do Brasil. Era Instituto de Cartografia Tátil, que se chamava. Aí comecei a fazer essa pesquisa um pouco aqui, um pouco ali e pensei, não atender à só um tipo de deficiência. Eu quero abrir um programa para várias deficiências. Nesse momento eu me juntei a uma estagiária que acabou por ser minha companheira para toda a vida nesse trabalho, Margarete de Oliveira, que naquele tempo era estagiária de Letras da Universidade.

Esse programa implantou as Exposições Toque Revelador. Eu tive a permissão da Diretoria de ter um espaço só de exposições especializadas para atendimento de acessibilidade. Naquela época, foi em 1992, Ana Mae Barbosa Permitiu que eu desenvolvesse essas exposições e também as ações educativas que fazíamos com públicos com deficiência de todas as idades de diversas instituições da capital e de outras cidades do Estado de São Paulo.

Outros diretores vieram e eles concordavam em que o programa continuasse. Eles falavam assim: “Bom, em time que tá ganhando não se mexe. Amanda continua. E eu fui assim até o ano de 2002 quando aí uma diretora realmente resolveu acabar com tudo, porque ela queria começar tudo do zero. Aí eu peço demissão da USP. Aí eu saio e vou para Pinacoteca do Estado de São Paulo. Comecei então o meu segundo programa para públicos com deficiência o PEPE(Programa Educativo Públicos Especiais), apoiado pelo então diretor Marcelo Mattos Araujo e pela educadora e coordenadora do Núcleo de Ação Educativa, Mila Chiovatto.

A partir da minha experiência com o programa do MAC USP, decidi organizar esse programa fundamentado em três conceitos básicos. Existem três itens de acessibilidade que tem que ser contemplados quando a gente trabalha com ação educativa para público com deficiência. Primeiro, acessibilidade física – O museu tem que permitir que você entre e saia e que tenha o mínimo de acessibilidade e mobilidade física. Então isso é importante. A Pinacoteca já tinha isso porque havia feito uma reforma há poucos anos antes de eu entrar. A segunda, você tem que ter uma acessibilidade Comunicacional. As exposições têm que falar para todos. É uma dificuldade enorme porque Curador nenhum quer que você interfira na curadoria. Então, o que que eu falei: na Pinacoteca eu vou construir um carrinho. Esse carrinho vai ser a minha curadoria. Um carrinho de acessibilidade. Dentro dele vai ter uma porção de coisas. Só que o educativo é que tem que carregar esse carrinho e levar o público

junto. Então eu armo o carrinho, tiro todos os materiais de acessibilidade lá de dentro, guardo tudo e guardo dentro do setor de educação e a exposição fica intacta já que o curador não quer mexer na exposição eu vou criar e carrinho móvel que é a curadoria móvel, esse carrinho multissensorial foi implantado na Pinacoteca. Enfim, o terceiro conceito, o conceito da acessibilidade atitudinal. Esse conceito implica em orientar e formar pessoas que possam multiplicar a importância da acessibilidade em todos os níveis da nossa sociedade. É isso que você quer fazer com o guia. É a formação. Então eu abri um curso que chama Ensino da Arte na Educação Especial Inclusiva. Esse curso existe até hoje. É um curso semestral que todo ano é oferecido para o público geral e para os funcionários do museu. A Pinacoteca oferece também um curso de formação interna chamado Consciência Funcional coordenado pela educadora Maria Stella Silva. Participamos desse programa ministrando um mini curso aos funcionários inclusive introduzindo conhecimentos básicos de LIBRAS para eles.

Sempre que me chamam para uma consultoria eu falo que é fundamental desenvolver esses três conceitos: acessibilidade física, acessibilidade comunicacional e atitudinal. Eu preciso trabalhar com formação, com recursos de acessibilidade e aí entra a audiodescrição também. Para começar um programa o espaço tem que estar minimamente acessível fisicamente.

D- Você pega das dimensões do Sasaki e trabalha com elas...Eu acho que a atitudinal é mega importante, mas se a gente conseguir uma equipe com essa questão da atitude forte... que pudesse trabalhar a acessibilidade programática também, seria um avanço... E eu vou muito por isso por ser militante e mexer muito com essa questão da legislação. Se uma equipe gestora que entenda que a questão da acessibilidade é importante, conseguisse mexer nos estatutos desses espaços, colocasse e aprovasse isso no papel, a próxima gestão não mexeria, daria continuidade de forma obrigatória entende? Porque eu sinto tanto essa quebra de um processo tão importante, que é importante pra todo mundo, devido às parcerias que surgem e das ingerências que acontecem nos programas por conta de política partidária, de indicação política de gestores que não conhecem, não respeitam e não compreendem que os ambientes culturais são para todo mundo.

D- Vamos a próxima pergunta. Quais os parâmetros indicadores, aspectos, características que tomou por base?

A – Os parâmetros são esses três porque a acessibilidade física ela, hoje, pela BNT é obrigatória você não pode construir um espaço público que não tenha um mínimo de acessibilidade física. Já existem essas regras, essa Norma, já está normatizado isso. E alguns estados realmente avaliam isso senão, não dão habite-se. Creio que essa Norma já está em evidência na maioria dos estados do Brasil. Mas temos que de certa forma fiscalizar isso..... Já os dois outros conceitos de acessibilidade não fazem parte dessa norma, e só é aplicado na instituição que quiser. Aí vai depender de se acreditar ou não nessa questão. Minha sugestão seria você reforçar a importância dos projetos incluírem os três conceitos de acessibilidade no seu guia.

Enfim, temos que desenvolver sempre um trabalho interdisciplinar com os três conceitos de acessibilidade sendo desenvolvidos concomitantemente.

D – Houve uma avaliação dos níveis de acessibilidade que fossem feitas, desses trabalhos que você fez...

A – Posso focar a Pinacoteca foi aonde eu fiquei mais tempo. Eu fiquei nove anos lá.

D – Mas, eu gostaria muito que você falasse também depois do Museu do Futebol;

A – Todos eles tiveram avaliações e têm avaliações permanentes.

D – Por especialistas ou por visitantes com e sem deficiência, por parte dos técnicos, dos próprios técnicos.

A – A avaliação que eu implantei foi a avaliação de público. Por exemplo, sempre que há uma visita de público na Galeria Tátil da Pinacoteca que é uma galeria que dá autonomia para o público com deficiência visual, ele recebe um formulário de avaliação pra ele dizer o que achou. Para o público surdo também, foi contratada uma Educadora surda. Porque isso é muito importante dentro do conceito de acessibilidade atitudinal, você ter profissional com deficiência na equipe. Então essa questão da contratação do educador surdo já tem no MAM, já tem no Instituto Cultural Itaú, já tem na Pinacoteca. Tem outros museus que já estão colocando esse educador surdo dentro da equipe de profissionais. Isso

é importante. O educador surdo faz a avaliação com o público surdo. Ele prepara o relatório e faz esse questionário de avaliação. O público surdo está sendo bem atendido. É o educador surdo que está preparando a ação educativa para atender esse público. Isso é o que ocorre permanentemente estamos fazendo esse tipo de avaliação. E fazemos também a avaliação com o público com deficiência intelectual, mas é uma avaliação diferenciada é uma avaliação que você mostra objetos e eles respondem o que que eles acham, se está sendo bom, se eles estão gostando, se eles entenderam. Nesse caso, gente faz uma avaliação mais com desenhos a gente usa muito a imagem para fazer essa avaliação com o público com deficiência intelectual. É muito interessante. Outro exemplo foi a implantação de um programa em um museu particular em Jaraguá do Sul, Santa Catarina, o museu de Ciencia e Tecnologia da WEG. Nesse museu, além do trabalho de acessibilidade comunicacional desenvolvemos 4 tipos de questionários destinados aos públicos com deficiência visual, auditiva, intelectual e física. Foi um trabalho também muito bom!

D – Mas, tem uma avaliação para as pessoas? Por exemplo, para os técnicos você faz uma...uma capacitação, um treinamento inicial com a equipe. E aí existe um trabalho? O trabalho continua...Na Pinacoteca foi mais fácil porque você continuou lá dentro.

A – Sim, sim.

D – Então era uma equipe e você avaliava junto com a equipe.

A – É eu tinha obrigação de avaliar porque a instituição nos dava avaliações anuais. Nós temos que avaliar a equipe e sermos avaliados, inclusive. Isso é uma dinâmica dos recursos humanos da instituição. Isso a gente faz, agora o que a gente focava era a avaliação do público. Eu não focava na avaliação assim direta dos meus técnicos. Nós trabalhávamos muito essa dinâmica fazíamos avaliação entre nós, mas de uma maneira mais informal. A avaliação mais formal era a avaliação de público.

D – Era isso que eu estava perguntando, a avaliação de público. Na verdade, você cria um mecanismo de trabalho, uma metodologia de trabalho para fazer essa mediação e aí, você também como profissional fica o tempo todo avaliando pra ver...

A – Mas isso não foi formalizado em um documento, em um questionário de avaliação. Que é uma coisa que seria muito bom fazer também. O que a gente formalizou foi essa avaliação permanente do público.

D – Que é para ter esse feedback se o que você projetou, se está dando resultado.

A – A gente criou inclusive relatórios muito específicos. Relatório para o público cego, relatório para o público com deficiência intelectual, relatório para o público surdo, relatório para o público com deficiência física. E esses relatórios a gente tem, esses questionários. A gente avalia e tabula isso. Tanto de uma forma qualitativa quanto quantitativa também, né. Então a gente faz esses relatórios, mas da equipe não. Da equipe fica uma avaliação mais informal. Isso não significa que a gente não deveria desenvolver isso, né. Quem sabe você também passa a pesquisar uma coisa assim.

D – Aqui, acho até que você já me respondeu. A próxima pergunta seria: houve alguma formação a nível da acessibilidade dada aos técnicos do museu?

A – Isso tem. Tem tanto uma formação para o público que se inscreve e vai pra lá para ter a Pinacoteca como referência e faz a formação nesse curso Ensino da Arte na Educação Especial Inclusiva como a gente também tem esse tipo de formação para o Programa de Consciência Funcional que existe dentro da Pinacoteca. Hoje, eu acho que a Pinacoteca é o único museu que tem uma educadora que trabalha com consciência funcional. Ela trabalha exatamente nos bastidores, ela trabalha com os funcionários do museu, orientando, desenvolvendo projetos de formação para os funcionários que trabalham com recepção, para os orientadores de sala, porque um museu não tem somente educadores que atendem o público não é mesmo? São mediadores, mas são de recepção, eles não são educadores. Estão ali para acolher e dar o atendimento inicial ao público. Então, esse trabalho, o projeto PEPE vai e trabalha com a acessibilidade. Dá cursos, contrata serviços de terceiros para fazerem cursos de LIBRAS. Mas não é bem LIBRAS, é um curso de orientação da Cultura Surda para eles entenderem quem é o surdo. Ninguém sai falando LIBRAS. Temos que orientar os profissionais e não esperar que todos saiam fazendo LIBRAS....

Então a gente fala um pouco sobre Cultura Surda. Quais são os sinais importantes saber dizer “bom dia”, “boa tarde”, “o que você precisa” ou então, “um minuto que vou chamar o

Educador para vir aqui te atender”, né. Orientar o funcionário ao fazer os primeiros contatos, usar uma prancheta, se necessário, e compreender as necessidades desse público ao entrar no museu. Então a gente faz uma formação básica para que esses funcionários de recepção possam fazer um atendimento mais acolhedor. E é muito importante.

D – Recursos financeiros foram viabilizados de que maneira? Com recursos próprios? Porque as vezes é uma fundação ou um Centro Cultural como o Itaú ou o Centro Cultural do Banco do Brasil, por exemplo. Esses lugares têm recursos próprios. Por financiamento público ou privado? E se esses financiamentos são contínuos ou intermitentes? É para um programa só? Só para aquilo? Implantou e tchau...

A – Então, o que acontece quando você está em uma instituição de grande visibilidade como a Pinacoteca e o Museu do Futebol. Existe uma equipe que trabalha exatamente a captação de recursos. É o que a gente tinha ali. Isso não acontece com os Pontos de Cultura e nem com o meu projeto pessoal da Exposição Sentir pra Ver. Eu vou ter que correr atrás muito e muito. Uma Pinacoteca tem patrocínio todo ano. Existe uma facilidade ali, dentro da Lei Rouanet, dentro dos PROACs e PRONACs. A gente prepara todo ano um projeto e entrega na mão dos profissionais de captação de recursos. Projetos socioeducativos e inclusivos são os primeiros que são aceitos pelos patrocinadores. Eles querem mostrar que têm trabalhos preocupados com a questão socioeducativa. Então, é impressionante, a gente consegue fazer e acontecer. E aí os resultados são ótimos. Porque as ações são sempre patrocinadas. O curso é patrocinado, os recursos de acessibilidade são patrocinados. Há cobrança de ingressos, também. O que não acontece quando os projetos são sociais e não tem essa visibilidade. Infelizmente, essa é a verdade, a Lei Rouanet está muito mais disponível para os grandes patrocinadores e grandes Museus do que para nós, os pequenos. Hoje eu sou pequena. Hoje eu sou uma instituição de pequeno porte que tem um trabalho socioeducativo e que luta muito e com muita dificuldade para encontrar algum patrocínio. O que não deveria ser. Devia ter um incentivo para os pequenos da mesma forma que existe o incentivo para as empresas receberem pessoas com deficiência. E deveriam incentivar muito mais. Os menores estão ali na base, atendendo as comunidades mais carentes, mais vulneráveis.

D – Disso tudo que você fez e que faz nesses grandes centros, você chegou a criar artigos? Algumas coisas eu já li, já pesquisei mais relacionadas com sua tese. De cada programa desse que você implementou tem relatório publicado? Tem material que pode ser acessado para a gente consultar?

A – Dou como exemplo a minha tese de Doutorado que descreve e analisa as políticas públicas de inclusão em espaços culturais , além de apresentar relatos de experiência em museus do interior de São Paulo, Pinacoteca de São Paulo e outros museus na França.

Infelizmente, o Programa para Públicos com Deficiência e as exposições O Toque Revelador foram suspensos há muitos anos.

Na Pinacoteca o Programa PEPE é permanente e tem crescido muito nos últimos anos....independentemente de eu estar lá, independe da Margarete Oliveira estar ou da coordenadora Gabriela Aidar. É um programa institucional e muito valorizado na instituição. É um programa que tem visibilidade e traz visibilidade para o museu, uma referência muito positiva. Essa referência dá crédito ao trabalho sociocultural e educativo ao museu e atrai patrocínios para a instituição.

Quando eu me desliguei da Pinacoteca para trabalhar como consultora de acessibilidade, reuni todos os meus artigos e pesquisas em um site. Essas publicações estão disponíveis para download.

D – Qual é o site?

A – www.arteeinclusao.com

Cada vez que temos uma experiência, deveríamos escrever um artigo relatando. Seja a experiência boa ou ruim, mostrando todas as qualidades e exemplos que deram certo e...e todas as dificuldades. Projetos nem sempre nos trazem satisfação e muitas vezes no decorrer do processo ficam inacabados. Acredito que ter a coragem de mostrar as dificuldades ensinam muito a gente a analisar e repensar as nossas práticas. Eu deveria escrever sempre. A gente não pode parar de escrever.

D - Me fala, por favor, um pouco da sua experiência no Museu do Mar um pouco por ordem cronológica Pinacoteca, Museu do Futebol...

A – É uma trajetória de acertos e erros e de coisas que foram pra frente e coisas que não foram. Alguém de nosso encontro falou isso, muitas vezes as instituições nos chamam porque elas tem obrigatoriedade, porque elas receberam o apoio de edital e, graças à Deus, o edital diz que é preciso colocar acessibilidade. Então, o que elas fazem, um mínimo de acessibilidade só para constar que existe. – Ah, eu quero só uma audiodescrição e pronto. Então eu digo: uma audiodescrição e pronto só eu não faço. Vocês estão me chamando mas eu quero implantar um mini programa, mas, tem que ser um programa. Não é só dizer que tem audiodescrição na portaria para pessoa ouvir um conteúdo qualquer e voltar dali. É como alguém falou: eu fico sentado no sofá e escuto o o texto curatorial que tem na parede. Mas, não é isso que a gente quer. A gente quer que a pessoa entre e usufrua os conteúdos que estão no museu. Os visitantes tem o direito de viverem um experiência estética ou terem uma participação efetiva nesses locais e não somente ouvirem informações!

Informação você pode por no site. O que a gente costuma fazer, a gente planeja e implanta. E essa implantação vai depender da continuidade da instituição. Eu não fico mais lá. Eu implanto, faço a formação e saio. Em alguns casos, os resultados pós implantação foram muito bons. Por exemplo, implantei projetos em museus do interior da Secretaria de Estado da Cultura e esses programas estão sendo desenvolvidos pelos educadores desses museus.

Isso eu tenho orgulho de dizer. Em Brodoski, que é uma cidade muito pequena no interior de São Paulo, no Museu Casa de Portinari o programa foi implantado e tem continuidade. No Museu de Tupã, o Museu Índia Vanuíre que é um museu sobre a cultura indígena local e sobre a história da cidade no noroeste de São Paulo, também. O setor educativo leva a sério e promove atividades e encontros sobre o tema da inclusão e recebe o público permanentemente. Existe uma questão atitudinal presente nessas instituições e ultrapassam a ação educativa e permeia todas as intâncias museológicas. Na Pinacoteca do Estado de São Paulo, ocorre a mesma coisa. No Museu do Futebol além de ter sido implantado, hoje, é também uma referência em acessibilidade e experiências inclusivas! O Educativo deu conta e foi além. Nossa! Eu vou aprender com eles. Eu preciso aprender com eles. É quando o discípulo fica melhor do que o mestre. Excelente! Eu fico muito orgulhosa disso.

No MAR, Museu de Arte do Rio, havia um programa muito interessante que tinha que ser dado conta. Que tinha que levar adiante. E, eu implantei e ficou na mão do educativo, né?

Eu não sei se educativo deu conta mas eu estou achando que precisa dar mais conta. As coisas ficaram paradas e não foram a diante. A mesma coisa no Museu do Amanhã eu acho que tem que levar adiante isso. Pegar esse compromisso e levar de uma forma atitudinal adiante. Há momentos em que você vê continuidade e as vezes você não vê. Mas, eu acho que tudo é possível continuar mesmo o que parou. Mesmo no MAC que parou e que está a mais de 10 anos parado, os materiais de acessibilidade estão lá guardados é só retomar, é só tirar do baú e dar continuidade de um outro jeito, com a cara dos tempos de hoje.

D – Nos museus do Rio de Janeiro, o Museu do MAR, o Museu do Amanhã, eu visitei os dois e a gente percebe que está parado, que não tem o cuidado que deveria ter. Eu visitei o MAR com uma outra colega que foi estagiária inclusive no Museu da Batalha e com outra colega do educativo que também é Especialista em Acessibilidade e que está fazendo Mestrado na área. Mas, que está muito sofrida porque não vê a continuidade do trabalho, a qualidade que deveria ser implementada e mantida.

A – Interessante é que eles contratam o educador que tem essa especialidade, inclusive fez curso nessa área. Tanto na área de pesquisa na área acadêmica quanto na prática e não dão chance desse educador tocar pra frente o trabalho.

D – E ela está fazendo o Mestrado e está muito feliz e fazendo o trabalho do educativo muito interessante porque está indo fazer a formação de público, a sensibilização do público com deficiência intelectual nas escolas. Então leva tudo o que é referente às exposições que têm dentro museu, cria um programa, levam para escola, sensibilizando para levar as crianças para o museu. É bastante relevante, bem interessante.

A – O museu vai à escola. É um ótimo projeto. Uma ação extra museu, extra muros e que depois volta com o público ao museu. Excelente!

D – A sua experiência com o Museu do Futebol que foi desde a base. Fale um pouco dele, por favor.

A – Nunca abandonaram. Da mesma forma que na Pinacoteca, nunca abandonaram. Acho muito importante você ir visitar. Foi uma semente que eu plantei e que foi embora sozinha. É igual aquele filho que a gente cria. O filho não é da gente, é do mundo, é da vida.

D – O site deles é maravilhoso. Dá vontade de entrar logo no museu.

A – Eu tenho muito orgulho porque eles suplantaram. Foram muito além. E tem outra coisa, me chamam sempre, querem mostrar as coisas para mim, me entrevistam, então, eu me sinto tão acolhida. O carinho...Eu faço parte dessa história. Nossa, isso é uma coisa que só estimula. É gratificante e pra mim continua sendo uma super referência e estou aprendendo com eles agora.

D – Então você já não faz mais parte da equipe de nenhum desses museus? Agora você tem a sua empresa, mas dá consultoria?

A – Eu continuo fazendo parte de uma outra forma, né? Tanto na Pinacoteca quanto no Museu do Futebol eu estou indo sempre e participo dessas conquistas e desses ganhos todos que eles têm.

D - Que orientação daria aos gestores de espaços culturais de pequeno e médio porte, como o primeiro passo para o início do processo de acessibilidade?

A – Então, eu volto a falar sobre a triangulação, do triângulo acessibilidade física, comunicacional e atitudinal. Elas têm que trabalhar juntas. Ah, eu vou resolver a questão atitudinal. Sim, mas você tem que criar elementos e recursos para que as coisas realmente aconteçam, dentro do conteúdo daquele espaço. Podemos dar até o exemplo da produção de um espetáculo de circo. Aí, nós temos que pensar o Circo a partir da implantação desses três conteúdos.: o físico, o comunicacional e o atitudinal em relação à equipe, como é que ela vai atender ao público que vai chegar ali e seus próprios funcionários. Nós temos que trabalhar sempre nessa triangulação. Isso pra mim é fundamental e ter pessoas que tenham o compromisso de seguir isso adiante. Pode ser uma equipe que vai mudando, outras equipes que vão adaptando os projetos por meio da participação do público, se readaptando, que vai se transformando mas, esse núcleo tem que ser educativo. Ele tem que estar sempre presente. Então, tem que ter uma pessoa que vai ser responsável por isso. Não dá para pulverizar essa coordenação, deixar uma pessoa sozinha abraçando vários projetos ao mesmo tempo. Aí, você diz: a equipe toda pensa assim. Mas, espera aí. Tem que ter alguém que lidera isso. Todo trabalho precisa de uma coordenação. Precisa desse ponto de apoio, desse olhar que vai avaliar, vai ter essa questão da avaliação nas mãos, que vai ter que

trabalhar com a formação e ver onde está mais frágil e o que tem que desenvolver. Vai buscar editais, patrocínios, consultorias de pessoas com deficiência, instituições especializadas, entre outras.

Nós precisamos de dinheiro para fazer as coisas. Ninguém vive no vazio. Nós vivemos num mundo capitalista. Como é que nós vamos captar? Que tipo de edital nós temos que correr atrás? Acho que esse seu guia, Dilma, tinha que ter dicas de como você pode pesquisar e procurar apoios.

D – A ideia é que a gente faça ele em multiformato. Eu preciso dele físico, em uma linguagem fácil para atender à todas as pessoas não só com deficiência intelectual ou visual mas, o idoso, uma pessoa com baixa literacia, que estudou pouco, não tem uma compreensão... não posso colocar palavras que as pessoas não entendam, não conheçam, que eu afasto. Eu não quero isso. Eu tenho que pensar nesse formato, como ele vai ser. Mas, a ideia também é que a gente crie uma plataforma virtual, que vai ser um site.

A – Assim você vai ter a acessibilidade comunicacional.

D - Para que ele se expanda. O nosso país é muito grande. Que isso tenha uma abrangência maior e também tem isso. Aí nesse espaço a gente também ter essas informações. O que que tem de legislação. E aí, ter a lei comentada facilmente.

A – Perfeito. Quem você pode procurar em sua região...

D – Isso. Quem eu posso procurar para fazer tal serviço? Quem trabalha com isso? Ser um lugar bom para buscar a orientação. Você quer brigar por isso. Você tem direito a fala. Eu estimo muito que as pessoas participem dos fóruns nas cidades e defendam seus direitos. Mas, para essas pessoas poderem falar, precisam ter subsídios, precisam estar munidas para poder falar e se defender.

A – Isso é ter uma preocupação com Políticas Públicas!

D - Se eu tiver a Lei Brasileira de Inclusão, eu tenho que colocar em uma linguagem fácil e dizer para as pessoas colocarem embaixo do braço e irem lutar pelos seus direitos. Eu tenho trabalho para uma vida inteira. (Rsrtrs)

A – Para sua vida, sua encarnação e outras. Esse nosso trabalho não tem fim. Nós estamos dando apenas um caminho pra eles. Porque as coisas também mudam. A inclusão era uma coisa há 20 anos e agora é outra.

D – Não dá para passar por essa vida sem fazer nada, né?

A - Nós estamos aqui para construir esse caminho e incentivar outras pessoas a se unirem a nós e compartilharem essa grande missão – a da inclusão cultural de todos os cidadãos! Parabéns!

D – Muito obrigada!

ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A DAINA LEYTON



Mestrado em Comunicação Acessível

Orientadora: Jenny Gil Sousa

Coorientadora: Carla Sofia Costa Freire

Pesquisadora: Dilma de Andrade Negreiros – Matrícula 1150983

Dados advindos da entrevista realizada com Daina Leyton, Coordenadora dos Programas Educativo e de Acessibilidade do MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo.

A entrevista semiestruturada aconteceu no dia 06 de julho de 2017, na lanchonete do MAM, na presença de Carine Passos e Renata Mansour, duas colegas da pesquisadora, atuantes na área cultural e que têm interesse em conhecer sobre Acessibilidade.

Dilma: esse guião e a carta de consentimento foram enviados por e-mail, mas ela não pode responder, é uma pessoa super ocupada, mas não tem problema eu vou transcrever. ((ri))

Daina: ((risos)) mas eu posso responder. Não valoriza, Dilma. Ainda bem que o curso em Moscou mudou pra setembro, se não nem estaria aqui, imagina.

Dilma: Eu sei. Dei muita sorte de você estar aqui, hoje. A Daina foi minha Professora na Especialização, parceira, guerreira, Fora Temer.

Daina: [Ah, que ótimo. Fora Temer]((risos))

Daina: Tá...

Dilma: E ela vai falar sobre o trabalho, mas o trabalho do Pedagógico, da coordenação dela aqui que é de ponta, é exemplo, é modelo. Vocês viram o que a Margô comentou lá na Pinacoteca, né? Que para o Mestrado dela veio aqui porque o MAM foi o primeiro a ter um educador surdo.

Daina: [Ela fez a pesquisa do mestrado aqui. Ahn, ahn]

Dilma: O trabalho é muito bom. Fiz um trabalho para este Mestrado sobre o MAM, com a Andrea Gurgel e a Daina disponibilizou esse livro Igual Diferente e o vídeo. O nosso trabalho foi um sucesso!

Daina: Você viu que eu escrevi um livro com a Flávia Corpas para Fundação Oi Futuro?

Dilma: Vi alguma informação sobre o lançamento, mas ainda não o peguei pra ler.

Daina: Ele está disponível em PDF na internet, tem o Léo Castilho, e a Carol intérprete. Fizeram tudo em Libras. Tá um material lindo. E é bem assim, bem receita de bolo. Você quer implementar a acessibilidade faz assim, assim...

Dilma: [QUE LEGAL]

Daina: Eu posso até trazer aqui pra vocês darem uma olhada. Quer que eu traga?

Dilma: Sim, sim...

((Tivemos uma falha na gravação no retorno da Daina, onde ela relatava que não havia mais exemplares do livro impresso. Retomamos a partir da primeira pergunta lida por ela no guião de entrevista.))

Daina – E aí eu cheguei para fazer um estágio de Psicologia no MAM, e aqui quis ficar. A primeira vez que eu vim aqui foi em 2000, acompanhando um grupo de internos do Hospital Psiquiátrico do Juquerí/SP. Na época, tinha gente lá que não saía há 30 anos do hospital e aqui eles vinham produzir no Ateliê. E o que me chamou mais atenção foi a questão de que não iam simplesmente como visitantes e, sim, como participantes, como sujeitos criadores. E isso é que é muito legal.

No geral hoje, a acessibilidade caminha a passos largos, se pensarmos nos milênios de exclusão e compararmos com as coisas que estão acontecendo agora...aliás, se agente só for falar do circuito da cultura já, né? Todo mundo se preocupa com isso, tem os cursos as especializações, mesmo os espaços culturais que não têm acessibilidade, ao menos se preocupam com isso. Até falei sobre isso, ontem: se você for pensar, até mesmo os museus novos que já foram criados com base na ABNT da acessibilidade, como é o caso do Museu da Língua Portuguesa, aqui em São Paulo, do Museu do Futebol, eles foram se estruturando com o trabalho forte da Amanda Tojal, recursos muito interessantes que permitem os

visitantes fruïrem aquele museu, focados na questão de visitação. Aqui, hoje a gente olha pra tr s e percebe isso, que começamos pelo lugar da cria o, começamos pelo Ateliê. Então, a convivência com as pessoas que estavam aqui fazendo seus projetos, realizando seu processo de cria o autoral e que resultavam em exposições e tudo mais. Isso   que foi criando a demanda para se pensar a acessibilidade no museu todo. Quer fazer pergunta, Dilma, ou quer que eu v  falando?

Dilma: na verdade a primeira pergunta era essa, n ? Como seguiu as diretrizes para tornar o Museu/Espaço Cultural acessível? Com base em estudo de percep o por parte de públicos específicos? Acho que cabe, aí. Se foi com base na literatura ou se foram contactados especialistas nesta  rea? Se sim em que sentido? Para quê?

Daina: O MAM nasce de um desejo de ser um museu realmente de todos. Quando, em 1996, a Mil  Villela assume a presidência, não havia interesse que o museu fosse um lugar exclusivo, elitista. E estava claro que a educa o seria o mote principal. Que o Museu   um espaço de educa o. E isso muda tudo, n ? O Programa Igual Diferente começou sendo um curso na época pago, dentro da programa o dos cursos do MAM. Havia um curso chamado “Prática artística para todos” e começaram a vir pessoas, adultas e crianças, a maioria com paralisia cerebral (ECNP - Encefalopatia Cr nica Não Progressiva). Logo percebemos que uma das premissas para os cursos serem realmente para todos   que eles deveriam ser gratuitos, então passaram a integrar projetos patrocinados via Lei Rouanet. Em 2000, nasceu então um Programa com cursos de escultura, gravura, desenho ...vinha o pessoal do Hospital Juquery, da Casa de Saúde São João de Deus que eram pessoas que estavam em situa o de interna o...

Teve a história com os surdos: o pessoal da Derdic vinha visitar o museu. Eles começaram visitando a exposi o. E aí vinham os alunos com a professora intérprete que não tinha informações sobre museu ou sobre a exposi o, e a educadora do museu que não sabia nada de Libras. E ficava todo mundo tentando se comunicar. E, nessa época, e isso foi bastante interessante, a equipe do educativo do MAM se interessava em conhecer esses novos parceiros potenciais. Então a gente foi até o Juquerí, a gente ia até a Derdic assistia as aulas. Quando a Marisa Szpigel, que era a Coordenadora Pedagógica da época, assistiu uma das aulas ministrada por um professor surdo, ela pensou “  isso!   isso que a gente precisa.

“Porque a qualidade da comunicação é obviamente outra. Sobre isso tem um vídeo e esse livro (Programa Igual Diferente) também conta essa história. Podemos pensar uma formação para esses jovens para que eles possam receber outros surdos. Na época eram os amigos da escola, os amigos mais novos. Depois ficou meio óbvio que não era só uma experiência escolar. Isso é um direito. Um direito da comunidade surda. Aí, eles passaram a ser formados aqui e passaram a ser contratados em diversos espaços: aqui, na Pinacoteca, no Museu do Futebol, no Museu Afro, no Itaú Cultural, entre outros. Daí se transforma toda uma realidade de acesso da Comunidade Surda por conta de um curso de formação que começa no MAM. Essa história ilustra bem o pensamento que eu tinha lá atrás de querer estar num espaço da sociedade, (no caso do MAM uma organização da sociedade civil de interesse público) que haja liberdade de criação para pensar projetos. Que são projetos de educação que podem realmente transformar a sociedade, e aí você pode transformar a realidade de toda uma comunidade, de todas as pessoas.

Daí, bom, respondendo a questão sobre a literatura de referência, primeiro a gente começou com a experimentação mesmo, hoje em dia podemos dizer que as nossas maiores referências, principalmente em acessibilidade, é o Evgen Bavcar, Fotógrafo cego. Tem um texto dele aqui no livro Programa Igual Diferente. Essa reflexão que ele traz de Museu de outra Percepção, nos inspira muito. Tem um curso no Programa do Igual Diferente que chama “Imagem e Percepção”, sobre técnicas de Fotografia e Artes Visuais para pessoas cegas, com baixa visão e não cegas. E essas pessoas não cegas veem como é mais interessante fazer um curso com as pessoas cegas e com baixa visão, primeiro porque a gente vive num mundo de excesso de imagens. As imagens estão banalisadas. Estamos todos com nossos celulares então você falar da intenção fotográfica, de uma imagem construída, quando tem um aluno cego tem mais sentido, fica muito mais claro. E a fotografia, como recorte de tempo e espaço, capta um monte de questões, sensações daquele momento que os cegos trazem, da temperatura de um lugar, da sensação, mesmo da emoção que aquela imagem está trazendo. Por exemplo, para descrever uma imagem a gente tem que sensibilizar o nosso olhar para o mundo. A gente pede para descrever uma cadeira. Ah, uma cadeira, AHN...Uma cadeira marrom, Ahn. E aí, quando você está com os cegos você percebe que tem que dar atenção a essa descrição e a linguagem descritiva ela

vai incrementando o repertório de percepção, de imaginação e por aí vai...Aí tem outras técnicas que o Bavcar trabalha muito com a construção da imagem, no livro tem vários trabalhos com o flash estroboscópico. Outra técnica é o *lighth painting* e nesse ele faz em braille, faz os pontos do Braille com a luz, a etimologia da palavra fotografia que é escrever com a luz.

Voltando ao tema do Museu de outra percepção, Bavcar fala: “porque o museu de outra percepção? Porque os museus são concebidos para um público médio que enxerga, que escuta, que pensa de uma determinada maneira, que tem uma determinada altura. Porque mesmo as esculturas que são tridimensionais elas são pensadas para uma visão frontal? Porque não se explora com o corpo? Porque não pensa outras percepções que poderiam ser pensadas?” E o que ele está falando aí é muito mais profundo do que você vir ver com o corpo e ter uma experiência mais relacionada a um entretenimento. Não é isso. Ele fala: “a gente precisa olhar para as coisas com o terceiro olho. Com um olhar mais espiritual”. Entrar em contato de verdade.

Nesse sentido, dizemos atualmente. ((aponta para o texto no livro)). Acessibilidade hoje, não é apenas promover o acesso ao que já existe ao que está instituído. Como se bastasse chegar ao “maravilhoso mundo do museu” porque tem rampa, tem audiodescrição, tem Libras, não, não é apenas disso que estamos falando. É isso também pois o público precisa chegar, obviamente. Mas o importante é promover o acesso **ao que você deseja que exista.**

A pensar e construir a realidade que se deseja viver.

É por isso que a gente insiste muito no ato criador e na educação. Se a gente não se ver como sujeitos criativos e se ver como sujeitos criativos não quer dizer que você vai ser um artista e que vai viver numa galeria, isso é uma deturpação da arte. Entender que a gente está aqui para pensar, pra refletir, questionar e ressignificar essa realidade que é apresentada. Se você pensar o museu numa lógica do ir lá e apenas ver, você não está gerando transformação, você não está gerando construção de sentido.

- Outra referência forte literária, apesar de mais recente, muito no campo da arte e da educação se chama Luis Camnitzer, artista e pedagogo. E ele diz que “em algum momento da história um filisteu separou a arte da educação, campos que nunca deveriam ser

separados. Porque uma educação que não é criativa é uma má educação e uma arte que não educa, não é arte.” Ele é um grande nome da arte conceitual.

- Paulo Freire é também uma referência, trabalhamos com a filha dele, Fátima Freire, há mais de 10 anos. Tem uma frase dele que diz “Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” E Hélio Oiticica diz que “o Museu é o mundo”, então é “esse mundo museu aqui em que estamos nos educando.

Também rejeitamos a ideia de que educação existe para preparar para o futuro. Não, Educação é presente, é presença.

-Outra referência nossa é o filósofo da educação Jorge Larossa.

- Qual que era a última pergunta? Ah, se contamos com especialistas?

Dilma: Sim

-Daina: Sempre contamos com intercâmbio dos técnicos que trabalhavam nos espaços, que nos vinham visitar, onde buscávamos aprender. Por exemplo, nos CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) com o público de saúde mental, trabalhávamos com Psicólogos. Na Derdic, com os Professores dos alunos surdos.

O processo de *Aprender para Ensinar* de formação de educadores surdos teve um especialista que fundamental, que se chama Élie Bajard, um Linguista francês. Ele observava tudo e via as formas de comunicação entre os educadores do MAM, os alunos surdos em formação, os professores intérpretes e os professores surdos. Foi pela visão dele que pudemos perceber porque a alfabetização e a leitura se tornam mais difíceis para os surdos. Porque além do fato do surdo poder ter sido diagnosticado tardiamente não existir um contexto favorável para ele em sala de aula, a nossa alfabetização é toda pensada pela oralidade. Élie Bajard nos fez compreender que a língua falada e a língua escrita não são a mesma língua. São duas línguas diferentes. E a língua escrita é uma língua de signos. Se a alfabetização fosse pensada pelo visual, os surdos poderiam ter muito mais fluência. Ele escreveu, inclusive o Manifesto dos usuários da Escrita.

Outra especialista que colaborou nesse processo foi a Helena Quintana fez o projeto de acessibilidade arquitetônica do museu. Agora contamos com Carolina Fomin nessa área. A Fátima Freire Dowbor, que é nossa assessora pedagógica. O Centro de Educação para Surdos Rio Branco foi uma referencia muito importante para nosso entendimento sobre cultura

surda. Eles têm uma pesquisa muita aprofundada sobre Bilinguismo. A Amarilis Reto é uma professora de crianças surdas e tem uma pesquisa de poesias para surdos. Ela ajudou muito a equipe a trabalhar a compreensão da dimensão simbólica para os surdos. Tem toda uma pesquisa que sem ela a gente nunca iria conseguir chegar nesse lugar de uma língua visual. E hoje eu falo muito que a Libras não é só um direito da comunidade surda, um recurso de acessibilidade mas no museu ela é recurso muito precioso, em toda sua dimensão expressiva e poética. Então, a música que é interpretada na Língua de Sinais é maravilhosa, a narração de histórias que é realizada sempre bilingue- em Português e Língua de Sinais, os espetáculos de Literatura, Saraus tudo isso, enfim, toda essa rica programação em língua de sinais existe pois contamos com a contribuição de pesquisadores como a Amarilis Reto, Naiane Olah, Livia Vilas Boas, entre outros, nos ajudaram muito com isso.

Dilma: Eu acho que o que vem depois você já falou. A não ser que você queira aprofundar mais. Quais os parâmetros/indicadores/aspectos/características tidos em conta no âmbito da acessibilidade?

Daina: Então, tem: o conceito de acessibilidade transversal. Fomos instituindo isso ao longo dos anos. O ideal é que consiga chegar num lugar que a acessibilidade não seja pensada posteriormente, como um anexo. Um é isso, como é que você pensa a ação cultural educativa acessível desde o início.

Se acessibilidade faz parte da concepção e da criação poética, ela fica muito mais simples e interessante.

Pensar as questões sensoriais. Pensar o desenvolvimento do ser humano em sua plenitude são os princípios que a UNESCO agora fala do desenvolvimento pleno, do ser humano dentro dessa coisa da educação ter sempre priorizado a cognição e não é só isso, tem que ter um ambiente mais rico, mais dinâmico, mais vivo em todos os aspectos.

Transversal nesse sentido, pensado desde a criação das coisas, mas transversal também no sentido de ser responsabilidade de todas as áreas do museu. No caso do MAM, eu coordeno a Acessibilidade do museu e coordeno o Educativo também. Isso é uma das diferenças porque em muitos museus tem um educador ou um funcionário responsável pela acessibilidade. Aqui a acessibilidade é responsabilidade de todas as áreas, todos tem que estar envolvidos. A recepção tem que estar preparada para todos, o restaurante tem que ser

pensado para todos. A transversalidade tem a ver com a equipe profissional. Na nossa equipe a gente tem o Léo Castilho que é Educador que é Surdo, tem o Rogério Ratão, que é Professor e que é cego, tem o Ney e o João que têm Síndrome de Down e que trabalham na recepção e tem o José Ricardo, que veio de um CAPS, que era aluno do Programa Igual Diferente e hoje é Produtor de Atelier. Então tem toda uma questão dos afetos, dos relacionamentos, da convivência, do dia a dia. As pessoas vão chegando e vendo a diversidade e percebem que precisam trabalhar suas possíveis questões, se interessam pela diversidade. É a Acessibilidade atitudinal que a gente fala tanto. Hoje, a gente tem a felicidade de dizer isso, as pessoas começam a ter a necessidade de acompanhar o que já está instituído no museu. O museu já tem essa cultura do acesso, pois o público está aqui todos os dias.

Dilma: Então, como a gente estava falando desde o início como você conseguiu dar pra gente um panorama maravilhoso de como tudo começou e da continuidade, porque isso é muito importante.

Daina: Eu fico muito feliz em saber que se eu for embora um dia desse museu, a acessibilidade não morre aqui. Virou uma cultura do acesso mesmo, que permanecerá.

Dilma: E assim, desde o início, claro que você já falou um pouco, mas essa questão da avaliação... Houve alguma avaliação final dos níveis de acessibilidade que fosse feita? Foi por parte de especialistas que vieram e avaliaram se a questão da acessibilidade é fato? Se já se deu por você, se os visitantes também, avaliação dos técnicos?

Daina: Boa. Olha, dos participantes e visitantes a gente faz avaliação o tempo todo. Porque, primeiro, os cursos que realizamos são sempre avaliados no final. Pode ser por uma conversa aberta ou por avaliações mais direcionadas. Há um tempo atrás a avaliação dos cursos era feita de forma poética. Eles criavam glossários coletivos ((mostra uma parte do livro)) com repertório adquirido e criado nos cursos. Eram avaliações mais qualitativas.

As pessoas com deficiência que veem visitar o museu espontaneamente nos retornam em conversas com nossos educadores, com avaliações e sugestões. Já as visitas mediadas têm os formulários para serem preenchidos sobre as exposições. Nosso educador surdo também recebe o público ouvinte enquanto o intérprete faz a voz dele. Nesse caso, na avaliação das

escolas visitantes, muitos alunos ressaltam que tiveram o privilégio de serem recebidos por um educador surdo, pois nunca tinham tido contato antes.

Nunca chegamos a encomendar especialista para avaliação, mas passamos por avaliações de demandas externas. O Guia de Acessibilidade Cultural é exemplo de um diagnóstico do que é acessível ou não. Houve também a avaliação por documentário para Copa de 2014 para os espaços acessíveis. Tem um grupo do Instituto Paranaense de Cegos que tem um projeto nomeado Ver com as Mãos, e eles fizeram um vídeo da visita ao museu avaliando a acessibilidade. A Carol Fomin dá o Curso Acessibilidade na Prática para arquitetos e para quem tem interesse em acessibilidade arquitetônica, e ela usa o espaço do Museu para fazerem avaliações e diagnósticos. A Viviane Sarraf, sempre trazia alunos cegos do Dorina Dowil para avaliação. São demandas espontâneas, sempre avaliações externas.

Dilma: E dentro da equipe como é feito esse trabalho de avaliação. Claro que você falou que tudo aqui é pensado para todos. Mas, também existe a entrada de novos profissionais.

Como essa formação é feita. Como isso é avaliado?

Daina: Toda vez que muda a exposição, a equipe tem um período dedicado ao estudo. Tanto para estudar a exposição quanto para a nossa formação pedagógica em diversos aspectos. Sempre há uma fala de acessibilidade nesse período. Além disso, os educadores e a equipe de recepção fazem aulas de LIBRAS continuamente, e passaram por formação básica em audiodescrição. Eles fazem a audiodescrição de algumas obras, e temos consultoria com o professor Rogério Ratão, que propõe os ajustes necessários. A equipe do Educativo é a que menos tem rotatividade no museu. O profissional com menos tempo na equipe, está há 6 anos. E a construção do programa educativo é coletiva, respeitando as especificidades da pesquisa pessoal de cada profissional na área em que é responsável. Na avaliação anual de gestão, a Coordenação avalia o quanto o trabalho de cada um inclui e envolve os outros profissionais em sua ação. Todos trabalham em todas as ações. Todos os educadores acompanham os cursos do Igual Diferente, atendem o Família MAM, o Contatos com a Arte, que é o Programa de Formação de Professores e Educadores, todos fazem a programação do Domingo MAM para jovens frequentadores do parque. E todos trazem as suas pesquisas pessoais que alimentam as ações educativas, assim como as ações do museu alimentam as pesquisas de cada um. O exercício de liberdade de experimentação é fundamental, pois só

assim conseguimos dar forma e ter o acesso à realidade que desejamos construir.

“Acessibilidade é o que você deseja que exista”. Aí é que há a possibilidade de impacto social: na visita em uma exposição por exemplo, preciso poder localizar o que ela me diz respeito. Tem que fazer parte de nosso próprio corpo.

Dilma: Essa questão já foi falada, anteriormente, sobre a formação, ao nível da acessibilidade, dada aos técnicos do museu.

Os Recursos financeiros, são viabilizados de que maneira?

Daina: Os recursos que o museu capta mantém os nossos programas educativos fixos que também podem captar patrocínios específicos. Há recursos próprios da bilheteria do museu, dos cursos, do programa de sócios, restaurante, loja, e o Clube dos Colecionadores. Também nos inscrevemos muito em prêmios e editais. Já tivemos também recurso de financiamento estadual do PROAC de renúncia fiscal que são intermitentes.

Dilma: agora o que muito me interessa, criaram algum relatório/artigo/documento escrito relativamente a todo o processo de criação de soluções acessíveis para este espaço? Se sim podem facultar?

Daina: Sim. Posso separar alguns artigos, mas escrevemos pouco. Deveríamos escrever mais. Temos os livros, alguns artigos, TCCs e teses que outros pesquisadores fazem sobre o Museu.

Dilma: Mas, internamente, tudo o que foi escrito já foi transformado em livros?

Daina: Temos o livro sobre o Programa Igual Diferente, a publicação acessível Obras Mediadas, mas ainda estamos longe de registrar tudo. Ano que vem o MAM vai completar setenta anos a gente quer produzir mais material escrito para tornar público o que fazemos aqui.

Dilma: Ainda integra a equipe responsável pela acessibilidade do museu?

Daina: Sim, como Coordenadora dos Programas Educativo e de Acessibilidade.

Dilma: Que orientação daria aos gestores de espaços culturais de pequeno e médio porte, como o primeiro passo para o início do processo de acessibilidade?

Daina: O lema “Nada sobre nós sem nós”, diz muito.

- Convide, faça atividades em que o público diverso se sinta de verdade pertencente.

Entender que cada cego é um cego, cada surdo é um surdo, cada pessoa com deficiência

intelectual é diferente da outra. Tem uma série de instrumentalizações que devem ser trabalhadas; formação em Língua de sinais, Audiodescrição, etc. Mas, a convivência, a rotina, o cotidiano é que vai trazer as questões assim como o solucionamento delas. Como podemos pensar uma acessibilidade real, isso só pode ser feito com as pessoas com deficiência. Bavar diz que muitas vezes a própria acessibilidade dos locais é pensada em uma lógica excludente. Ela é pensada por pessoas que não tem deficiência e que julgam saber o que é melhor para as pessoas que têm deficiência. Sei que a realidade de orçamento nos espaços culturais é muito limitada, mas, se possível, contrate pessoas com deficiência. Elas tem que fazer parte do dia a dia. Como diz nossa consultora pedagógica Fátima Freire, é necessário ter o corpo aberto e o corpo sensível. É ter a situação da escuta real. Com as pessoas com ECNP - Encefalopatia Crônica Não Progressiva, por exemplo, acontece muito isso. Se você se propõe ouvir, tem que desacelerar, baixar a ansiedade para ouvir de verdade.

Nossos processos educativos exigem muito planejamento, muita sistematização. É você “criar um chão firme para poder dar a pirueta que você quiser”.

ANEXO 6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A IALÊ CARDOSO



Mestrado em Comunicação Acessível

Orientadora: Jenny Gil Sousa

Coorientadora: Carla Sofia Costa Freire

Mestranda: Dilma de Andrade Negreiros – Matrícula 1150983

Dados advindos da entrevista realizada com Ialê Cardoso, Coordenadora do Núcleo Educativo, do qual integra o PAMF – Programa de Acessibilidade do Museu do Futebol, com o Projeto premiado: Deficiente Residente.

A entrevista semiestruturada aconteceu no dia 07 de julho de 2017, na sala da Coordenação do Núcleo Educativo, com a participação da Coordenadora Ialê Cardoso e do Assistente de Coordenação Marcelo Continelli e na presença de Carine Passos e Renata Mansour, duas colegas da pesquisadora, atuantes na área cultural e que têm interesse em conhecer sobre Acessibilidade.

Dilma: Como seguiram as diretrizes para tornar o Museu do Futebol acessível? Com base na literatura? Com base em estudo de percepção por parte de públicos específicos? Foram contactados especialistas nesta área? Se sim em que sentido? Para quê?

Ialê: O Museu do Futebol tinha dois anos de vida, quando eu vim trabalhar em 2010. É um museu muito novo, vai fazer 10 anos em 2018, e ele já nasce com o PAMF, que é o Programa de Acessibilidade do Museu do Futebol, que inclusive foi implementado pela Especialista Amanda Tojal, que é referência nessa área e já havia criado o PEPE na Pinacoteca. Quando o Museu do Futebol começa a ser pensado pela Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo, pela Fundação Roberto Marinho e por uma equipe de pessoas qualificadas, a Amanda é convidada a integrar o time para pensar no programa de acessibilidade.

É muito raro ter um museu pensado desde o início para ser acessível, né?

Desde o início do projeto, em 2010, nós somos convidados à viajar para conhecer outras instituições e contar sobre o projeto, e nessas conversas a gente sempre ouve sobre a dificuldade que é tornar o equipamento cultural mais acessível.

Porque é isso, quando o museu não foi pensado desde o início para ser acessível, são muitas as barreiras, né? É barreira física, é barreira de gestão, é barreira financeira, é barreira humana, é barreira, é barreira, é barreira...Daí você fala: gente vamos quebrar essas barreiras!

Então, a gente pensou em fazer essa apresentação pra vocês dividida em dois momentos: apresentar o power point para dar um panorama do programa e com ele ir falando do Deficiente Residente e do Museu amigo do Idoso, que é um outro projeto, e depois entrar no museu para conhecer um pouco mais sobre o PAMF.

Ialê: Lá no começo da década de 90 muitas pessoas ainda estavam de olhos fechados. Hoje precisamos pensar de maneira acessível. E não porque é moda. Mas sim como uma das missões de um equipamento cultural. Qual é a função do museu? Para quê que existe um museu? Pra quem é o museu? O museu é pra todo mundo. É pra população. Quem é essa população? Essa população é todo mundo. Quem é nosso público? Quem é o nosso não público? O Futebol é o esporte mais acessível que tem. Todo mundo joga futebol. Lógico que não estou falando do futebol profissional. Se você não tem uma bola você chuta uma tampinha de garrafa...

Dilma: Chuta uma lata...

Ialê: Exatamente, chuta uma lata. O futebol é pra todo mundo, então não tem porque o museu do futebol não ser acessível à todo mundo.

- A gente está cada vez mais abrindo esse leque da acessibilidade. A gente começou lidando com as pessoas com deficiência e pensando, num primeiro momento na pessoa cega, porque o museu é muito visual. Aí a gente foi trabalhando todas as outras deficiências, depois a gente trabalhou com idoso. O museu em 2015 teve uma exposição sobre a Visibilidade do Futebol Feminino, uma campanha para falar da inserção da mulher nesse esporte. Esse ano estamos trabalhando o público LGBT. Então, cada vez mais a gente está mostrando que, não só o Museu do Futebol, mas todos os museus são pra todo mundo. É

difícil, né, pois há um distanciamento das pessoas em relação ao museu. As pessoas não sentem o museu como um espaço de pertencimento.

Dilma: Porque não era, né? Culturalmente não era. Era mais elitizado, totalmente visual, se usava só um sentido...

Ialê: as pessoas que não conhecem nada de arte acham que não podem ir.

Dilma: a linguagem é complexa, então, quem tem baixa escolaridade não compreende os textos, não compreende o que está lá. Mesmo que você faça uma divulgação e que seus folders estejam espalhados pelas ruas, quem os pega não consegue entender o que que se oferece naquele lugar. Acho que essa questão de se pensar para todos, quando a gente está formulando alguma coisa, está planejando, está pensando aquele espaço a gente pensa isso é pra quem, mas isso vai chegar para aquelas pessoas de que maneira. O que a gente quer é isso, né?

Ialê: É fundamental.

Marcelo: E isso não significa que você tem que nivelar por baixo. Que você tem uma linguagem que é acessível, que todo mundo entenda, que todo mundo acesse e desfrute daquilo da mesma forma. E acho que é um esforço constante de entender as vezes é isso, você dar acessibilidade não é preciso nivelar por baixo. É você colocar em uma linha que todo mundo acesse e não exclua ninguém.

Dilma: Sim.

Ialê: A gente tem o PAMF, que é o programa de Acessibilidade do Museu do Futebol. ((aponta para o logo)) Esse logo a gente fez já no segundo ano do Projeto Deficiente Residente e ele é bonito porque trabalha a inserção dos elementos.

Dilma: Ele remete ao novo símbolo internacional de acessibilidade criado pela ONU.

Ialê: Sim, sim. E ele é todo com uma cor inserida na outra, não tem exclusão...

- A parte da acessibilidade física que já nasce com o programa de acessibilidade e isso faz toda a diferença, obviamente. Na bilheteria, por exemplo, se chega uma pessoa cega ela já pode pegar o audioguia e começar o percurso porque ali já tem o piso tátil. O audioguia para pessoas cegas e com baixa visão é maravilhoso e foi inteiro feito pelo Hélio Ziskind, ele é um

músico muito sensível. Ele fez toda a trilha do Cocoricó, do Castelo Ra-tim-bum. Ele tem toda a coisa da poesia, do ritmo...

Dilma: Foi ele quem fez a audiodescrição das obras da Galeria Tátil da Pinacoteca de São Paulo.

Ialê: É uma delícia. É um audioguia longo, mas a gente dá autonomia para pessoa cega fazer todo o percurso sozinha se ela quiser, ouvindo o audioguia inteiro.

- A gente tem a plataforma adaptada logo na primeira sala, que a gente chama de grande área, que dá acesso ao cadeirante, mas não só ao cadeirante. Carrinho de bebê é muito utilizado ali, qualquer pessoa que esteja com a locomoção reduzida, idoso...tem também a escada rolante, a escada convencional, todos os nossos banheiros são adaptados. Agora a gente está com um projeto lindo, e os banheiros do museu estão com plaquinhas dizendo que agora você escolhe o banheiro que quer usar, com qual você se identifica, assumindo aí a questão de gênero mesmo, que é super importante. Os banheiros unissex tem trocador, então, tanto a mãe ou o pai podem entrar, o tio, a tia, seja lá quem for o cuidador. Não é um banheiro para mãe e filho.

Dilma: Isso é muito importante, pois em muitos lugares encontramos banheiro feminino, masculino e um para pessoas com deficiência como se fossem assexuadas.

Ialê: Nosso banheiro é unissex e para cadeirante, é para todos. E agora, além de tudo, a gente escolhe o banheiro que quer usar, que se identifica e se sente à vontade.

- Tudo isso que eu estou dizendo é para reforçar um pouco isso de que, mesmo tendo um projeto de acessibilidade premiado, a gente não para. A gente está olhando para acessibilidade o tempo todo e ouvindo as pessoas. A gente só transformou as plaquinhas dos banheiros porque a gente começou a ouvir o público LGTB que disse “Oh, não me sinto pertencente a esse museu, me sinto mal, eu quero ir nesse banheiro e não posso...ou eu chego aqui, aparentemente sou um homem, mas estou vestida de mulher e as pessoas não sabem como me tratar...” Então, a gente chamou o pessoal do Museu da Diversidade Sexual e começou a ouvir esse público para capacitar todos os profissionais.

- Ainda falando dessa parte física e de comunicação. Temos o folder em Português e Inglês, mas estamos sem ele, no momento. A maquete tátil feita pela Dayse Tarricone, é uma maquete que a gente tem na grande área que é incrível porque é do entorno aqui do Pacaembu. Ela tem a praça, tem o entorno e tem o complexo esportivo e as gavetinhas que a gente tem ali com a legenda em Braille, em texturas...E tanto a maquete quantos os materiais sensoriais que a gente tem de resina nas salas, a gente não disponibiliza só para as pessoas cegas ou com baixa visão. Esse é um material que está disponível para qualquer pessoa. Então a gente não segrega, não é um espaço segregado só para pessoa com deficiência. Essa é a minha grande crítica a espaços que segmentam somente para pessoa cega, ela não interage com as outras pessoas. É acessível e não é. É uma oportunidade de mostrar, inclusive para as crianças, esse outro universo. Eu acabei impondo um pouco a minha visão pessoal aqui no museu e fui acatada. Eu não acho que a acessibilidade tem que segmentar.

- Então, desgasta todo mundo mexer na maquete, o risco de quebrar é maior? É, mas cabe aos educadores, a nossa equipe conduzir o olhar do visitante e dizer “olha, toca com cuidado”. E é tão legal porque quando a criança toca e pergunta porque que tem essa bolinha, a gente explica e ela passa a olhar a pessoa cega de outra maneira, ela passa a entender isso de uma outra maneira.

Marcelo: Isso que você está falando de estragar é fato. Eu fui educador do museu durante três anos, antes de ser convidado para ser Assistente da Coordenação, e o tempo todo a gente lidava com a curiosidade do povo de tocar. As pessoas sempre perguntavam “mas pode tocar na maquete?” E eu respondia que pode tocar, é uma maquete tátil, é aberta é só ter cuidado.

- E aí, ((o telefone da Ialê tocou...))

- O que é bacana é que temos esse entendimento e se tem que entender na instituição é que existe a necessidade de você ter ali uma verba destinada a manutenção dos equipamentos. Porque também não adianta a gente se assumir como quem é acessível, permitir o toque e isso e aquilo se por outro lado a instituição como um todo, a gestão como um todo não assume essa postura também. Então, o que permite muita coisa aqui dentro é uma visão

muito consolidada da Ialê, principalmente, com toda a experiência dela em acessibilidade, mas é também a instituição acatar que ela compartilha com essa visão. Por exemplo, um restauro dessa maquete anualmente custa cinco mil reais. É um dinheiro que você poderia fazer uma ação educativa. Então, uma parte de nossa verba está destinada à manutenção destes e de outros materiais. A acessibilidade é institucional também. Ela não é acessibilidade da pessoa, não é só acessibilidade da equipe, ela acessibilidade da instituição. Isso é que fez com que muitas coisas dessem certo aqui dentro.

Dilma: É uma ação educativa. De sensibilização total, né, porque você mostra que aqui tudo é seu, como é meu, como é nosso, vamos cuidar? Você vai poder usufruir, você vai poder voltar outro dia e ela vai estar aqui para você poder tocar de novo. Porque aqui pode. Então vamos cuidar.

Marcelo: E com isso a gente quebra as barreiras no sentido de que você pode tocar a maquete. E que lugar você pode tocar? Você morre de vontade de tocar, mesmo sabendo que não pode. Então isso é muito bacana como experiência. Vocês vão conhecer o Museu do Futebol e perceber que é um museu de experiências e a experiência está nesses pequenos detalhes também, e você poder tocar as maquetes, poder tocar as placas de resina, de você poder se colocar no lugar da pessoa cega e fechar os olhos e perceber a visão tátil.

((Ialê ofereceu o café))

Marcelo resume para Ialê o que falou enquanto ela saiu para fazer o café.

Ialê: Claro, todo ano quando a gente faz o planejamento, deixa parte do nosso orçamento para o PAMF. Um tanto da verba é para esses restauros.

- Bom, vamos entrar agora no Projeto Deficiente Residente, vou contextualizar pra vocês, rapidamente. Quando o museu nasce já nasce com esse Programa de Acessibilidade. A Amanda Tojal foi responsável pelo PAMF e quando o museu abre ela fez uma capacitação para equipe em 2008. Em qualquer lugar que você tem um programa de acessibilidade, um lugar que está pronto, principalmente, com aquela acessibilidade física que a gente mostrou, você está convidando as pessoas com deficiência para virem ao museu. De fato, essas pessoas vinham, só que daí elas encontravam num primeiro momento uma barreira muito importante que é a barreira atitudinal. E não é por preconceito é pela dificuldade de lidar

com o desconhecido, é um estranhamento. Então essa pessoa chega no orientador de público ou no educador que está ali na primeira sala para dar as boas vindas para o público, e aí o educador, o orientador fica ali que nem barata tonta como eu fiquei também na primeira vez que atendi. Lembro até hoje, do primeiro grupo de cegos que eu atendi. Quase tive um troço. Nossa, eu suava, parecia muito nervosa e uma pessoa do grupo é que falou “calma”. E aí, o que acontece. Se a pessoa chega e encontra essa barreira ela não volta. Talvez não volte, inclusive, a nenhum outro museu. E isso é uma questão muito comum em todos os lugares, inclusive em escolas, você precisa ter uma formação, você precisa saber lidar com as situações que estão ali. Então eu encarei minha chegada no museu muito com esse desafio, na função de supervisora da equipe e com a missão de olhar com carinho para esse programa de acessibilidade que já existia mas que estava “meio paradinho”. Você faz um programa lindo de acessibilidade e ele fica um pouco de lado. Aí a gente começou a pensar com a equipe de educadores, com a direção, enfim, como a gente pode quebrar essa barreira atitudinal e fazer com que esse museu honre esse programa de acessibilidade. Fazer com que as pessoas entendam que esse museu é pra elas. E aí, de uma maneira ousada e ao mesmo tempo simples, a gente pensa nesse projeto de convivência, um projeto de residência com pessoas com deficiência. Como a gente é uma OS e a cada cinco anos renova o contrato. E no ano que eu entrei, 2010, era o ano que precisaria renovar o contrato por mais cinco anos. Então você tem que fazer um Plano de Trabalho que valha por cinco anos. Aí foi o momento em que nós pensamos em encaixar o projeto e já garantirmos por cinco anos.

Em reunião com a equipe de educadores, paramos para pensar nas nossas maiores dificuldades em relação ao atendimento no museu, nos nossos receios, nossos medos e, de forma unânime decidimos começar pela deficiência visual. Então ta bom, vamos começar com a deficiência visual. Depois, qual é a outra deficiência que vocês aqui como educadores dentro do museu tem dificuldade? E aí eles falaram deficiência intelectual, mas não uma deficiência intelectual visível. A gente tem muita dificuldade por exemplo quando chega uma pessoa com deficiência intelectual e que não tem uma fisionomia que conte que ela tem alguma deficiência e a gente vai “Oi, tudo bem”... De repente quando você começa a conversar com a pessoa você percebe que ela tem alguma deficiência. E daí a pessoa

paralisa. Então, a segunda seria pessoa com deficiência intelectual sem ser visível. E aí, a gente foi trabalhando ano a ano, que a gente vai mostrar pra vocês. E falamos: tá, temos essa ideia e como é que a gente vai fazer, o quê que a gente quer desse projeto? Não é um projeto só para cumprir meta, só para colocar no plano de trabalho. O que a gente espera desse projeto? A gente espera que essas pessoas venham conviver com a gente e que elas nos ajudem a romper esses medos, essas barreiras. Que elas saibam falar das deficiências delas, em primeiro lugar, e que elas convivam com a gente, que entrem no nosso dia a dia e que nós possamos entrar no dia a dia delas também. Que elas também façam uma consultoria de como elas gostariam de ser atendidas no museu, as nomenclaturas corretas, a condução no espaço, a própria exposição o quê que a gente pode melhorar, o que funciona e o que não funciona...E a periodicidade? Tudo isso pensando em equipe e também conversando com a Amanda e aí pensamos em uma periodicidade de no mínimo três meses. Uma residência curta. Porque? Isso a gente conversou bastante com algumas pessoas com deficiência. Para ninguém se acomodar, para não virar coleguismo, e para ter uma encomenda de começo, meio e fim. Porque a ideia não é a gente se tornar conhecedor daquela deficiência. Até porque somos educadores. É simplesmente saber como melhorar o nosso atendimento, do nosso público no museu, perante uma pessoa com deficiência igual à daquela pessoa que está aqui com a gente. Então é isso. E acho uma coisa muito importante no Projeto é que ele é pensado com a pessoa com deficiência e não para. O que eu percebo muito nas minhas visitas aos museus, teatros, lojas, qualquer lugar é que as pessoas penam pelo outro e não com o outro. “Então, olha estabelecimento é acessível, eu tenho aqui banheiro adaptado.” Aí você entra no banheiro e você vê que uma cadeira de rodas por exemplo ela não vira...Ou tem rampa, aí você olha e é impossível subir. Ou é tudo lindo da parte física, mas a parte humana também é muito importante. As pessoas estabelecem contato com todo mundo, não é? Todo mundo quer ser bem recebido. Eu quando não sou bem recebida em qualquer lugar que eu vou, eu reclamo, sou bem chata...Então a gente pensa nesse projeto nesse sentido que prioriza a relação humana para ampliar o significado das experiências atitudinais. No começo, de 2010 até 2015, o projeto foi sempre pensado com dois residentes para cada deficiência específica. Depois a gente vai esmiuçar um pouco pra vocês. Em relação ao nome do projeto, o que achamos no dicionário como sinônimo de

residência que é o ato de conviver. E o projeto é exatamente isso, é convivendo que a gente desperta a segurança, a tolerância, a afetividade...Em qualquer lugar...Eu vou dar um exemplo esdrúxulo aqui, que eu sempre dou em algumas palestras que eu falo que essa quebra de barreira atitudinal não é só com pessoas com deficiência. Eu não tenho filho, mas meu companheiro tem um filho. Então eu ganhei um enteado e é uma quebra de barreira constante eu lidar com uma criança que já tem uma mãe, que sente ciúmes do pai e também essa criança lidar com uma nova mulher na vida do pai, alguém que também passa a cuidar dela etc. É a mesma coisa. A gente só vai criando confiança um no outro a partir do convívio. Qualquer um. A gente também. Então, é preciso conviver. Então, quando a gente traz essas pessoas para conviver com a gente no período, todos os dias ou duas vezes por semana, a gente convive naturalmente as coisas vão rolando.

- Quer falar?((risos)) ((lalê se direciona ao Marcelo))

Marcelo: Aí sou eu na foto como educador...

lalê: Quando era novinho((risos))

Marcelo: Na primeira edição foram convidados o José Vicente, que está à esquerda de boné. Ele é cego...

Dilma: Eu o conheço. Conheci no Encontro Internacional de Audiodescritores, em Pernambuco. Maravilhoso.

Marcelo: Ele cativa, né? O Zé participa de um grupo de pessoas cegas e a lalê já o conhecia.

lalê: É. O Zé Vicente eu já conhecia lá do Dorina Nowill, em um curso que eu fui fazer. Então, conheço uma pessoa cega. E se a gente já tem a pessoa cega, qual é o outro perfil que vamos trabalhar na deficiência visual? Aí, a gente pensou no perfil de baixa visão.

Marcelo: E aí veio o Paulo, que é esse rapaz de barba. Educador que era conhecido do outro assistente de coordenação, o Amauri. E aí os dois vieram residir com a gente. E como funcionava...Um dia da semana a gente tinha o Zé Vicente vindo pela manhã e o Paulo Pitombo a tarde e no outro dia, invertiam os turnos. Nesse primeiro momento eles atuavam diretamente com os educadores. Então era feita toda uma escala. Isso era uma coisa de organização interna nossa. Eles sabem o que vão fazer desde a hora em que chegam até a

hora em que eles vão embora, nas seis horas de trabalho. E os dois também cumpriam a mesma escala de trabalho dos educadores. Eles trabalhavam por seis horas também. E aí, durante o dia era a oportunidade que tínhamos de conviver ou de ir para o espaço e perguntar para o Zé e para o Paulo como é que a gente descreve uma imagem que é assim, assim, assado ou quando você se depara com uma sala que tem um milhão de imagens como acontece aqui no museus onde várias salas tem muitas imagens...Como é que você vai fazer isso...você vai falar de tudo...vai falar de uma coisa só...E esse *approach* que a gente teve com eles foi muito bacana no sentido de que, da nossa parte, existia uma aparente necessidade de descrever para pessoa cega tudo o que você está vendo, tudo nos mínimos detalhes.

Ialê: E uma descrição toda detalhada...cheia de coisas...

Marcelo: E o Zé chegou pra gente e disse “Não é isso”. Pra pessoa cega, pra ele o que é importante é você ter uma clareza do que é, do que você está descrevendo, sem o excesso. Porque o excesso cansa qualquer um e o cego não é diferente. E um outro receio muito grande que a gente quebrou com o Zé foi de alguns vícios de linguagem da gente falar “ Ah, você está vendo isso...Está vendo aquilo...”

Ialê: E isso causava um constrangimento no educador.

Marcelo: A grande sacada do projeto é a pessoa com deficiência falar “Olha, não tem problema você falar assim.”

Ialê:: E o melhor é você perguntar diretamente para pessoa e não perguntar pra mim que sou a coordenadora, porque eu não sei. O Zé ensinou muito a condução também. Como se deslocar no espaço, quem pega em quem... Porque você fica em dúvida. Fica uma coisa...Receios de perguntar...as vezes até coisas íntimas que todo mundo tem receio de perguntar...Pergunta. Vamos tirar esse monstro da frente...

Dilma: Com o Zé deve ter sido uma experiência maravilhosa porque ele é alegre, engraçado demais.

lalê: O Zé tem um humor realmente muito maravilhoso e que fez toda diferença. Como ele foi o primeiro residente, todo mundo aqui estava muito apreensivo e ele quebrou essa barreira muito rápido.

Marcelo: No projeto, com o passar do tempo a gente foi pensando a importância prática dele, né. Nós tínhamos uma educadora que foi atender uma pessoa cega e foi falar da jogada da bicicleta e essa pessoa que ela estava falando não tinha memória visual, ela não sabia o que era. E se você for parar pra pensar a jogada não tem nada a ver com a bicicleta. Você não está pedalando pra frente e está jogando o corpo pra trás...é uma coisa muito estranha. E aí ela, naquele momento, sem um outro recurso, ela pediu licença e deitou o visitante em um banco que havia na sala, pegou a perna dele e imitou o movimento como se ele estivesse no ar. Aí ela trouxe essa experiência para equipe, o Zé ouviu e disse “bacana, mas você podia ter feito de uma outra forma. Aí ele trouxe uma opção que a gente nunca tinha pensado que era pegar esses bonequinhos modulados de madeira, porque ele é todo articulado e você monta nas posições que você quer e dá nas mãos da pessoa cega. Então, quem mais do que uma pessoa cega para dar uma dica dessa pra gente. E isso foi incrível. Por mais que você seja empenhado nas coisas de acessibilidade, se você não tiver tido esse tipo de convivência, você não tinha como lidar com isso. Então isso foi muito importante. Esse é o papel deles como consultores junto a gente. De falar, por exemplo, que o Braille que a gente tinha aqui, que foi o Braille inaugurado na construção, ele era uma chapa imantada chapada, reta e todo os totens na entrada de todas as salas apresentavam um resumo do que estava exposto na sala. E ele falou “olha, muito bacana que vocês lembraram da pessoa cega, que tem o Braille só que assim não dá para ler. É um texto razoavelmente comprido e no ângulo deitado em que está não dá pra ler. A mão cansa, a gente perde a sensibilidade na ponta dos dedos e aí “a vista fica cansada”. O ideal é que ele estivesse mais baixo para ser acessível às pessoas de todas as alturas e num ângulo deitado. E aí, retomando aquilo que eu falei da instituição assumir a acessibilidade. Aí, o museu mudou todos os totens que passaram a ser da maneira que ele indicou, como se fosse uma caixa que a pessoa põe a mão dentro e lê. E que serve para criança cega, pro cadeirante, em uma altura acessível. Isso foi sem dúvida uma das grandes conquistas no campo estrutural. No campo atitudinal é um pouco isso.

lalê: O boneco é esse aqui. Você articula ele do jeito que você quiser e trabalha as posições do futebol. Isso foi uma ideia que o Zé trouxe pra gente e é isso, de repente se o Zé não tivesse dado essa ideia, ninguém teria tido. E no futebol tem muitas jogadas. Ele é super baratinho e tem em tamanho humano...Aí já não é tão baratinho.

lalê: Só uma coisa importante que não mencionamos é que eles são remunerados. Isso fez toda a diferença. E também tiveram momentos para conviver entre eles.

Marcelo: Em 2011, a gente teve a residência da deficiência intelectual, aí a gente chamou o Mário Paulo, que tem Síndrome de Asperger e o André que é Autista. E foi muito enriquecedor porque, foi o que a lalê falou, são duas pessoas que passam na nossa frente e ninguém vai saber que eles têm algum tipo de deficiência. E o autismo traz a barreira do contato. Não é uma pessoa que você pode chegar e abraçar. A mesma interação que tínhamos com o Zé Vicente e o Paulo, a gente não conseguia ter com o Mário e o André. E eles vieram de um grupo que chama Nossa Turma, que a lalê já conhecia o coordenador desse grupo que se reúne no fim de semana para fazer passeios, organizados por essa pessoa que é o Cal, que não tem deficiência, mas que reúne pessoas das mais variadas deficiências para fazer passeios e aí eles foram indicados pelo Cal.

lalê: A Síndrome de Asperger é muito peculiar...Essa dificuldade de identificar as feições, a dificuldade com a emoção, o fato de levar tudo ao pé da letra...A gente passou por muitas situações que a gente teve que aprender a contornar, né. Aqui é um estádio, vende ingresso pra jogo e às vezes alguém chegava na dizendo “nossa, as pessoas estão se matando”. E eles acharem que as pessoas estavam se matando mesmo, era muito literal. Acho que a grande sacada pra gente foi perceber a dificuldade que os dois tinham, mas mais o André que é autista, de distinguir passado e presente dentro de um acervo. Isso mexeu muito com a gente. Porque a gente fala, quantos grupos que a gente tem atendido de pessoas com deficiência e ficamos lá mediando, falando e de repente nada daquilo está ficando para as pessoas. Nós temos uma sala aqui no museu que é a Sala das Origens, que fala muito do contexto social de São Paulo e do Rio da década de 30 e 40. E algumas fotos elas são em PB e aí o André tem muita dificuldade de entender essa passagem do tempo por meio das fotos...E aí, na cabeça dele, tudo então que era em preto e branco era passado e daí algum educador deu uma máquina fotográfica nossa pra ele, tirou uma foto e deixou em PB. Uma

foto daquele dia. E mostrou essa foto pra ele. E aí perguntou “e essa foto de quando é” e ele disse “de antigamente”. Então, a gente falou “e agora, que difícil” Porque pra criança a gente sabe que tem dificuldade nessa passagem de tempo. E aí, em toda residência a gente pensa também algum produto ou algum jogo, ou alguma atividade com os nossos residentes que a gente possa trabalhar com outros grupos. E a gente sentou com eles pra pensar o que poderíamos trabalhar, como trabalhar com outras pessoas que sejam autistas ou até mesmo que não sejam autistas, qualquer pessoa que tenha dificuldade de entender passado e futuro dentro do futebol, dentro do museu. E aí, eles deram a ideia de trabalhar passado e presente no futebol por meio da vestimenta. Os dois gostam muito de futebol. E aí a gente criou um jogo que é incrível, que se chama “Com que Roupa eu Vou” que é uma placa imantada do tamanho de uma pessoa em que adesivamos a imagem de um boneco. E aí tem um conjunto de roupas de personagens do futebol. O árbitro, o jogador, o goleiro e o torcedor. Pra cada personagem desse do futebol, os meninos ajudaram a gente a pensar numa roupa que eles usavam antigamente e uma roupa que eles usam hoje. Então a gente tem lá como o torcedor ia ao estádio antigamente. Ele ia de terno, chapéu...e hoje, ele vai de short e camiseta. Então a gente tem sempre uma duplinha de roupas passado e presente, a gente tem uma série de feições que a gente trabalha com o Mário, que tem síndrome de Asperger, e ele tem muita dificuldade de ver emoção. Isso trabalhamos com ele durante os três meses. Vocês viram Mary Max, é uma animação que o personagem tem Síndrome de Asperger e ele fala justamente que na infância dele ele tinha que fazer desenhos e quando a mãe dele dava uma bronca e fazia uma cara, ele olhava os desenhos para ver se aquela cara era de triste...Então é isso, eles aprendem a emoção treinando mesmo, vendo. E esse é um jogo que a gente aplica com visitante com deficiência ou sem deficiência, mas é muito legal também pra criança. - Vamos dar uma acelerada. Até porque se vocês deixarem, eu e Marcelo vamos falar o dia inteiro sobre o projeto. ((risos))

- Esse foi o ano mais difícil, particularmente pra mim, que foi o ano que trabalhamos a deficiência auditiva. Eu lembro que procurei a Amanda, porque além de Mestre é sempre minha conselheira, e eu falei pra ela “o que você aconselha a gente a fazer”. Ela falou “lalezinha eu acho que os educadores todos precisam de capacitação. Você não pode levar um surdo pra equipe sem os educadores falarem Libras. É uma comunidade difícil, muito

fechada...” Aí eu contra argumentei com ela. A gente não se preparou para receber a deficiência visual, agente não se preparou para receber a deficiência intelectual. O Amauri, que era o assistente na época, usou uma analogia que eu acho muito legal “imagina se eu tenho um filho e ele vem com uma deficiência. Eu não me preparei, eu não sabia, então eu vou ter que aprender a lidar. Porque se a gente não se preparou para as outras residências, porque que a gente vai se preparar para essa? Qual vai ser a barreira que a gente vai enfrentar? Se justamente a barreira que a gente quer romper com o surdo é a barreira da língua...E aí, a Amanda falou “acho que você está sendo corajosa demais, eu acho que não vai dar muito certo...” E eu falei, “não, vamos tentar.” Eu sou teimosa e é agora que eu vou. E aí, a gente foi na Pinacoteca e lá tem uma educadora surda que é intérprete também, que é a Sabrina, e ela falou a mesma coisa. Então expliquei que a intenção do projeto não é capacitar todo mundo em Libras, a intenção do projeto é minimamente quebrar a barreira para receber o público surdo. Nem que seja para falar bom dia, boa tarde, esse é o Museu do Futebol...Sabe? É só pra quebrar esse primeiro contato. Aí a Sabrina falou, “bom então vocês devem contratar um surdo oralizado que faça leitura labial. Daí eu falei “não conheço nenhum”. Então ela indicou dois amigos dela. O Edinho, que hoje é educador do Itaú Cultural, depois de trabalhar um tempo no Museu Afro. E a Luana que é Professora. Aí, chamamos os dois pra conversar e o desafio também foi grande porque eles foram resistentes mas foram topando, foram entendendo que é um começo de uma quebra de barreira. Não adianta capacitar todo mundo. As pessoas tem dificuldades. Eu tenho. Tenho muita dificuldade e isso não quer dizer que eu não queira. Não é fácil, é que nem Inglês, alemão, é que nem Francês, é uma língua. E tem gente que tem mais facilidade. Eu falo com as mãos e eu tenho muita dificuldade. Perceberam que o museu é incrível e mais do que tudo, eles perceberam que o público surdo não vem ao Museu. E aí eles falaram, “agora é a hora de engajar a nossa comunidade surda. E aí, uma coisa legal que eles começaram a fazer com a gente, nos encontros com os educadores eles fazerem aulas de Libras e a gente filmar para continuar se capacitando na ausência deles. Outra coisa que foi essencial, essas aulas de Libras serem focadas nos termos do Museu do Futebol. Era para falar das salas, porque não adianta eles ficarem fazendo aulas de Libras com a gente e falando do parque, do jardim...a gente tem que falar do que está aqui. Trabalharam com a gente expressão

corporal, que foi muito legal. Então eles perceberam que algumas pessoas tem dificuldade. E se tem dificuldade em Libras, vamos abusar das caretas, usar o corpo. Não é o ideal, mas é uma maneira de quebrar barreiras. E outra coisa é que foi muito bacana é que eles oralizavam com a gente e depois de um mês de convivência eles falaram “daqui pra frente não vamos mais oralizar. Vai ser só em Libras.” Foi super legal, porque daí tivemos que nos esforçar. Mas, cada vez ficávamos mais seguros. Porque já quebrou aquele medo da língua. E o público surdo aumentou, o que foi muito legal. Então, valeu muito essa convivência, mas foi um desafio e a gente tem muito ainda a caminhar com eles. Os produtos dessa residência foram muito ricos. Foi pensar esquetes teatrais dentro do acervo todas em Libras, tanto com eles surdos tanto com educadores ouvintes e levantávamos plaquinhas com as legendas em Português. E íamos falando que o que eles estão fazendo é Libras e que é a língua de sinais utilizada pelos surdos. E vamos trabalhando a acessibilidade com o nosso público.

- Em 2013, mesmo pra mim que já trabalhava desde 1998 com pessoas com deficiência, foi incrível, pois rompemos barreiras com a deficiência física, trabalhando também a paralisia cerebral. Convidamos a Fernanda com paralisia cerebral e o Rafa que recentemente havia lesionado a medula, ficando paraplégico. A Fernanda, quando estávamos na primeira residência em 2011, veio com uma ONG de pessoas com deficiência para fazer uma entrevista comigo sobre o projeto. E ela falava comigo e eu não entendia o que ela falava e aí eu olhava para moça que estava do lado dela e falava com a moça, dizendo que não estava entendendo o que ela estava dizendo. E lembro que nesse momento ela falou “você vai trabalhar a deficiência física, a paralisia?” Acho que sim, mas só em 2013. Aí ela falou “gostaria de me candidatar”. E quando chegou em 2013, lembramos dela, fomos atrás e o mais incrível com a Fernanda foi que na reunião que fazemos sempre antes para contar sobre o projeto e tal, ela veio com a mãe. E quando a Fernanda entrou aqui ela começou a falar com a gente. E eu e o Marcelo ficamos parados e os dois olhamos para mãe. E isso porque eu tenho já uma certa experiência. Quando eu olhei pra mãe, ela falou algo como “se vira” “rompa essa barreira”. E aí, uma reunião de uma hora durou quase quatro. Nós realmente não entendíamos o que ela falava e precisamos escrever em vários momentos para fazer nossa conexão, nossa comunicação fluir. A paralisia dela afetou muito a fala e a coordenação motora. A cognição dela é cem por cento preservada. Ela vai a um restaurante,

e isso aconteceu várias vezes com a gente, e o garçom pergunta pra nós o quê que ela quer. Ela diz que o grande problema dela é acessar as pessoas. Porque quando ela chega em algum equipamento cultural e fala com o primeiro funcionário que ela encontra, o funcionário inventa qualquer resposta. E aí ela falou, “gente, vamos lá. Se vocês estão com esse projeto que é lindo e que eu me candidatei, eu quero que vocês se esforcem para entender uma pessoa com paralisia cerebral ou uma pessoa que tem um derrame”. Muita gente que tem um derrame tem uma dificuldade na fala. E a gente depara o tempo todo. Então, o grande desafio com a Fernanda foi a gente se dedicar a esse tempo de ouvi-la e quebrar essa barreira de falar que não entendeu o que ela falou. As vezes a gente fica envergonhado e finge que entendeu. E ela ensinou que o constrangimento maior é fingir que entendeu ou ignorá-la.

Marcelo: Eu sou ansioso. E conversar com a Fernanda é um exercício de antiansiedade. Porque para ela falar uma frase leva cinco minutos. Você investe muito tempo para ouvir uma frase que se falaria em dez segundos. É muito interessante perceber isso. Quando eu estava com a Fernanda, eu entrava em outro ritmo. E eu sabia que a minha conversa ia levar um bom tempo, às vezes para falarmos três ou quatro coisas. Então, a gente se readequa no contato com o outro. Readequa a nossa ansiedade, a nossa forma de falar. Você também fala mais devagar.

Ialê: Isso de falar muito devagar, fez com que a gente aprendesse, inclusive eu por ser ansiosa, completava a frase dela. Ela começava a falar e eu ficava tentando adivinhar. Aí ela falava que saco, deixa eu falar.” Aí eu falava. “Tá, desculpa.”

- Isso é acessibilidade, é quebra de barreiras.

- No começo, alguns educadores achavam que não conseguiríamos ficar com ela. Nós tínhamos que olhar pra ela quando ela falava. Se não olhássemos, não conseguíamos entender. Depois, fomos acostumando e hoje ela liga e já nos falamos por telefone. A convivência rompeu tudo e a questão da coordenação motora também foi muito legal porque a Fernanda mostrou que os nossos jogos educativos, que são mais de cem elaborados pelos educadores, não são adaptados para quem tem a coordenação motora afetada. E aí ela elaborou com a equipe um tangram, um quebra cabeça enorme com a vista

aérea do Estádio do Pacaembu, com peças bem grandes, mas com complexidade. Ela trouxe muitos elementos da Educação para nós. E depois, percebemos que isso servia também para o idoso. Que pode ser montado no chão ou na mesa para que todos possam jogar.

- Depois trabalhamos com a Saúde Mental. Não é uma deficiência, mas é um público que a gente quis olhar com muito cuidado também. Foi a primeira residência que enfrentamos uma resistência, ou um medo maior da direção do Museu, que me chamou para entender melhor o perfil dessa residência, o que entendi super bem. São os medos. Os receios e os perigos em lidar com uma pessoa que pode entrar em surto, que pode colocar em risco o público do museu, a equipe, o acervo, ela própria. Então fomos procurar o SECO que é uma instituição da prefeitura que lida só com a saúde mental, principalmente com esquizofrênicos. Contamos do projeto e falamos que precisávamos de um perfil de residente que saiba falar da sua esquizofrenia. E queríamos tirar um pouco esse mito de que o esquizofrênico vai sair matando todo mundo, agredindo e que vai ter surto toda hora. O que é muito importante porque eles não são inseridos socialmente e pior do que isso a inserção profissional, né? E elas indicaram o Luiz e ele fala bem devagar, percebemos que ele tem algum déficit intelectual. E ele trouxe pra gente que quando era criança tomou muito remédio e tinha problemas na escola e muito provavelmente ele tinha uma dislexia. Mas, ele nunca teve surto e foi diagnosticado como esquizofrênico e foi muito medicado. E isso afetou a fala e a cognição com um déficit de aprendizado grande. Hoje continua tomando remédio, mas pouco. E a gente pensa quantas pessoas são diagnosticadas assim, simplesmente porque não aprendem no ritmo que a escola exige, que o professor exige ou até mesmo a sociedade mesmo exige. Cada um tem um ritmo... O Luiz contribuiu muito com a gente, mas com ele eu fico muito feliz de ver porque ele deu um depoimento pra gente muito emocionado de quanto o museu mudou a vida dele no sentido que ele entrou aqui um menino travado, tímido, com pânico de contato social e ele saiu daqui com amigos, redescobriu um talento dele de consertar computador, ter sido remunerado foi muito bom porque percebeu o quanto profissionalmente ele pode contribuir. Nos ajudou a trabalhar o museu pela ótica de alguém que faz tratamento para a saúde mental. O museu do futebol mexe muito com todos os nossos sentidos: Uma sala é quente, outra sala é fria, uma é silenciosa, outra é barulhenta. Então aprendemos a utilizar as salas entendendo que uma

sala que tem muitas imagens é exaustiva, a pessoa não sabe para onde olhar. Então vamos escolher a sala mais silenciosa, sempre avisar que vamos entrar em uma sala barulhenta e verificar se tem alguém que se incomoda. E, se tem, com essa pessoa a gente pega o elevador...Foram cuidados que fomos aprendendo e que o Luiz foi trazendo pra gente.

Esse projeto Deficiente Residente rendeu dois prêmios que nós temos bastante orgulho. Em 2012 o Prêmio Darci Ribeiro e em 2013 o Prêmio Iberoamericano.

Em 2015, fizemos a edição mais ousada de todas com todos convivendo juntos, um respeitando o outro, promovendo a acessibilidade entre eles. E surgiu a ideia de fazermos um documentário para ter esse projeto documentado. Nele tem fala da Amanda Tojal falando do projeto, tem as mães do André e do Mário com depoimentos muito ricos. A Ana, mãe do André que é autista, fala que o museu transformou a vida do filho dela. Que ele tinha muita dificuldade de falar sobre o autismo e com dificuldade de falar em casa e com o psicólogo e que depois do projeto ele tem orgulho de dizer que é autista e que ele fica procurando programas pra fazer e falando pra mãe “será que esse lugar é acessível, será que esse lugar está preparado para o autista...”

_ Além de tudo, ele ficou um crítico e isso é incrível!

Esse ano nós vamos trabalhar com a Estela...A Estela que vai ser a nossa residente tem Síndrome de Down. Ela tem Síndrome de Down com Autismo. Não é uma pessoa com Síndrome de Down clássica. É difícil. Ela tem a fala difícil, a cognição difícil...

Dilma: Deve ser bem complexo. Eu não conhecia um caso assim. Porque normalmente quem tem Síndrome de Down é muito afetivo. Com essa coisa do contato e de querer abraçar e beijar o tempo inteiro...Com o Autismo já é diferente, né?

Ialê: Nem um pouco. Ela não quer contato...O que é super legal também...E a gente vai cada vez mais quebrando essas barreiras...Qualificar o atendimento, né?

- Vocês querem almoçar primeiro ou conhecer o Museu?

Dilma: Eu prefiro conhecer logo o Museu... Acredito que quase todas as perguntas do meu guia vocês já responderam...falaram quais os parâmetros / indicadores / aspectos /

características tidos em conta no âmbito da acessibilidade. Sobre formação...Um trabalho maravilhoso.

- Talvez, falar um pouco mais sobre avaliação e se criaram algum relatório/artigo/documento escrito relativamente a todo o processo de criação de soluções acessíveis para este espaço? Se sim podem disponibilizar?

Ialê: Foram criados três artigos sobre o Deficiente Residente e um artigo do Museu Amigo do Idoso que foi o Projeto que fizemos no ano passado e que segue a mesma premissa. Fizemos com dois idosos. Uma idosa que mora na periferia e nunca tinha tido acesso a um museu e o outro, morador do entorno, super frequentador de museus. Trabalhamos com rendas diferentes, a parte cultural também diferente...E viraram dois pais pra gente. Foi muito legal...E a mesma premissa...Remunerando, trabalhando três meses, convivendo com a equipe e olhando para o museu e ajudando a gente a pensar porque o idoso não vem ao Museu do Futebol. Assim como a pessoa com deficiência, o idoso é um não público. Agora porque é um não público? Até porque o bairro em que a gente mora, tanto o Pacaembu quanto Higienópolis são bairros aqui do entorno em que a porcentagem de moradores idosos é muito alta. Porque não vem nesse museu e vai num outro que é muito mais longe ou vai no Shopping? Então, eles nos ajudaram a pensar estratégias também de mostrar que esse lugar também é um lugar legal. E eles mostraram pra nós que o problema é de acolhimento. Eles querem ser acolhidos e ajudaram a pensar em pesquisas para idosos...Foi muito legal. Temos o artigo deles e os outros três. Posso enviar por e-mail?

Dilma: Sim, por favor.

Ialê: Os instrumentos de avaliação mais utilizados foram os relatórios dos Residentes feitos a cada final de dia de trabalho. E da equipe também. Todas as propostas de mudanças são apontadas nos relatórios. E, a partir dos quais são realizadas as mudanças. A avaliação do Museu Amigo do idoso irá junto com o Artigo.

Dilma: A outra pergunta seria se ainda integra a equipe responsável pela acessibilidade do museu e a resposta é óbvia. Sim, na Coordenação do Programa Educativo e do Programa Deficiente Residente.

Dilma: Os recursos financeiros para o PAMF são viabilizados de que maneira?

- Por recursos próprios?

- Por financiamento público ou privado?
- São contínuos ou intermitentes?

Ialê: Os recursos do PAMF são viabilizados pelo próprio Contrato de Gestão da Organização Social que gere o museu (no nosso caso, o IDBrasil) com a Secretaria de Estado da Cultura. Anualmente, contamos com um repasse de verba da referida secretaria para viabilizar os programas do museu e suas respectivas ações e projetos (bem como pagamento de folha de pessoal). Quando do planejamento anual, idealizamos um montante financeiro suficiente para as ações que pretendemos desenvolver durante o todo o ano. No entanto, no contexto de restrição orçamentária que estamos vivendo, e com o envio destes recursos em parcelas durante o ano, cabe a nós fazer a gestão dos valores de modo eficiente até que a próxima parcela do repasse seja disponibilizada. Desta forma, podemos dizer que os recursos financeiros do PAMF são próprios, já que estão previstos no Contrato de Gestão e no contexto atual são intermitentes.

Dilma - E a última, que orientação daria aos gestores de espaços culturais de pequeno e médio porte, como o primeiro passo para o início do processo de acessibilidade?

Marcelo Continelli – A maior clareza do projeto é conhecer as pessoas com deficiência. Se colocar no lugar do outro sem ser uma pessoa com deficiência, não adianta. Isso foi o grande ganho. É a marca registrada do nosso projeto.

Ialê Cardoso – Pensar em número é importante, mas pensar em qualidade é tão importante quanto. E tentar entender que a acessibilidade de verdade é de dentro pra fora. A mudança tem que estar dentro do gestor. Se a acessibilidade não estiver dentro dele, será uma acessibilidade de mentira. E pensar nessa acessibilidade ampla. Física e atitudinal. É dedicação de tempo. Então, por exemplo, eu acho que um coordenador ou um supervisor de uma equipe educativa tem que ser um educador, tem que ser pessoas ligadas à Educação. Um gestor de museu tem que ter alguma ligação com cultura. E pensar nessa acessibilidade ampla, né? Física e atitudinal. Ter paciência...É dedicação de tempo...É parar tudo. Eu escolhi ter essa convivência. Então, eu também tenho que escolher abrir mão do eu estou fazendo e olhar para pessoa. É ter realmente uma relação de escuta, de fala, de diálogo.

Dilma: Quanto que a gente aprende nisso. É muito bom porque a gente aprende a parar e a olhar para as pessoas. Na nossa vida, na correria não paramos mais para olhar no olho...

Ialê: O aprendizado é pra vida...Eu preciso ouvir. É saber que cada um tem necessidades diferentes. A gente tem que saber ouvir a necessidade do outro. Parar de apontar a falha do outro. Esquece a falha do outro. O outro talvez não mude. Talvez não tenha essa predisposição que a gente tem. O que eu posso fazer para ser melhor no meu ambiente de trabalho, para atender melhor o meu público, porque esse espaço é meu também...Eu não sei te dizer se mudou a cabeça de todos os diretores. Acho que sim. Mudou um pouquinho ou muda muito...É isso, a gente está fazendo a nossa parte...É isso.

Dilma: E muito bem feita.

Ialê: Obrigada...Você gostou?

Dilma: Estou encantadíssima...Já era...Agora estou mais ainda.

- Muito obrigada.

ANEXO 7 – GRELHA DE ANÁLISE TEMÁTICA



Mestrado em Comunicação Acessível

Orientadora: Jenny Gil Sousa

Coorientadora: Carla Sofia Costa Freire

Pesquisadora: Dilma de Andrade Negreiros – Matrícula 1150983

GRELHA DE ANÁLISE TEMÁTICA

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. DIRETRIZ	1.1. Com base na Literatura	
	1.2. Com base em estudo de percepção por parte de públicos específicos	
	1.3. Foram contactados especialistas nesta área	
2. PARÂMETROS, INDICADORES, CARACTERÍSTICAS, ASPECTOS	2.1. Pensado em projeto inicial de criação do ambiente cultural	2.1.1 Desenho Universal
		2.1.2. Acessibilidade Arquitetónica
		2.1.3 Acessibilidade Atitudinal
		2.1.4 Acessibilidade Comunicacional
	2.2. Pensado em projeto posterior a criação do ambiente cultural	2.2.1 Desenho Universal
		2.2.2. Acessibilidade Arquitetónica
		2.2.3 Acessibilidade Atitudinal
		2.2.4 Acessibilidade Comunicacional
3. AVALIAÇÃO	3.1. Realizadas por especialistas	
	3.2. Realizadas pelos visitantes	
	3.3. Realizadas pelos Técnicos	
4. FORMAÇÃO	4.1. Para os técnicos do Educativo	
	4.2. Para Direção	
	4.3. Para equipe de recepção	
	4.4. Para toda a equipe do Museu	
5. RECURSOS FINANCEIROS	5.1. Viabilizados por recursos próprios	5.1.1. Periodicidade contínua
		5.1.2. Periodicidade intermitente
	5.2. Viabilizados por financiamento público	5.2.1. Periodicidade contínua
		5.2.2. Periodicidade intermitente
	5.3. Viabilizado por financiamento privado	5.3.1. Periodicidade contínua
		5.3.2. Periodicidade intermitente

ANEXO 8 – DIRETRIZ PARA TORNAR O MUSEU ACESSÍVEL

Quadro 01 – Caracterização das diretrizes para tornar o Museu acessível, por ambiente cultural.

DIRETRIZ	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
Com base na literatura	A pesquisa em Museus Acessíveis durou 2 anos e deu-se na forma de um Pós-Doc, levado a cabo em Londres, no Imperial College of London.	A partir do projeto de Mestrado e da minha experiência com o programa o “Museu e a Pessoa com Deficiência” do MAC USP. Além das dimensões de <u>Sasaki</u> .	Sobre a literatura de referência, primeiro a gente começou com a experimentação mesmo, hoje em dia podemos dizer que as nossas maiores referências, principalmente em acessibilidade, é o Evgen Bavcar, Fotógrafo cego. Tem um texto dele aqui no livro Programa Igual Diferente. Essa reflexão que ele traz de Museu de outra Percepção, nos inspira muito. Tem um curso no Programa do Igual	A Especialista Amanda Tojal é a referência para o Museu do Futebol.

DIRETRIZ	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
			<p>Diferente que chama “Imagem e Percepção”, sobre técnicas de Fotografia e Artes Visuais para pessoas cegas, com baixa visão e não cegas.</p> <p>Outra referência forte literária, apesar de mais recente, muito no campo da arte e da educação se chama Luis Camnintzer, artista e pedagogo. Ele diz que “em algum momento da história um filisteu separou a arte da educação, campos que nunca deveriam ser separados. Porque uma educação que não é criativa é uma má educação e uma arte que não educa, não é arte.” Ele é um grande nome da arte conceitual.</p>	

DIRETRIZ	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
			<p>- Paulo Freire é também uma referência, trabalhamos com a filha dele, Fátima Freire, há mais de 10 anos. Tem uma frase dele que diz “Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” E Hélio Oiticica diz que “o Museu é o mundo”, então é “esse mundo museu aqui em que estamos nos educando. Também rejeitamos a ideia de que educação existe para preparar para o futuro. Não, Educação é presente, é presença.</p>	

DIRETRIZ	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
			Outra referência nossa é o filósofo da educação Jorge Larossa.	
Com base em estudo de percepção por parte de públicos específicos	Partindo do princípio de que TODOS os visitantes têm necessidades específicas. Houve também o cuidado de não haver abordagens seletivas; ou seja, nada foi feito “para... cegos, surdos...”. Tudo foi criado e disponibilizado para que qualquer pessoa, com ou sem deficiência, possa utilizar e fruir das várias soluções oferecidas.	Eu tive que dar a cara pra bater e ir na prática. Eu não sei lidar com a criança com paralisia cerebral, eu vou para AACD e faço um estágio lá. Eu não sei lidar com a criança surda ou um jovem surdo eu vou para uma instituição de surdos e aí vou ver como é que se faz e eu não sei lidar com cegos, vou procurar quem trabalha com cegos na USP na Universidade de São Paulo. E eu descobri que na Geografia da USP havia uma Educadora maravilhosa que fazia mapas táteis. Ela trabalhava no setor que a	Começamos pelo lugar da criação, começamos pelo Ateliê. Então, a convivência com as pessoas que estavam aqui fazendo seus projetos, realizando seu processo de criação autoral e que resultavam em exposições e tudo mais. Isso é que foi criando a demanda para se pensar a acessibilidade no museu todo.	A gente começou lidando com as pessoas com deficiência e pensando, num primeiro momento na pessoa cega, porque o museu é muito visual. Aí a gente foi trabalhando todas as outras deficiências, depois a gente trabalhou com idoso. O museu em 2015 teve uma exposição sobre a Visibilidade do Futebol Feminino, uma campanha para falar da inserção da mulher nesse esporte. Esse ano estamos trabalhando o público LGBT. Então, cada vez mais a gente está mostrando que,

DIRETRIZ	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
		gente chamava de setor de atendimento de relevo de mapas e que levava para as escolas, para as crianças entenderem pelo menos o que era o mapa do Brasil. Era Instituto de Cartografia Tátil. Comecei a fazer essa pesquisa um pouco aqui, um pouco ali e pensei, não atender à só um tipo de deficiência.		não só o Museu do Futebol, mas todos os museus são pra todo mundo. É difícil, né, pois há um distanciamento das pessoas em relação ao museu. As pessoas não sentem o museu como um espaço de pertencimento.
Foram contatados especialistas nesta área	O meu projeto então visou visitar o maior número possível de museus, na Europa e no mundo (foram 65 no total), e entrevistar profissionais e usuários, com vista a colher as melhores práticas de comunicação acessível nesses locais.	Os técnicos de cada instituição que cuidavam de pessoas com as diversas deficiências.	Sempre contamos com intercâmbio dos técnicos que trabalhavam nos espaços, que nos vinham visitar, onde buscávamos aprender. Por exemplo, nos CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) com o público de saúde mental, trabalhávamos com Psicólogos. Na Derdic, com os	Quando o Museu do Futebol começa a ser pensado pela Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo, pela Fundação Roberto Marinho e por uma equipe de pessoas qualificadas, a Amanda Tojal é convidada a integrar o time para pensar o Programa de

DIRETRIZ	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
			<p>Professores dos alunos surdos.</p> <p>O processo de Aprender para Ensinar de formação de educadores surdos teve um especialista que fundamental, que se chama Élie Bajard, um Linguista francês. Outra especialista que colaborou nesse processo foi a Helena Quintana fez o projeto de acessibilidade arquitetônica do museu. Agora contamos com Carolina Fomin nessa área. A Fátima Freire Dowbor, que é nossa assessora pedagógica. O Centro de Educação para Surdos Rio Branco foi uma referência muito importante para nosso entendimento sobre cultura surda.</p>	Acessibilidade do Museu do Futebol, o PAMF.

DIRETRIZ	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
			A Amarilis Reto é uma professora de crianças surdas e tem uma pesquisa de poesias para surdos. Ela ajudou muito a equipe a trabalhar a compreensão da dimensão simbólica para os surdos.	

ANEXO 9 – PARÂMETROS, INDICADORES, CARACTERÍSTICAS, ASPECTOS

Quadro 02 – Caracterização dos parâmetros/indicadores/aspectos/características tidos em conta no âmbito da acessibilidade, por ambiente cultural.

PARÂMETROS, INDICADORES, CARACTERÍSTICAS, ASPECTOS	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
Desenho Universal (Para todos os visitantes)	Pensado para quaisquer pessoas com ou sem deficiência.	Implantando o segundo programa para públicos com deficiência o PEPE (Programa Educativo Públicos Especiais).	O MAM nasce de um desejo de ser um museu realmente de todos. Quando, em 1996, a Milú Villela assume a presidência, não havia interesse que o museu fosse um lugar exclusivo, elitista. O ideal é que consiga chegar num lugar que a acessibilidade não seja pensada posteriormente, como um anexo.	Hoje precisamos pensar de maneira acessível. E não porque é moda. Mas sim como uma das missões de um equipamento cultural. Qual é a função do museu? Para quem que existe um museu? Pra quem é o mu- seu? O museu é pra todo mundo. É pra população. Quem é essa população? Essa população é todo mundo.

PARÂMETROS, INDICADORES, CARACTERÍSTICAS, ASPECTOS	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
Acessibilidade Arquitetônica	Desenvolvida tendo em conta parâmetros de acessibilidade.	O museu tem que permitir que você entre e saia e que tenha o mínimo de acessibilidade e mobilidade física. Então isso é importante. A Pinacoteca já tinha isso porque havia feito uma reforma há poucos anos antes de eu entrar.	Helena Quintana fez o projeto de acessibilidade arquitetônica do museu. Agora contamos com Carolina Fomin nessa área.	A parte da acessibilidade física já nasce com o programa de acessibilidade e isso faz toda a diferença, obviamente. Na bilheteria, por exemplo, se chega uma pessoa cega ela já pode pegar o audioguia e começar o percurso porque ali já tem o piso tátil. A gente tem a plataforma adaptada logo na primeira sala, que a gente chama de grande área, que dá acesso ao cadeirante, mas não só ao cadeirante. Carrinho de bebê é muito utilizado ali, qualquer pessoa que esteja com a locomoção reduzida, idoso...tem também a escada rolante, a escada

PARÂMETROS, INDICADORES, CARACTERÍSTICAS, ASPECTOS	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
				convencional, todos os nossos banheiros são adaptados.
Acessibilidade Comunicacional	O meu projeto então visou visitar o maior número possível de museus, na Europa e no mundo (foram 65 no total), e entrevistar profissionais e usuários, com vista a colher as melhores práticas de comunicação acessível nesses locais. Ao recolher essas boas práticas, determinei um conjunto de parâmetros que foram depois aplicados e testados no Museu da Comunidade	Tem que ter uma acessibili- dade Comunicacional. As exposições têm que falar para todos. É uma dificuldade enorme porque Curador nenhum quer que você interfira na curadoria. Então, o que eu falei: na Pinacoteca eu vou construir um carrinho. Esse carrinho vai ser a minha curadoria. Um carrinho de acessibilidade. Esse carrinho multissensorial foi implantado na Pinacoteca.	Se acessibilidade faz parte da concepção e da criação poética, ela fica muito mais simples e interessante. Pensar as questões sensoriais. Pensar o desenvolvimento do ser humano em sua plenitude... Na nossa equipe a gente tem o Léo Castilho que é Educador que é Surdo, tem o Rogério Ratão, que é Professor e que é cego, tem o Ney e o João que têm Síndrome de Down e que trabalham na recepção e tem o José Ricardo, que veio de um CAPS, que era aluno do Programa Igual Diferente e hoje é Produtor de Atelier.	O audioguia para pessoas ce- gas e com baixa visão é maravilhoso e foi inteiro feito pelo Hélio Ziskind, ele é um músico muito sensível. É uma delícia. É um audioguia longo, mas a gente dá autonomia para pessoa cega fazer todo o percurso sozinha se ela quiser, ouvindo o audioguia inteiro. Temos o folder em Português e Inglês. A ma- quete tátil feita pela Dayse Tarricone é uma maquete que a gente tem na grande área que é incrível porque é do entorno aqui do Pa- caembu. Ela tem a praça,

PARÂMETROS, INDICADORES, CARACTERÍSTICAS, ASPECTOS	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
	Concelhia da Batalha (MCCB) em Portugal. Desenvolvida tendo em conta parâmetros de acessibilidade.			tem o entorno e tem o complexo esportivo e as gavetinhas que a gente tem ali com a legenda em Braille, em texturas... E tanto a maquete quantos os materiais sensoriais que a gente tem de resina nas salas, a gente não disponibiliza só para as pessoas cegas ou com baixa visão. Esse é um material que está disponível para qualquer pessoa. Então a gente não segrega, não é um espaço segregado só para pessoa com deficiência.
Acessibilidade Atitudinal	Desenvolvida tendo em conta parâmetros de acessibilidade. Envolver todos os elementos da equipa museológica num	Esse conceito implica em orientar e formar pessoas que possam multiplicar a importância da acessibilidade em todos os níveis da nossa sociedade. Então eu abri um	Aqui a acessibilidade é responsabilidade de todas as áreas, todos tem que estar envolvidos. A recepção tem que estar preparada para todos, o restaurante tem que	Você faz um programa lindo de acessibilidade e ele fica um pouco de lado. Aí a gente começou a pensar com a equipe de educadores, com a direção, enfim, como a gente

PARÂMETROS, INDICADORES, CARACTERÍSTICAS, ASPECTOS	AMBIENTES CULTURAIS			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
	diálogo aberto que leve à determinação da abordagem que melhor se adequa ao perfil do espaço cultural e aos perfis dos visitantes existentes espectáveis.	curso que chama Ensino da Arte na Educação Especial Inclusiva.	ser pensado para todos. A transversalidade tem a ver com a equipe profissional.	pode quebrar essa barreira atitudinal e fazer com que esse museu honre esse programa de acessibilidade. Fazer com que as pessoas entendam que esse museu é pra elas. E aí, de uma maneira ousada e ao mesmo tempo simples, a gente pensa nesse projeto de convivência, um projeto de residência com pessoas com deficiência. Então, a gente pensa nesse projeto nesse sentido que prioriza a relação humana para ampliar o significado das experiências atitudinais.

ANEXO 10 – AVALIAÇÕES

Quadro 03 – As avaliações dos níveis de acessibilidade, por ambiente cultural.

AVALIAÇÕES	AMBIENTE CULTURAL			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
Realizadas por especialistas	Por peritos nacionais e internacionais.	Por pesquisadores que têm a Pinacoteca como referência pioneira em Acessibilidade em ambientes culturais.	O Guia de Acessibilidade Cultural é exemplo de um diagnóstico do que é acessível ou não. Houve também a avaliação por documentário para Copa de 2014 para os espaços acessíveis. Tem um grupo do Instituto Paranaense de Cegos que tem um projeto nomeado Ver com as Mãos, e eles fizeram um vídeo da visita ao museu avaliando a acessibilidade. A Carol Fomin dá o Curso Acessibilidade na Prática para arquitetos e para	A Especialista Amanda Tojal é Consultora para avaliação dos programas e projetos.

AVALIAÇÕES	AMBIENTE CULTURAL			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
			quem tem interesse em acessibilidade arquitetônica, e ela usa o espaço do Museu para fazerem avaliações e diagnósticos. A Viviane Sarraf, sempre trazia alunos cegos do Dorina Dowil para avaliação. São demandas espontâneas, sempre avaliações externas.	
Realizadas pelos visitantes	Múltiplas ações de avaliação, com pareceres individuais.	Sempre que há uma visita de público na Galeria Tátil da Pinacoteca que é uma galeria que dá autonomia para o público com deficiência visual, ele recebe um formulário de avaliação pra ele dizer o que achou. Para o público surdo também. O educador surdo	As pessoas com deficiência que veem visitar o museu espontaneamente nos retornam em conversas com nossos educadores, com avaliações e sugestões. Já as visitas mediadas têm os formulários para serem preenchidos sobre as exposições. Nosso educador	Questionário de pesquisa para o público.

AVALIAÇÕES	AMBIENTE CULTURAL			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
		<p>faz a avaliação com o público surdo. Ele prepara o relatório e faz esse questionário de avaliação. E fazemos também a avaliação com o público com deficiência intelectual, mas é uma avaliação diferenciada é uma avaliação que você mostra objetos e eles respondem o que que eles acham, se está sendo bom, se eles estão gostando, se eles entenderam. Nesse caso, a gente faz uma avaliação mais com desenhos a gente usa muito a imagem para fazer essa avaliação com o público com deficiência intelectual. A gente criou inclusive relatórios muito específicos.</p>	<p>surdo também recebe o público ouvinte enquanto o intérprete faz a voz dele.</p>	

AVALIAÇÕES	AMBIENTE CULTURAL			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
		Relatório para o público cego, relatório para o público com deficiência intelectual, relatório para o público surdo, relatório para o público com deficiência física. A gente avalia e tabula isso. Tanto de uma forma qualitativa quanto quantitativa.		
Realizadas pelos técnicos	Técnicos e peritos fizeram múltiplas avaliações durante e após o processo.	Nós temos que avaliar a equipe e sermos avaliados, inclusive. Isso é uma dinâmica dos recursos humanos da instituição. Isso a gente faz, agora o que a gente focava era a avaliação do público. Eu não focava na avaliação assim direta dos meus técnicos. Nós trabalhávamos muito essa dinâmica fazíamos avaliação	Na avaliação anual de gestão, a Coordenação avalia o quanto o trabalho de cada um inclui e envolve os outros profissionais em sua ação. Todos trabalham em todas as ações. Todos os educadores acompanham os cursos do Igual Diferente, atendem o Família MAM, o Contatos com a Arte, que é o Programa de Formação de Professores e	Os instrumentos de avaliação mais utilizados foram os relatórios dos Residentes feitos a cada final de dia de trabalho. E da equipe também. Todas as propostas de mudanças são apontadas nos relatórios. E, a partir dos quais são realizadas as mudanças.

AVALIAÇÕES	AMBIENTE CULTURAL			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
		entre nós, mas de uma maneira mais informal. O que a gente formalizou foi essa avaliação permanente do público.	Educadores, todos fazem a programação do Domingo MAM para jovens frequen- tadores do parque. E todos trazem as suas pesquisas pessoais que alimentam as ações educativas, assim como as ações do museu alimentam as pesquisas de cada um.	

ANEXO 11 – FORMAÇÃO

Quadro 04 – Formação ao nível de acessibilidade, por ambiente cultural.

FORMAÇÃO	AMBIENTE CULTURAL			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
Para os técnicos do Educativo	Formação detalhada sobre como receber visitantes com necessidades específicas.	Eu abri um curso que chama Ensino da Arte na Educação Especial Inclusiva. Esse curso existe até hoje. É um curso semestral que todo ano é oferecido para o público geral e para os funcionários do museu.	Toda vez que muda a exposição, a equipe tem um período dedicado ao estudo. Tanto para estudar a exposição quanto para a nossa formação pedagógica em diversos aspectos. Sempre há uma fala de acessibilidade nesse período. Além disso, os educadores e a equipe de recepção fazem aulas de LIBRAS continuamente, e passaram por formação básica em audiodescrição. Eles fazem a audiodescrição de algumas obras, e temos	A Amanda Tojal foi responsável pelo PAMF e quando o museu abre ela fez uma capacitação para equipe em 2008. Em 2010, o Projeto Deficiente Residente, de convivência com pessoas com deficiência, inicia-se para ser realizado em uma residência curta. Porque a ideia não é se tornar conhecedor daquela deficiência. É simplesmente saber como melhorar o atendimento do público no museu, perante uma pessoa com deficiência igual à daquela pessoa que está residente. O

FORMAÇÃO	AMBIENTE CULTURAL			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
			consultoria com o professor Rogério Ratão, que propõe os ajustes necessários.	Projeto é pensado com a pessoa com deficiência e não para.
Para Direção	Sim. Todos os envolvidos.	Sim. Todos os envolvidos.	A acessibilidade é responsabilidade de todas as áreas, todos tem que estar envolvidos.	Por meio de reuniões realizadas pela Coordenação Educativo.
Para equipe de recepção	Formação detalhada sobre como receber visitantes com necessidades específicas.	O curso Ensino da Arte na Educação Especial Inclusiva. Uma formação básica para que esses funcionários de recepção possam fazer um atendimento mais acolhedor.	Aulas de LIBRAS continuamente, e passaram por formação básica em audiodescrição.	Toda a equipe passa pela formação, pela convivência.
Para toda a equipe do Museu	Sim. Todos os envolvidos.	A Pinacoteca oferece um curso de formação interna chamado Consciência Funcional coordenado pela educadora Maria Stella Silva. Participamos desse programa ministrando um mini curso aos funcionários inclusive introduzindo conhecimentos básicos de LIBRAS para eles.	Toda vez que muda a exposição, a equipe tem um período dedicado ao estudo. Tanto para estudar a exposição quanto para a nossa formação pedagógica em diversos aspectos.	Toda a equipe passa pela formação, pela convivência.

ANEXO 12 – RECURSOS FINANCEIROS

Quadro 05 – Viabilização de recursos financeiros, por ambiente cultural.

VIABILIZAÇÃO DE RECURSOS FINANCEIROS	AMBIENTE CULTURAL			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
Próprios	De venda de ingressos na Bilheteria.	De venda de ingressos na Bilheteria.	Há recursos próprios da bilheteria do museu, dos cursos, do programa de sócios, restaurante, loja, e o Clube dos Colecionadores.	Podemos dizer que os recursos financeiros do PAMF são próprios, já que estão previstos no Contrato de Gestão.
Financiamento Público	Financiamento da autarquia local – Câmara Municipal da Batalha – e com fundos nacionais e da União Europeia.	Pinacoteca tem patrocínio todo ano. Existe uma facilidade ali, dentro da Lei Rouanet, dentro dos PROACs e PRONACs.	Nos inscrevemos muito em prêmios e editais. Já tivemos também recurso de financiamento estadual do PROAC de renúncia fiscal.	Os recursos do PAMF são viabilizados pelo próprio Contrato de Gestão da Organização Social que gere o museu (no nosso caso, o IDBrasil) com a Secretaria de Estado da Cultura. Anualmente, contamos com um repasse de verba da referida secretaria para viabilizar os programas do museu e suas respectivas ações e

VIABILIZAÇÃO DE RECURSOS FINANCEIROS	AMBIENTE CULTURAL			
	MUSEU DA COMUNIDADE CONCELHIA DA BATALHA (MCCB)	PINACOTECA DE SÃO PAULO	MAM SP	MUSEU DO FUTEBOL
				projetos (bem como pagamento de folha de pessoal).
Financiamento Privado	Não informado.	Prêmios, editais e patrocínios específicos para projetos especiais.	Prêmios, editais e patrocínios específicos para projetos especiais.	Não informado.
Contínuos ou Intermitentes	Contínuos.	Contínuos.	Os primeiros são contínuos e os seguintes, intermitentes.	No contexto atual são intermitentes. No contexto de restrição orçamentária que estamos vivendo, e com o envio destes recursos em parcelas durante o ano, cabe a nós fazer a gestão dos valores de modo eficiente até que a próxima parcela do repasse seja disponibilizada.